

De HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

TEATRO

A noiva — O Duque de Viseu — Exg.
O Duque de Viseu, 2.ª ed.
A Morta
Afonso de Albuquerque
O Salto Mortal — Amor Louco...
Nó cego
O Azebre
A Herança
Saldade

ROMANCE

Os Órfãos de Calecut
Terra de Santa Cruz

SCENAS DE VIDA HERÓICA

1.ª série — *Sangue Português, 3.ª ed.*
2.ª série — *Gente Namorada, 2.ª ed.*
3.ª série — *Lanças n'África*
4.ª série — *Capa e Espada*
5.ª série — *Fumos da Índia*
6.ª série — *Santos de Casa*
7.ª série (em preparação) — *Almas Penadas*

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI
O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica
Memórias Académicas, conferências, etc.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa

Lanças n'África

2.ª EDIÇÃO



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
COMPANHIA EDITORA
58 - RUA GARRETT - 60

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceitnam as disposições do *Código Civil Português*; no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu também pela lei n.º 4541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Assim não me intimidasse a imputação de jactancioso, que eu subintitularia este livro Episódios de uma epopeia ignota. Eu não sei com efeito de assunto que, pela singeleza do heróismo, pela nobreza dos antagonistas, pelo fanatismo das crenças opostas, e até pela braveza das paixões desencadeadas, pudesse competir com a esabulação da Ilíada, como esta luta afanosa de um punhado de portugueses, espalhados durante dois séculos no litoral da Mauritânia.

Chamo-lhe ignota, porque, encandeada pelos prestígios do Oriente, quasi se desinteressou dessa epopeia a mesma grel que a realizou. Nem nos Lusíadas existem mais que passagens alusões, pôsto que naquelas paragens se houvesse afeito às armas o braço juvenil do poeta. E o Algarve de Além-Mar, que deveria porventura ser campo de eleição para as energias nacionais, não figurou, do século XVI a esta parte, senão como inane parcela do

aranzel retumbante que rotulava os reis de Portugal.

Mas nem o ádito dêste modesto edificio se adapta a dissertações de política histórica, nem já goteja sangue, por mais que a retorçam, a orelha portuguesa. Eu apenas tento, pela divulgação de tradições mal emergidas do ineditismo, contribuir para a revigoração do sentimento patriótico, única fôrça coesiva susceptível de neutralizar o exclusivismo dissolvente das classes. Pudesse além disso a minha desluzida obra sugerir a mais altos espiritos a reconstituição integral dessa história épica, à qual já pôs robustos alicerces o meu erudito colega Dr. David Lopes!

Para essa sugestão possui a presente colecção, à falta de outras, uma virtude essencial: todas as narrativas que a compõem se baseiam em textos fidedignos, que me absteinho de alardear em livro de singela romantização. Coligi-as numa ordem aproximada-

mente cronológica, branqueando o incio com a alvorada esplêndida de Ceuta, arroxando as derradeiras páginas com o desolado crepúsculo de Alcácer Quibir. Foi entre estes dois limites que as lanças portuguesas retraçaram a tostada gleba marroquina com reverberações ainda hoje distingutíveis. Fixêmo-las, em papel ao menos, antes que a sombra das espingardas espanholas e francesas as engula de todo.

H. L. M.

O Aléo

Enxurrava pelas ruas tortuosas de Ceuta uma lama fragante e viscosa, desentranhando-se dos sacos de especiarias lacerados, dos barris de conservas, das jarras de manteiga, de mel, de arrobe, de azeite, arrombados pelas achas e pelos gládios dos conquistadores. Tudo aquilo fermentava ao sol de Agosto. Da opulenta cidade, como de uma enorme caçoila, evolava-se um fartum estranho, em que predominava a nota estrídula da pimenta e o aroma adocicado da canela. Atascando os rudes borzeguins nesse lamaçal precioso, os soldados cristãos, arrependidos da estúpida fúria destruidora, catavam cobiçosamente os resquícios que podiam salvar da podridão e do esmagamento.

Passavam outros, ajoujados de trouxas e fardéis, celebrando com gargalhadas e clamores ignóbeis os despojos do saque. Retumbavam pragas e injúrias, dos conciliábulos onde se partilhavam as presas. Cabeças ao

léu, muitos abarrotavam de jóias, moedas, bugingangas de preço, os bacinetes e as celadas brunidas. E os grossos beiços de transmontanos e algarvios, de beirões e alentejanos, chupavam, entre risadas brutas, as delicadas pastilhas, feitas adrede para perfumar o hálito das odaliscas.

A espaços ejaculava das portas entreabertas o somido de marteladas rijas e imprecações ferozes, acolhidas fora com risos de escárnio. Eram os mais ávidos ou os menos favorecidos, que rasgavam fojos na terra movediça, abatiam paredes de alvenaria, prescrutavam poços e cisternas, esgaravavam madeiros ensamblados de arabescos, à procura de tesouros ocultos. Ora surdia um alentado bêsteiro, sobraçando um vaso de esmalte ou uma albarrada luzente; ora um gigantesco homem de armas, ocultando nas dobras policromas de um tapete o liso metal das gorgueiras e dos avanbraços.

E todos, boçais montanheses ou chambões litóreos, relembavam o regalo de noites dormidas em fôfas camas mouriscas, sob almucelas de desvairados labores, êles, que nas choças longínquas da pátria calejavam os membros na dureza pétreia das enxérgas e no lanudo arrepio das mantas.

Coleava a multidão pelas ruas e betesgas

da cidade, serpe de anéis multicores, encaçacolando-se, redemoinhando, adelgaçando, ennovelando-se, ensanchando-se, ao sabor das vísceras urbanas em que se confinava. Regorgitava dos bazares saqueados, das tercenas devastadas, dos pátios ladrilhados de mármore, dos haréns onde os farrapos mantinham rescendências de almíscar, das mesquitas em que refulgia o oiro dos versículos sagrados. Chispava a luz nos arneses polidos, esbatia-se em jórneas discretas, ensanguentava-se, azulava-se, esverdeava-se nos sirgos vistosos. E, freqüente, mosqueava a mó espêssa a mancha negra, branca e vis, da libré do infante D. Henrique, arranhada pela capela de carrasqueiro, a meio da qual brilhava o arrogante mote: *Talant de bien faire*.

Mas na grande praça, defronte da mesquita principal, menos densa era a multidão, só de fidalgos e gente de prol. Espalhados em grupos, aproveitando a sombra azulada dos edificios, entretinham-se em práticas acêrca da vitória que Deus lhes dera sôbre as hordas agarenas, emquanto lá dentro da mesquita, já santificada por Cristo, el-rei D. João I deliberava sôbre os destinos da praça.

— Bemdito seja Deus — dizia o nonagená-

rio Aires Gonçalves de Figueiredo — que me permitiu ver os corvos de S. Vicente a esvoaçarem por cima de uma fortaleza da mourama!

E apontava para a bandeira da cidade de Lisboa, desfraldada sôbre o castelo de Ceuta, agitando a nau simbólica no fundo azul do céu.

Junto dêle achava-se Frei João Xira, sereno e grave em seu hábito negro. E redarguiu, com a mesma voz pausada e sonora que em seus sermões arrebatava os crentes:

— E ouvir reboar sôbre as tôrres de uma grande mesquita êsses mesmos sinos, que, há tanto tempo em mãos de infiéis, não esqueceram, todavia, a sua toada santa.

E o seu braço alongava-se para os dois sinos, outrora roubados em Lagos e encontrados por diligências do infante D. Henrique entre montões de ferrugenta sucata.

Mas no extremo da praça abria-se um terreiro desafogado, onde alguns fidalgos se desenfasiavam, jogando a choca. Riscavam o espaço as esferas poentas, e sentia-se a pancada sêca dos rijos aléos de zambujo na redondeza das bolas.

— Ruim jogada a vossa, conde! — exclamou rindo um dos parceiros. — Alhur ocupais o tento, que nem pareceis o destro jogador do costume.

O conde D. Pedro de Menezes, a quem êle se dirigia, encolheu os hombros com indiferença. E como enxergasse de longe, a sair da mesquita, a galharda figura de Lopo Dias de Sousa, em cujo manto flutuante vermelhava a insígnia do mestrado de Cristo, para êle se dirigiu de golpe, dizendo aos companheiros:

— Aguardai-me um instante, eu vo-lo rogo!

E apenas o mestre de Cristo conseguiu abrir caminho por entre os grupos que o assaltavam com interrogações, D. Pedro por sua vez perguntou ansioso:

— Que novas me dais, meu tio?

O filho de D. Maria Teles segredou então a seu sobrinho o que ocorria. Sua Mercê o rei, por indicação do conselho, convidara em primeiro lugar o condestável para ficar por governador e capitão de Ceuta. Mas Nun'Álvares escusara-se, alegando a idade protracta para tamanhos trabalhos. Sabia-se que o requeria o serviço de Deus no mosteiro do Carmo, que êle fundara em Lisboa.

Gonçalo Vaz Coutinho, logo em seguida convidado, também se escudara na velhice para se eximir ao pesado encargo. E D. João I ficara descontente com a escusa do marechal.

Por derradeiro, Sua Mercê elegera o seu

guarda-mor, Martim Afonso de Melo. E Martim Afonso, agradecendo-lhe a honra, pediu-lhe tempo para consultar os seus.

— Olhai! — prosseguiu D. Lopo Dias, apontando um grupo de três personagens, que animadamente conferenciavam, encostados a um colunelo de pórfiro. — Ei-lo que se aconselha com João Gomes Orvalho e Álvaro Vasques Tisnado, homens de sua criação.

Mas D. Pedro de Menezes escutava-o com visíveis mostras de impaciência. Acurvava a estatura meã, num balancear rítmico que fazia lantejoular as sôlhas do laudel, e brandia a espaços no braço membrudo o duro aléu, forte como um cajado serrano.

— Mas de mim, meu senhor tio, ninguém fala? — desabafou por fim, num assômo em que vislumbrava a cólera.

— Assocegai-vos, D. Pedro! — redarguiu o mestre de Cristo, com um sorriso calmo. — Eu e o Prior do Hospital já nos empenhámos com o senhor infante D. Duarte, para que de vossa requisição falasse a el-rei seu padre...

— E agora?

— Agora, veremos se Martim Afonso, ao revés dos outros, aceita os perigos e as fadigas desta governança...

Um clamor de trombetas, enchendo os ares serenos, atalhou a prática. Jorrando da mes-

quita, sob a ferradura dicroma da portada, uma torrente luzida de portugueses ia alargando pelo âmbito do átrio. A meio, com o elmo argênteo cingido por uma corôa de oiro, realçava o semblante escanhado e moreno de D. João I. E tôda a nobre multidão, à similhaça de ansioso enxame a voar para a colmeia, acorreu dos recantos da praça, a aglomerar-se respeitosamente em volta do velho rei, erecto nos degraus do templo.

Os olhos perspicazes do soberano circunvagaram por sôbre o mar, coalhado de variegadas plumas, que se alagava em tórno. Deteve a vista e fêz um ligeiro aceno. E logo dêle se acercou Martim Afonso de Melo, inclinando a cerviz grisalhante.

— Que resolveis, Martim Afonso? — perguntou gravemente o monarca.

— Vossa Mercê me perdôe, mas não pude fazer com os meus que acordassem na minha ficada...

— E enjeitais também tamanha honra? — interrompeu o rei, franzindo o sobrolho. — Basta! Em tal mais não falemos.

Não lhe foi mister esgaravatar a turba com o olhar agudo, para divisar a mirada ansiosa do conde D. Pedro, sôbre a barba negra que o camal brilhante emoldurava.

— D. Pedro de Menezes — disse êle ao fi-

dalgo, que logo se aproximou — requereu meu filho em vosso nome que honrasse com minha escolha ao seu alferes. E por serdes homem de tal linhagem, e que tanta fé deveis a vosso rei e amigo, eu vos pergunto: sentis em vós esforço para defender de infieis esta cidade que Deus Nosso Senhor pôs em mãos portuguesas?

D. Pedro, como se a pergunta fôsse quasi uma ofensa, ergueu na mão possante o báculo que para o jôgo frívolo manejara, e exclamou com arrogância:

— Senhor, com êste bordão apenas vos protesto defender a praça de Ceuta da mou-rama em pêso.

D. João I sorriu, como o rei Artur entre os valentes próceres da Távola Redonda, e replicou com brandura:

— É forte o vosso coração, amigo. Mas não faltarão ânimos portugueses para vos ajudar na empresa. Meus filhos e meus capitães vos deixarão gente bastante para que o nome de Cristo nunca se apague nesta igreja, nem as quinas de Portugal desapareçam de sobre aquele castelo. Apraz-me desde já eleger alguns dêles.

Pousou a vista nos dois interessados conselheiros de Martim Afonso de Melo, e continuou com ironia:

— Ai tendes João Gomes Orvalho e Álvaro Vasques Tisnado, de quem recebereis forte acorro, pois que ficarão convosco.

E desviando os olhos dos dois, transidos de raivoso respeito, concluiu com solenidade:

— Eu vos saúdo, D. Pedro de Menezes, capitão e governador de Ceuta por el-rei de Portugal!

Radiante de júbilo, o conde de Viana curvou-se perante a majestade consagrada por um povo de heróis. E antes de levar aos lábios a mão régia, perguntou:

— Senhor, quando vos prestarei preito e menagem, dêste castelo e desta cidade que são vossos?

E D. João I respondeu, tirando-lhe brandamente das mãos o aléio que ainda o conde empunhava:

— Aqui mesmo vos recebo a menagem, amigo. E êste bastão, que ora vos entrego, é a vara de justiça que haveis de manter sempre em vossa governança.

Assim falou o rei de Portugal. E enquanto o conde lhe beijava a mão, o retumbar das trombetas e atabales abalava as velhas colunas de Hércules, e o bronze dos sinos algarvios retinia como a voz de Cristo sobre os domínios do Islâm.

Uma sortida em Ceuta

Junto da porta de Albacar se achava o conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta, quando lhe deram a desastrada nova.

Rui Mendes de Vasconcelos jazia morto de uma azagaiada, no Pôrto do Lameiro. E os quatorze cavaleiros que o acompanhavam, sob o comando de João Pereira, achavam-se em grande apêrto, assoberbados por uma compacta mazagania, que em cílada os surpreendera.

Um violento acesso de cólera lhe ensanguentou a face, já erma de barba que por luto de sua mulher D. Beatriz longo tempo deixara crescer.

— Louvado Deus! — bradou êle com uma punhada no arção da sela. — Tanto recomendei a João Pereira que não se adiantasse! Fazer mostrança com tão pouca gente, para quê? Não conhece êle porventura os mouros? Não lhe dissera eu que os perros anda-

vam à nossa espreita? Pois não lhe mandei que não se metesse em perigo e a nós em trabalho? E não sabe êle que nós não somos aqui mais de oitenta de cavalo? Bofé que do trabalho nos livraremos nós, já que êle procurou o perigo por suas mãos.

O silêncio respeitoso que se seguiu foi cortado por uma voz, cuja firmeza contrastava com o timbre indeciso, ainda requebrado como era de mimos de adolescência. Saía dos lábios de um môço de quatorze a quinze anos, o filho bastardo do conde D. Pedro, o qual, cavalgando um soberbo alazão, mostrava sob o camalho erguido o rosto suave e penugento.

— Senhor — disse êle — atentai que bons homens de prol se encontram na companhia de João Pereira, arriscados à triste sorte de Rui Mendes. Lembrai-vos sequer dos nossos primos Aires e Afonso da Cunha...

Mas o conde atalhou impetuosamente:

— Leixai meu compadre João Pereira e veremos como os tira de onde os meteu.

Nisto, chegava junto do grupo o genro do conde, D. Fernando de Noronha. Ouvira as últimas palavras, e a elas replicava com vivacidade:

— Senhor, fôrça é que não deixeis aqueles homens morrer pelo mal que fêz João Pe-

reira. Êle errou como fidalgo. Vergonha nossa fôra o não lhe acudirmos como fidalgos. Dai-nos licença que vamos. Vós ficai para dar-des maneira como se guarde a cidade.

— Não! — exclamou rudemente o conde D. Pedro. — Que êles morram embora! É o castigo que por suas mãos buscaram. É o castigo que merecem pelo risco em que nos meteram.

Cobrando ânimo com a intervenção de seu cunhado D. Fernando, o môço D. Duarte de Menezes voltou contudo às suas instâncias. E ambos requeriam fortemente o obstinado capitão de Ceuta, ansiosos por irem vingar a morte de Rui Mendes e delirem em sangue agareno a lembrança do vexame.

Como o conde persistisse em alegações de prudência, D. Fernando acabou por bradar com insofrido arreganho:

— A mim, senhor, não me afronta o risco em que êsses valentes fidalgos nos meteram. Para mim o quero também.

Um gesto altaneiro denunciou no conde D. Pedro que êle se doera da insinuação. Fuzilaram-lhe os olhos azeitonis, e um assômo de fúria lhe ruborizou as faces. Mas serenou num momento, anediando com a mão trémula a barba curta e grisalhante. Perpassou-lhe na bôca um sorriso desdenhoso, e disse:

— Ora quero eu ver quem volta o rosto para trás.

Depois, virou-se para os circunstantes, e clamou:

— Segui me todos.

Cravou as esporas nos flancos do ginete, e meteu a galope pela lingueta do istmo, acaudilhando o trôço de portugueses, impacientes da refrega.

A cavalgada internou-se pelos campos suburbanos de Ceuta, passando por meio das quintas opulentas, devastadas pela guerra. Por cima de muros meio derruídos espreitavam copas arredondadas, onde sazonavam os frutos outoniços. E as lanças erguidas esgalhavam de passagem os ramos pendentes. Sob as patas dos cavalos, gemia a esteva ressequida, faiscavam as piçarras branquejantes, esterroava-se a gleba calcinada pelo sol de Setembro. E nos ares alastrava-se a chilreada dos pássaros, fugindo em revoadas à aproximação dos cavaleiros.

Iam em direitura da Atalaia de Cima, so-branceira ao Pôrto do Lameiro. Mas, no momento em que numa volta do caminho viram alvejar a distância, inundada de luz, uma das faces da Torre dos Enforcados, chegou-lhes também aos ouvidos um rumor de peleja. Ensanguentaram com os acicates os flancos

dos corcéis, e aproximaram-se à desfilada. Adiante do confuso aglomerado de albornozes azulados ou brancos, dos leves sulhams esvoaçando ao vento, dos arneses mouriscos lampejando ao sol, distinguiram a resumida turba de portugueses, quatorze apenas, que arrepiava caminho para a cidade, não em fuga desordenada e pânica, mas em recolhida compassada e gloriosa, voltando a espaços a face contra os inimigos, acutilando, alanceando, rasgando clareiras de morte na horda compacta de cavaleiros e peões, cem vezes superior em número.

— Santiago! — rugiu o conde D. Pedro, brandindo sôbre a capelina de ferro o pesado montante.

E as serras longínquas, e as praias próximas, reboaram com os gritos de «Santiago! Portugal!» como um incentivo de esperança para os acoissados da sortida, como um sinal de terror para os perseguidores agarenos.

— Escorraçai-os! — bradava o conde.

Breve se trocaram os papéis. A reduzida nosta dos almogavares cristãos, que não alcançava uma centena, arvorou-se por seu turno em perseguidora.

Os cavaleiros alarves reviraram para a banda dos seus aduares o focinho das mon-

tadas. Debalde os seus peões, ocultos entre os pedregulhos e o arvoredado, procuravam com azagaias, com frechas, com pelouros, deter a correria ovante dos portugueses. Aos olhos da mourama alucinada pelo pavor, multiplicava-se como por milagre o esquadrao da Cruz, ao mesmo tempo que a sua mazagania arrogante se desconjuntava em cadáveres espapaçando-se no solo, em cavalos dispersos, nitrindo terrores pelas moitas vizinhas.

Assim chegaram ao Lezirão, e aí cobraram ânimo, vendo que os portugueses se detinham. Volveram rédea de encontro a êles. Na estrada, pejada de corpos agonizantes ou sem vida, renovou-se a tremenda escaramuça. Ennovelaram-se cristãos e mouros. Luziram alfanjes e lanças, zuniram setas, rangeram as bestas retezadas, retiniram golpes em cossoletes, atroaram os campos com o tumulto da refrega.

Na confusão, levado pela intrepidez do seu ânimo, emmaranhara-se D. Fernando de Noronha pelo meio da cavalgada inimiga. Viu-se de repente isolado em frente de um grupo de mouros que sôbre êle descarregava a fúria indomável. Sentiu entre os joelhos o baquear do ginete, ferido no pescoço por uma azagaiada. E já encomendava a Deus a sua

alma, quando ouviu uma voz aguda e estrí-dula de adolescente:

— Sus, irmão e senhor! que não vos falece amparo!

Era o môço D. Duarte de Menezes, que irrompia num ímpeto irresistível, talhando em corpos dos mouros a sua passagem. Antolhou-se certamente aos mussulmanos como o anjo rebelde Eblis, acorrendo da Geenna para os arrastar consigo. E numa grita descomposta, tomaram a fuga por entre os canaviais que orlavam o caminho.

A debandada dos mouros recomeçou. Cavalgando outro ginete, D. Fernando tomava vingança do passado desastre. A seu lado, D. Duarte buscava ainda ensopar na corrida o faim da lança, gotejando sangue. E num turbilhão vertiginoso, galgando barrocais, calcando restolhos, desfazendo a terra em nuvens de poeira, os cavaleiros de Cristo galopavam, roucos de triunfal alarido, no encaço da horda innumerável do Islam.

Viu-se então um caso estranho, que só a prodígio atribuíram os crentes.

Afonso da Cunha, um dos da primitiva sortida, corria na vanguarda da almogavaria, quasi tocando com as patas dianteiras do corcel os calcanhares dos fugitivos. Coberto de sangue, rouquejando pragas, sarilhava nos ares

a espada fuzilante, ameaçando um desafortunado peão berbere que na sua frente fazia ondular as ensanchas do haíque avermelhado.

Súbito, num galear do corcel, a arma do cavaleiro cafu-lhe da mão. Retiniu numa pedra do caminho a lâmina férrea.

— Mouro — bradou Afonso da Cunha para o peão que nesse instante voltava para êle o rosto apavorado — dá-me a espada!

E estacou a alguns passos do sítio onde ela caíra.

Então o mouro retrocedeu, como fascinado pelo prestígio sobrenatural do cristão. Curvou para o solo a alentada estatura, apanhou a espada, e veio humildemente apresentá-la a Afonso da Cunha.

— Some-te por essa moita — disse o cavaleiro comovido, ao receber a arma da mão do inimigo. — Some-te, que eu te guardarei na fuga.

Tinham chegado ao Pôrto do Leão, deixando atrás de si uma esteira de mortandade.

— Detende-vos! — bradou o conde.

E como muitos quisessem ainda seguir na correria, êle acrescentou, com prudência de grande capitão.

— Contentai-vos com o bem que tivestes, e não tenteis a Deus. Porque muitas vezes os vencedores tornam vencidos, quando em sucessos dêstes não sabem governar-se,

A vida pelo rei

— Parece-me — disse D. Afonso V, sopeando o cavalo — que estes mouros querem paz, porque veem assim passamente, sem mostrança de peleja.

De feito, a pequena hoste, destacando-se da espessura bravia da mata, seguia no encalço dos cavaleiros portugueses, quasi sem desmanchar sôbre o dorso dos corcéis as pregas dos albórnozes, brancos como signas de paz.

— Preguntai-lhes se querem ficar à minha obediência — acrescentou o rei — que eu lhes prometo o mesmo favor que aos outros tenho feito.

E enquanto o adail chegava à fala dos mussulmanos, D. Afonso V, estacando sôbre a lomba pedregosa, passeava o olhar azevichado e curioso pelo horizonte: da orla da brenha, onde bracejavam torcidos ramos de sobreiro e de azinho, matizados pela folhagem plúmbea dos zambujeiros, até à linha

flexuosa e acinzentada da serra de Angera, recortando-se a leste no esmalte cerúleo; daí às eminências escavadas, que apontavam para a banda do norte o caminho de Ceuta, até se perder, por fim, ao poente, na longínqua nebulosidade em que o Mediterrâneo se fundia no céu.

Aproximou-se de el-rei o conde de Viana, D. Duarte de Menezes, balanceando sôbre a sela à mourisca o busto atarracado e gordo.

— Senhor — disse êle tartamudeando, conforme o seu hábito — não se fie Vossa Mercê dêsses cães. Mais acertado é não esperardes. Os bêsteiros, espingardeiros e mais gente de pé, já Vossa Mercê há mais de uma hora os mandou de abalada para Tetuão. Melhor fôra que antes houvêsseis seguido o meu conselho. Com êsses peões metidos pelas brenhas, enxotarieis cá para fora a cainçada que se esconde lá dentro, e nós teríamos uma formosa montaria, da guisa que se faz a porcos monteses. Agora, senhor, retardarmos é perigo, querermos sujeitá-los sem fôrça é desmedida lucura.

D. Afonso V ainda sopesava na irreflectidamente os desassombrados ditames do conde, quando o adail voltou com a resposta. Os mouros consultariam com seus vizinhos sôbre as propostas do rei.

— Não percais tempo a esperá los — tornou D. Duarte, agravando a gaguez na insistência. — Acreditai-me, senhor. Se não me deixastes voltar ao meu castelo de Alcácer para ser convosco nesta entrada, razão é que me deis ouvidos. Estamos aqui, um punhado de cavaleiros, pendurados num cêrro, a mais de cinco léguas de Ceuta, e só Deus sabe a quanto monta o vespeiro, que anda a zumbir em roda de nós. Mais avisado é pôrmo-nos a caminho, antes que nos cravem os ferrões na carne.

Mas o rei, na sua teimosia, apenas consentiu em arredar-se para outro outeiro mais elevado, onde a cavalgada se reuniu em volta do estandarte real. E deteve-se de novo, entre penhas e barrocas, em que as patas dos cavalos escorregavam.

— Muito acautelado está o meu alferes-mor — disse Afonso V, sorrindo, para o duque de Bragança. — Mas a mim não me contenta que o rei de Portugal venha tão longe só para dar morte a meia dúzia de alarves, sem conquistar um palmo de terra.

Ouviram-no os fidalgos, e murmuraram cousas amargas. Asseada expedição aquela! Começada por uma tormenta que desbaratou a armada, culminada pelos três escalamentos desastrosos a Tânger, cortada pela irrisória

visita aos muros de Arzila! Os portuguezes haviam dado carniça em barda para manjar dos peixes atlânticos, sangue a rôdo para ensopar areias sedentas, misérias para abarrotar os ergástulos berberes, motivos de mofa para rejubilar os aduares mauritanos. Êsse farrapo de tafetá, onde flutuam as quinas, era bem a imagem do rei leviano e brava-teiro, drapejando em vão apenas uma aragem ténué o inflava de relance.

O capitão de Alcácer acercara-se de seu filho D. Henrique de Menezes. E, limpando o suor que lhe escorria do rosto redondo e sombrio, segredava-lhe:

— Meu filho, aquele dente que eu tirei há dias será a minha única reliquia corpórea em terra de cristãos. Que tua mãe o guarde para recheio do meu túmulo!

E voltando-se para o velho Diogo da Silveira, que ali se achava, prosseguiu, suspirando:

— Foi o dom abade do mosteiro de Cezeda, Frei Luís, um grande astrólogo, quem me fêz o prognóstico: devo morrer sob alheia capitania... e sob alheia capitania estou agora.

— Não creiais tal, meu pai — atalhou vivamente o môço D. Henrique. — Não são do agrado de Deus semelhantes agouros.

Nisto, passou por êles, correndo à desfilada, o conde de Guimarães.

— Senhor, — exclamou êle aproximando-se do monarca — o conde de Vila Real fica em grande perigo na rectaguarda. Se os mouros se desemboscam da mata, hão-de acoçá-lo por certo. Mandai-lhe por mercê bêteiros e espingardeiros que lhe guardem a retirada.

D. Afonso V empalideceu, mordendo os lábios com fúria. Peões! Onde os havia naquêle apêrto?

— Dizei ao conde que se recolha quanto antes — ordenou êle com energia.

A êsse tempo, já as manchas alvacentas, amarelas e vermelhas dos albornozes e marlotas se empastavam em confusa mescla na orla verde da mata. E diante do conde de Vila Real, os mouros levavam a mão aos capelhares e às longas barbas, em atitude minaz. E bradavam na sua algaravia gutural:

— Dizei ao vosso rei que não queremos com êle paz, senão crua guerra, pois por nossas cabeças e barbas protestamos que hoje será o dia da nossa vingança.

Começavam a investir contra a reduzida regaça dos portuguezes, quando o conde de Guimarães chegou junto de seu cunhado, levando a ordem régia. E o conde de Vila Real redarguiu com impetuosa arrogância:

— El-rei que despeje esse outeiro e se ponha em boa hora a caminho. Eu o seguirei com honra sua e dano de seus contrários.

Numa desproporcionada escaramuça, tentou deter o assalto dos mouros, que o matagal vomitava de contínuo. Enovelaram-se as duas hostes, retiniram sôbre os arneses faiscentes alfanjes; espadanou sangue no ferro brunido, alastrou nas lãs e nas sêdas, salpicou os jaezes vistosos, gotejou no solo pedregoso, onde baqueavam, rôtas as carnes, homens e cavalos.

Quando o conde de Guimarães trouxe ao rei a resposta altiva de seu cunhado, já a mesnada agarena, mal sustida ao centro pelo punhado de cavaleiros cristãos, transbordava nos dois extremos em enxurradas serpenteantes, que se alongavam pela cumieira adusta, em alarido espêsso, até ao cêrro assinalado pela bandeira de Portugal. E já na dianteira alguns mouros mais audazes feriam as montadas da hoste régia.

Então, no ânimo indeciso, mas nobre, de D. Afonso V refervem os brios indómitos da sua raça. Invocando Sant'Iago, precipita-se de encontro aos vagalhões afluentes da mourama. Três vezes, estimulando os quatrocentos portugueses do seu séquito, tenta esbeicar a golpes de montante a mole já formidável

dos inimigos. Mas essa mole engrossa, intumesce, multiplica-se, como se de cada pedra e de cada urze um guerreiro surdisse. E ao mesmo passo o trôço de portugueses adelgaça-se, com a fugida de muitos, sôbre os quais o pânico estende as asas negras.

Debalde o conde D. Duarte entremeia de clamores a fera arremetida:

— Havei vergonha, portugueses! Não desampareis vosso rei, defendei seu estandarte!

Debalde! O terror alastra, e pela encosta abaixo resvalam desordenadamente os fugitivos. Instigado pelos que ainda o cercam, quási arrastado no roldão vertiginoso, arrevesando pragas, silvando injúrias, espumante de ódio, contorcendo na raiva os refegos adiposos da face, D. Afonso V desampara por seu turno o exíguo campo da peleja. É uma carreira precípite e desvairada para o fundo incógnito do vale. As patas dos cavalos ferem lume nas piçarras, levantam esguichadas de seixas. E as ondas da mourama encapelam-se na peugada dos fugitivos, ainda a espaços atalhadas pelo intrépido e dizimado trôço do conde de Vila Real. Mas êsse débil amparo cedo falhará, deixando a pessoa do rei à mercê dos infiéis.

— Senhor, senhor, chamai o conde de Viana. Só êle vos salvará de tamanho perigo.

Não deiteis a perder a herança que vossos avós com tanto custo ganharam.

Assim aconselham ao monarca alguns dos seus. E D. Afonso V, reprimindo lágrimas de desespero, vê-se por fim obrigado a ceder às repetidas instâncias.

— Conde — exclama êle sofrendo um pouco o generoso corcel — ficai vós com estes mouros, pois melhor lhes conheceis as mânhas, e acaudelai esta gente.

— Senhor — replicou D. Duarte — pesado encargo me dais. Não tenho aqui nenhum dos meus, e se os presentes não acatam vosso mandado, menos me obedecerão a mim. Mas, pois assim o tendes por vosso serviço, encomendo-vos minha mulher e meus filhos, e será o que Deus quiser.

Virou as ancas ao cavalo, e, seguido de poucos, voou resolutamente ao encontro dos perseguidores.

Nesse caminho, acercou-se dêle Diogo da Silveira, bradando espantado:

— Para onde tornais, conde?

E êle respondeu em voz cortada pelas upas do cavalo:

— Torno para morrer, que assim manda el-rei meu senhor.

E enquanto o soberano prosseguia no desatinado tropel, o valente capitão de Alcácer,

poucos passos andados, sentiu falecer-lhe sob os joelhos nervosos a sua montada, ferida de morte por um tiro de besta, ao mesmo tempo que uma dôr aguda lhe transia o quadril. Era um virotão que se lhe cravara na carne, pelo interstício da armadura, entre as sôlhas do laudel e a lâmina do coxote.

Caíu de pé, e arrancou o virotão da chaga repuxante de sangue. E logo um escudeiro da sua criação, Nuno Martins de Vilalobos, filho de um criado de seu pai, correu para êle e desmontou num relance, para lhe dar o cavalo. O conde de Monsanto, cunhado de D. Duarte, um dos poucos que o acompanhavam, aproximou-se também para lhe acudir. E entrementes, já mais distante, Nuno Martins, debatendo-se entre dois cavaleiros alarves, sucumbia, golfando sangue, debaixo das patas dos ginetes negros.

D. Duarte, auxiliado pelo cunhado, pusera o pé esquerdo no estribo; mas como o loro era mais comprido do que o requeria a curteza de suas pernas, o pé direito, ao querer abarcar o lombo do cavalo, roçou-lhe pela garupa a roseta da espora. Então, o animal, ressentido, derribou-o com dois galões vigorosos, e correu à rédea sôlta, atroando o ar com relinchos.

Gritos de «Alá!» ressoavam, aproximando-

do-se como um anúncio de morte. Ladeira abaixo, a tropeada fendia o espaço, estrugindo na mansidão do ambiente. Um jôro de sangue escorria de sob a cervilheira de D. Duarte, cuja cabeça se amolgara na queda, sôbre a aspereza da rocha. Curvava-se para êle, amparando-o, o conde de Monsanto, enquanto a horda moura se despenhava, tremenda, clamorosa, truculenta, sôbre o grupo lamentável.

E então D. Duarte concentrou os alentôs estertorosos para dizer ao conde de Monsanto:

— Senhor irmão, salvai vossa vida, que para a minha já não há remédio. Deus que o dê à minha alma, que em suas mãos me encomendo.

Cerrou os olhos de onde a luz fugia, ao coruscar dos ferros que iam dilacerar-lhe o corpo exânime, e o seu derradeiro suspiro exalou-se numa prece pela salvação do rei...

A bèsteira

Para o lado do Oceano, os vagalhões quebrando no arrecife, penachos argênteos que se desfaziam nos ares; da banda da terra, chamas lampejando por entre a fumaceira espessa: um mar de água e um mar de fogo, eis o que limitava o horizonte daquelas três a quatro centenas de portugueses, encurralados no castelo de Arzila.

Havia três dias, numa quinta-feira, 20 de Outubro de 1508, que a vila fôra entrada pelas fôrças de el-rei de Fêz. Quando aquela cortina de fumo se desvanecia acaso por instantes, podia avistar-se na planície do Xercão o arraial sem têrmo da mourama, outro mar de albornozes e marlotas, ondeado de tendas brancas, sôbre as quais flutuavam estandar-tes verdes e vermelhos.

Três dias de constante combate, de indizíveis angústias, de tremenda ansiedade. Pranteava-se a sorte de tantos moradores, homens, mulheres e crianças, sôbre os quais se tinham

forçadamente cerrado as portas do castelo, sacrificando-os à crueza fanática dos mussulmanos. Rememorava-se, com um mixto de tristeza e de orgulho, a morte heróica de Lopo Rabelo, o qual, sem curar dos agravos que tinha do capitão, se recusara a largar o cubelo confiado à sua guarda e até à última o defendera com sete companheiros apenas. Imprecava-se contra aqueles que, ao primeiro rebate do cêrco, haviam fugido nas caravelas surtas em frente, e punha-se em confronto a sua cobardia com a audácia de João Martins de Alpoém, cujo barquito se divisava ainda sôbre âncora, varejando a praia com certas bombardas. Mas o que, sobretudo, agüentava o ânimo dêsses portugueses, ameaçados de morte ou cativo, era a esperança do socorro próximo. Alongavam-se os olhos ansiosos a esgaravatar as ondas, à espreita de que alvejasse por sôbre o esmalte azul a frota de D. João de Menezes, a quem fôra expedido aviso para Tânger. E mal imaginavam êsses angustiados espíritos que, porventura à mesma hora, o rei de Portugal, D. Manuel, arrebatava entre os joelhos a valente hacaneia, na qual, por charnecas do Alentejo, corria à rédea solta, na ânsia de salvar Arzila.

A passos vagarosos e trôpegos, como quem

sente em si o pêso de duas vidas, trepava a íngreme escada da Tôrre do Sino uma mulher nova, cuja palidez mais realçava a nobreza do semblante. Um mongil de veludo aleonado disfarçava-lhe os contornos do corpo, que uma adiantada gravidez deformava. Chegou ao eirado da tôrre, e, indiferente ao perigo, abeirou-se das ameias, por entre as quais alguns bêsteiros arremessavam sôbre os assaltantes uma saraivada de virotões.

— Não vos acerqueis, senhora D. Isabel — exclamou um dêles, alentado matulão de barba hirsuta, embebendo na corda o dente da garrucha. — Melhor é que vos retireis prestes. Aqueles malditos teem uma esfera que tomaram na vila, e que de vez em quando cospe para esta banda. Recolhei-vos, por Deus!

— Deixai-me — redarguiu a dama, com um sorriso mavioso. — Não posso repousar em meus aposentos, onde meu marido me encerra. Nem minha mãe me concede que a ajude... Deixai que os veja, sequer ao menos.

— Pois que assim mandais, achegai-vos à sombra do torreão, donde podeis mirar o terreiro. Mas tende cuidado, não vos exponeis...

— Ide em paz para o vosso officio, e mercês pelo aviso!

O bêteiro encolheu os ombros, e retomou o seu pôsto.

— Assim o queres, assim o tenhas — resmungou êle. — Seja o que Deus Nosso Senhor fôr servido!

Entretanto, D. Isabel postara-se no indicado miradouro. Dali se descobria grande parte do castelo, onde refervia a azáfama guerreira. E a primeira cousa que no confuso tumultuar lhe feriu a vista, foi a garçota branca de seu pai, o conde de Borba, capitão de Arzila, movendo-se, agitando-se, esvoaçando por entre os grupos de combatentes, como uma ave de esperança.

Descortinava-se o gesto imperativo do seu braço esquerdo, coberto pela adarga de corções, ao passo que sôbre o luzente cossolete negrejava o envoltório do braço direito, traspassado de uma setada. Estava agora junto da porta do Albarcar, que os mouros haviam queimado. Para a entulhar de todo, mulheres e crianças se afanavam, e sôbre o estrugido da peleja retinia a guinchadeira monótona dos carros de mão, em que essa turba inerme acarretava terra e pedra.

Velhas de melenas brancas acurvavam-se ao pêso das regaçadas. Môças abarrotavam de areia as fraldilhas, ou corriam com um pedregulho à cabeça, em guisa de cântaro. E

o rapazio, na faina de atirar os pededos, como melancias que se descarregam, acolhia com alaridos de mofa os projécteis de várias espécies que silvavam por cima do muro.

Mas, no terreiro, outra era a ocupação dos que não podiam combater. Avermelhava as vasquinhas das mulheres o sangue dos feridos que seus braços amparavam caridosamente. Avermelhavam-lhes os rostos as crepitantes fogueiras, onde enormes caldeiros derretiam chumbo para os pelouros, ou quartos de cabra rechinavam lambidos pela lavareda.

Sôbre a parede ennegrecida de um baluar-te, destacava-se, dominando a lida múltíplice, entre dois dominicanos que a auxiliavam, a figura varonil e serena da condessa de Borbã, a quem os cuidados e as angústias não haviam feito desdenhar o esmero aristocrático do traje.

Eram-lhe digna corôa à visagem menineira e formosa os níveos cabelos enrolados num sartal de pérolas. Como para uma festa, avultava-lhe o majestoso do porte um vestido de brocado roçagante. E, quando suas mãos se moviam em pausados acenos, os dedos afusados ponteavam-se de scentelhas.

Os olhares de D. Isabel relanceavam, porém, inquietos, pelo âmbito do castelo. O mesmo bêteiro, que a distância não a per-

dia de vista, aproximou-se para responder à muda interrogação.

— Procurais vosso espôso, o senhor Jorge Barreto? Mal o podereis enxergar daqui, na-quele lanço do muro, ao pé do baluarte de Santa Cruz, reparai! entre uma mó de bombardeiros que assestam um camelo...

Mas, no momento em que D. Isabel começava a discernir o vulto garboso de Jorge Barreto, no meio dos achamboados corpanzís de aço luzente, feriu-lhe os ouvidos um sobrepujante estampido e sentiu as faces acrememente fustigadas. Um grosso pelouro de ferro coado, depois de ferir na passagem um bêteiro que gemia, prostrado de borco, batera num saimel do campanário e arremessara sobre ela uma nuvem de caliça.

Cresceu-lhe um pouco a palidez do aspecto. Não se desconcertou contudo, e serenamente se encaminhou para o ferido. Nisto, rastejou por ela outro bêteiro, atarracado e imberbe, que se açodava para o alçapão da escada.

— Onde ides? — perguntou a filha do conde.

O rapagão estacou, hesitante. Ela insistiu, com severidade cortês:

— Dizei. Onde ides?

O bêteiro cobrou coragem, a coragem do terror, e redarguiu:

— Vejo êste feito em tais termos, que não tenho aqui que fazer.

A mão delgada de D. Isabel Coutinho pousou brandamente num dos braçais do espadão môle.

— Amigo — disse ela com suave intonação — rogo-vos que não vos vades. Armai-me com a vossa besta. Quero ver se saberei atirar.

E o bêteiro seguiu-a até junto das ameias, como fascinado pela audácia que se aliava a tanta formosura. Revolveu a polé, fêz encurvar o arco para o tiro, enquanto o tumulto da peleja recrescia em roda e o companheiro inválido era transportado para mais seguro albergue.

Armada a besta, tomou-lha D. Isabel das mãos, sempre em silêncio. Com todo o remanso, apontou-a para um tropel de mouros que com mantas e picões se encarniçava numa quadrela mais fraca da barbican. Desfechou sem pressa.

E o virotão, zunindo pelo espaço empoeirado, foi espetar-se na praia, donde espadanaram borbotões de ouro.

— Não me guiou Deus a mão — murmurou ela com um sorriso. — Armai outra vez a besta, amigo.

Dócil, o bêteiro renovou a manobra. E já

se ouvia o rangido das roldanas, quando atrás dos dois ressoou uma chamada viril.

— Isabel!

A filha do capitão voltou-se. Era seu pai em pessoa, que a poucos passos perfilava o robusto arcabouço.

— Isabel! — repetiu o conde, com moderada rispidez. — Pois que tamanha conta tens em tua honra, tem também conta em teu ventre.

Com um custoso meneio do braço manco, puxou-a para si e beijou-a. Uma lágrima furtiva, talvez de ansiedade, talvez de orgulho, emperlou seus olhos azúis. E já brandamente endereçava para o mainel da escada o talhe volumoso da filha, que resistia com meigas insinuações, quando rebentou nos arraias mouros um clangor desusado de anafis e um rebôo de atavaques, acompanhados de estrepitosa grita.

Esquecendo o crítico do lance, pai e filha assomaram num ápice ao escalavrado para-peito. A mourama em pêso, voltando costas ao castelo, alongava os olhares pelo mar fora. Nos pontos mais altos da fortaleza, os portugueses capeavam desordenadamente, numa algazarra de triunfo. Uma trégua momentânea alimpava os ares.

Então, por entre a barba louro-grisalha do

conde de Borba, jorrou uma jaculatória ardente:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Além, para o noroeste, dobrando a ponta de Tagadarte, um enxame de velas enfuscava a prata brunida do Oceano.

Era a frota de D. João de Menezes; era, quási certa, a salvação de Arzila.

Nunca-está-quêdo

Pela campina de Algaz, nessa abrasada tarde de Maio de 1526, ofegava a longa comitiva dos portugueses e dos seus aliados, os alarves de Abda e Gárbia. Vinham extenuados pelas proezas da madrugada, e a sua vitória era atestada pelo tropel de cativos, arrebanhado ao centro, circunscrito pela peonagem. Era uma marcha de zorames esfarrapados e sujos, de alquicés parduscos, de arruivadas marlotas, de monsorias alvacentas, cingindo corpos impassíveis, que se resignavam à vontade suprema de Alá. Eram os restos destroçados da nobre cabilda dos Ouled Ambran, sôbre a qual o capitão de Safim, Nuno Fernandes de Ataíde, fôra vingar os agravos feitos aos de Ouled Meta, tributários de el-rei de Portugal. Assim, naquela incursão vitoriosa pelos territórios da Ducala, o velho capitão renovava os seus títulos à alcunha heróica de Nunca-está-quêdo,

que lhe fôra conferida pelos mouros, amigos e inimigos.

Para as bandas do sul, desdobravam-se as almuíñas e as veigas marginaes do Tensift, devastadas pela guerra contínua. Para o occidente, estendia-se a gleba tostada, em cujo extremo, muito longínquo, rutilava a alvura das salinas. Mas, volvendo os olhos para o nascente, descortinava-se, sôbre o fundo azulado do Atlas, a silhueta da cidade santa, de Marrocos, acima da qual faiscavam, como jóias de airão precioso, os três pomos de ouro da tôrre da alcáçova.

Nuno Fernandes de Ataíde voltava-se a miúdo sôbre a sela mourisca, para cevar a vista, com um suspiro de saúde, nas indistintas muralhas, que um ano antes tinham escalavrado as lançadas portuguezas.

Mas outro era o ponto de mira dos fidalgos, em cujas veias latejava a mocidade. Esquecidos das fadigas, seus olhos ardentes devoravam os semblantes das cativas, mal occultos pelos frangalhos dos véus que a soldadesca rasgara. E sôbre uma delas, de preferência, esvoaçavam cupidíneas ambições.

Revelava-se no diáfano ábruc de listas áureas, na azzaba de sequins e pérolas, nas argolas enjoiadas que lhe pendiam das orelhas, nos braceletes e nas axorcas de preço, no

caftan de veludo recamado de ouro, na altivez do porte e no desdem dos olhares, o requinte da sua prosápia. E Cide Amira, um mouro de Gárbia, explicava com efeito aos fronteiros D. João Pereira e João Brandão:

— É a mulher de Rao ben Xamet, o chefe dos Ouled Ambran, o qual nos fugiu das unhas com os poucos cavaleiros que tinham os cavalos selados. Chama-se Hota. É de muito boa linhagem, e corre fama de ter muito amor a seu marido.

— É que ainda não provou beijos cristãos — redarguiu D. João Pereira, franzindo gulosamente a bôca rubra.

Mas as gargalhadas, que acolheram a coartada, foram interrompidas pela voz de alarme, soltada pelo adail Lopo Barriga. Sôbre uma eminência, a menos de um tiro de besta para o lado do norte, assomava uma cavalgada de mouros, cujos albornozes drapejavam, como asas brancas, aos clarões vivos do sol.

O dia, porém, declinava. Nuno Fernandes de Ataíde, tão astucioso como valente, julgou que seria imprudência rematada arriscar-se a nova refrega, a tantas léguas da acolheita de Safim. Bastavam-lhe os penhores que trazia do triunfo. E distinguindo à frente da

mourama o próprio Rao ben Xamet, apreen-
dia que só com grande fôrça ousaria afrontá-lo o fugitivo da madrugada.

Deu, pois, ordem para prosseguir a marcha. E em boa ordenança continuou a caminhar o arraial, seguindo o estandarte real que ondulava na dianteira, sustido pelas mãos de Álvaro de Ataíde, o encanecido tio do capitão. A meio da coluna, alvejava a fila dos aliados, e a reçaga, impelindo os cativos, era comandada por outro parente de Nuno, seu genro D. Afonso de Faro.

A cavalgada dos Ouled Ambran ia-os acompanhando de longe, sempre à direita, seguindo as ondulações do terreno e parecendo aumentar de número em cada quebrada. E no meio do silêncio que Nuno de Ataíde impusera aos seus, ouvia-se a miúdo a voz de Rao ben Xamet, incitando os mouros de pazes à algarada contra os cristãos. Ajudassem-no êles, e o sôpro de Alá varreria, numa rajada, os infiéis, e Safim, e Azamor, e Mazagão, cairiam de novo na posse dos mussulmanos, como jóias que voltassem a brilhar num colar despedaçado.

Mas os de Abda e Gárbia, carregados de despojos, não se aventuravam a perder o certo pelo duvidoso. Receosos do influxo daquela voz, que lhes falava em nome de Deus,

muitos dêles corriam para a vanguarda, onde mais seguros se julgavam.

Um grito de mulher explodiu no meio da coluna. Hota chamava em altas vozes seu marido. E o mouro, como fascinado, estacou de súbito.

Deu-se então um espectáculo singular, que bem demonstrava o carácter cavalheiresco dêstes conflitos de raça e de religião, travados nos vastos domínios do Magreb.

Obtida a licença do almocadêm para parlamentar com seu marido, a cativa acercou-se mais da fôrça mourisca, e bradou na sua língua:

— Rao, quantas vezes me disseste que preferias a morte a vêr-me cativa dos cristãos? Eis-me agora em cativoiro, e vejo-te vencido e com vida, Rao!

O caudilho mouro, erecto e firme no seu corcel negro, respondeu com voz cava:

— O dia é grande, o vencimento está nas mãos de Alá e o esfôrço em meu braço.

Ela, num ímpeto, acurvou-se para o solo, tomou um punhado de terra, endireitou-se logo, erguendo para o mouro o braço moreno e roliço, onde scintilavam pedrarias, e exclamou com sarcasmo, soltando aos ares a nuvem de poeira fôsea:

— Tudo é vento, tudo é vento! Vai-te, vai-te

embora, Rao, que lá te fica no harém outra mulher!

Rao estremeceu, como mordido pelo farpão do remorso:

— Aí tens o penhor da minha promessa — bradou.

E com mão certa atirou-lhe ao seio a chinela de marroquim amarelo que descalçara rápido.

Tudo isto se passara em poucos segundos. Mas a rectaguarda dos portuguezes, detida pelo consentido diálogo, distanciara-se do resto da coluna.

— Em nome de Maomet, por honra da nossa raça, vos suplico que pelejeis contra êsse punhado de perros!

Estas e quejandas palavras de Rao, a vista lamentável dos cativos, a ânsia de reaverem os ricos despojos, moveram o ânimo dos Ouled Ambran, até ali intimidados. Num assômo de irresistível fúria, precipitaram-se sobre a reduzida fôrça de D. Afonso de Faro. Os cativos, soltando gritos de libertação, arremeteram como cães de fila contra a escolta dos triumphadores. Enovelaram-se todos na poeirada espêssa onde chispavam alfanjes, coruscavam lanças, escorria sangue no aço das armaduras, na sêda dos haíques, nas faeces tostadas, nas barbas negras. E o tilintar

das armas sobrepujava, reboando na campina, o relinchar dos cavalos e o alarido das mulheres.

— Detende-vos, senhor, que vosso genro se perde! — bradaram para a dianteira, a Nuno Fernandes.

Mas já a êste tempo o capitão de Safim arrepicara caminho, seguido pelos seus. E de longe vinha clamando com galhofeira indignação:

— Pois quê! meu genro mata os meus mourinhos, que tanto me custam a criar!

Numa galopada, chegara ao âmago da refrega, e travara pelo braço a D. Afonso, que, cego de fúria, ia embrenhar-se por entre a selva das cimitarras mouriscas.

— Tomai lugar na dianteira — ordenou Nuno.

E como o genro não mostrasse tendência de obedecer de pronto, deu-lhe um repelão, acrescentando com voz trovejante:

— É ordem minha!

D. Afonso afastou-se, relutante, resmungando pragas. E neste momento o capitão de Safim sentiu a montada fraquejar entre os seus jarretes nervosos, ferida porventura. De um gesto, ordenou a um dos officiaes que desmontasse, e saltou para a sela do seu cavalo ruço. Depois, serenamente, foi-se postar na rectaguarda da coluna, para agüentar o maior

ímpeto da mourama e suster a ordenança dos seus.

Mas Rao ben Xamet não o perdera de vista. Com um trôço de cavaleiros, acossou-o vigorosamente.

Chasqueando, Nuno Fernandes voltou-se para o caudilho mouro. Brandiu a valente espada por cima da cabeça do cavalo, que se empinava. Sob a barba grisalha que esvoaçava, branquejou um trecho do possante colo, que o gorjal desapertado pusera a nu.

Súbito, nessa alvejante carnadura cravou-se, zunindo, uma azagaia de arremêso, vibra pela mão do Rao. Num jôrro de sangue e num gemido estertoroso esvaíu-se a vida do capitão. Seu alentado arcabouço descaíu sôbre a garupa do cavalo, e baquearia por terra se braços amigos o não sustentassem.

Ressouu nos ares uma grita de triunfantes louvores a Alá. Emquanto o desbarato se pronunciava na desalentada hoste portuguesa, já desamparada pelos mouros de pazes, viu-se a figura sobranceira de Hota encaminhar-se para junto de Rao, em cuja mão tisonada depôs um beijo. E muitos dos olhos que haviam apetecido êsse formoso corpo cerravam-se para a treva eterna sôbre a sua imagem.

Redobraram as aclamações clamorosas da mourama. O solo do Magreb, à vista da cidade santa, empapava-se no sangue dos infiéis nazarenos. O estandarte das quinas esfarrapava-se nas garras de Maomet.

Nunca-está-quêdo quedara-se de vez.

O rebate

Na noite de sexta-feira de Endoenças do ano de graça de 1516, denunciava-se uma animação fora do vulgar na vila e no castelo de Arzila. Festejava-se, ao uso daquele tempo, o fim da quaresma, em que as lágrimas pela Paixão de Cristo se enxugavam na certeza de Ressurreição. Em cada baluarte do castelo chamejavam em fogaréus de ferro grossos pavios alcatroados. Mas essa iluminação não era apenas sinal de festa, era também prevenção de guerra. A breve distância, pela planície do Xercão, alongava-se o imenso arraial do rei de Fêz, que de novo ameaçava a cristianizada cidade. Ali se recolhera, depois das escaramuças travadas de tarde, em que uma sortida do almocadém Fernão Caldeira lhe custara três ou quatro vidas de mouros e a afronta de ver dependurado do pau do Facho um traidor da sua seita que, para escarmento dos seus e injúria dos portugueses, nêle enforcara.

A tremenda ameaça do cêrco não anuviava porém o conde de Redondo, D. João Coutinho, capitão de Arzila. Á sua mesa, onde a luz das lâmpadas mouriscas reverberava em barnegais dourados e albarradas jagladas de prata, banqueteara alegremente fronteiros e fidalgos, na derradeira consoada da quaresma. E acolhia com chufas as insinuações dos mais timoratos, que lhe falavam dos terríveis preparativos do soberano islamita, e recordavam o recente desastre da Mamora, em que quatro mil portugueses haviam perdido a vida e centenas de outros tinham sido cativos.

Um dêles encarecia as colossais bombardas feitas para o rei de Fêz pelo artilheiro português Mestre João, uma das quais, ao que diziam, lançava nove arrobas e meia de pelouro, e tinha sete palmos de roda.

— Pois, amigos meus — redarguiu o conde erguendo uma copa transbordante de vinho do Seixal — bebamos ao bravo mostrengo! Quem me dera ouvir-lhe já o ronquido, a abafar estas musiquias que aos ouvidos nos chegam!

Com efeito, uma soada distante de arrabis e adufes alastrava pelo interior do castelo. Vinha dos aposentos da condessa, onde a festa de Endoenças se celebrava alegremente.

A grande sala, colgada de lambéis de Bugia e Tunis, estava atulhada de damas portuguesas e de aias e servas mouriscas, nos seus mais brilhantes atavios. Sôbre um tapete de Xiraz, felpudo e policromo, três bailadeiras mouras contorciam em voluptuosa dança os corpos envoltos em haíques de sêda, tilintando sequins e jóias de ouro. Agachados junto da parede, uns cinco ou seis tangedores, também mouros, acompanhavam com uma bárbara música os esgares coreográficos. Ao fundo da sala, numa alta cadeira de espaldar, presidia à festa a velha condessa de Borba, D. Catarina da Silva, mãe do capitão de Arzila, tendo junto de si sua nora, condessa do Redondo, e suas duas filhas, D. Maria e D. Joana da Silva. E sôbre o regaço de brocado do Levante, D. Maria aconchegava a si o sobrinho D. Vasco, criança de oito anos, o filho mais velho do conde de Redondo, o qual arregalava os olhos espertos para o bailado, agitando as mãosinhas polpudas em convulsões de entusiasmo infantil.

No momento em que a dança atingia uma das fases febricitantes, uma aia mourisca, nova e donairoza, abriu rápidamente caminho por entre a aglomerada assistência, e encaminhou-se para o grupo das fidalgas.

— Que há de novo, Leonor Rodrigues? —

A tremenda ameaça do cêrco não anuviava porém o conde de Redondo, D. João Coutinho, capitão de Arzila. Á sua mesa, onde a luz das lâmpadas mouriscas reverberava em barnegais dourados e albarradas jagladas de prata, banqueteara alegremente fronteiros e fidalgos, na derradeira consoada da quaresma. E acolhia com chufas as insinuações dos mais timoratos, que lhe falavam dos terríveis preparativos do soberano islamita, e recordavam o recente desastre da Mamora, em que quatro mil portugueses haviam perdido a vida e centenas de outros tinham sido cativos.

Um dêles encarecia as colossais bombardas feitas para o rei de Fêz pelo artilheiro português Mestre João, uma das quais, ao que diziam, lançava nove arrobas e meia de pelouro, e tinha sete palmos de roda.

— Pois, amigos meus — redarguiu o conde erguendo uma copa transbordante de vinho do Seixal — bebamos ao bravo mostrengo! Quem me dera ouvir-lhe já o ronquido, a abafar estas musiquias que aos ouvidos nos chegam!

Com efeito, uma soada distante de arrabis e adufes alastrava pelo interior do castelo. Vinha dos aposentos da condessa, onde a festa de Endoenças se celebrava alegremente.

A grande sala, colgada de lambéis de Bugia e Tunis, estava atulhada de damas portuguesas e de aias e servas mouriscas, nos seus mais brilhantes atavios. Sôbre um tapete de Xiraz, felpudo e policromo, três bailadeiras mouras contorciam em voluptuosa dansa os corpos envoltos em haíques de sêda, tilintando sequins e jóias de ouro. Agachados junto da parede, uns cinco ou seis tangedores, também mouros, acompanhavam com uma bárbara música os esgares coreográficos. Ao fundo da sala, numa alta cadeira de espaldar, presidia à festa a velha condessa de Borba, D. Catarina da Silva, mãe do capitão de Arzila, tendo junto de si sua nora, condessa do Redondo, e suas duas filhas, D. Maria e D. Joana da Silva. E sôbre o regaço de brocado do Levante, D. Maria aconchegava a si o sobrinho D. Vasco, criança de oito anos, o filho mais velho do conde de Redondo, o qual arregalava os olhos espertos para o bailado, agitando as mãosinhas polpudas em convulsões de entusiasmo infantil.

No momento em que a dansa atingia uma das fases febricitantes, uma aia mourisca, nova e donairoza, abriu rapidamente caminho por entre a aglomerada assistência, e encaminhou-se para o grupo das fidalgas.

— Que há de novo, Leonor Rodrigues? —

preguntou D. Maria da Silva, desviando para ela os lindos olhos, em cujo azul se adoçava a chama dos lampadários.

A aia respondeu, com o seu áspero sotaque arábico:

— Venho buscar o senhor D. Vasco. São horas de se lançar na cama.

Então o pequenito, tremelicante o beicinho rubro, atirou os braços ao colo branco da tia, cingiu-o escondendo o rosto, e titubeou:

— Não quero deitar-me. O baile não me deixará dormir.

D. Maria olhou-o, sorrindo ternamente, hesitando. Mas a velha avó, que tudo ouvira, interveio com branda autoridade:

— Ide embora, menino. Mais lindos bailes vereis de olhos cerrados que com êles abertos.

Não se convenceu o pequeno, e lagrimejou ao volver os olhos saídos para o luzido espectáculo de que o apartavam. Mas não se cansou a resistir com palavras, que a sua infantil experiência sabia vãs. Aquela crespina de ouro e sêda, que envolvia a formosa côma nevada de sua avó, era uma jaula de preceitos rígidos que desconheciam licenças. E só funda bondade lhes temperava a molestia.

Assim, pois, a criança emergiu dos braços de D. Maria, a qual suspirou resignada, cor-

respondeu com um beijo amuado às despedidas das fidalgas, e meteu a mãosita branca na mão trigueira de Leonor Rodrigues. E quando atravessou com ela a sala deslumbrante de luzes e vibrante de sons, por entre afagos carinhosos e respeitosas saudações, as suas crenchas douradas estremeciam e o seu pelote de brocadilho ondulava no arquejo de abafados soluços.

— Minha senhora e mãe — murmurou a condessa de Redcndo, que com ansiosa vista seguira o filho — não reparastes no semblante da aia?

— Que vistes nêle, filha? — redarguiu a condessa de Borba com suave ironia.

— Não sei que febre naqueles olhos. Diz-me o coração que ali há maldade.

— Andais de quebra com a mofina Leonor, e não há nada que não suspeiteis dela. Ora bem deveis de saber quanto me deve a pobresinha. Fui eu quem a fêz cristã, quem a casou depois com o mourisco João Coutinho; e quando ela enviuvou, recolhi-a aqui em casa, e fi-la aia de meu neto. Agasalho como se vosso fôra o filho dela, trato-a como se fôra minha filha...

— Como a todas vossas camareiras e damas, bem sei.

— Porque há de ela, pois, querer-vos mal?

São zelos de vosso filho que vos entontecem, Isabel.

— Talvez. Porém...

— Dizei tudo — insistiu a nobre senhora, vendo que a nora hesitava.

— Sabeis aquele alfaqueque muito velho, que aí vem tantas vezes?

— Bem sei. O do alquicé remendado de bocaxim vermelho.

— O mesmo. Pois não há visita dêle, em que não se delongue um rôr de tempo a cochichar com Leonor.

— É da sua cabilda, creio eu. Dar-lhe há novas dos parentes.

— Deus permita que não lhe cresça a vontade de se juntar com êles!

— Para ir em cata da miséria, tendo aqui a abastança para si e para seu filho? Ora Nossa Senhora vos valha com as vossas scismas, Isabel! Varrei-as da cabeça, e embevecei-vos antes nesta chacota das mouras.

A condessa de Redondo encolheu os ombros, e deu tréguas aos protestos apreensivos. Mas no seu íntimo a dúvida temerosa alastrava, e reflectia, por sugestão inconsciente, no ânimo da condessa velha, por mais que esta tentasse dissimulá-lo. Zumbiam em tórno delas perfídias invisíveis, e aqueles dois co-

rações amorosos pressentiam o pungir das ferroadas...

A bárbara melopeia, roncando nos arrabis, troando nos adufes, parecia agora dar vulto aos pensamentos sinistros. E os torsos coleantes das bailadeiras traziam ao espírito uma vaga idea de serpentes, com o seu tilintar de jóias em guisa de cascavéis.

Quando, sôbre o tumulto festivo, retiniu de súbito um repique penetrante de alarme, vindo do Miradouro distante, ressoou no coração de ambas como um eco dos seus pressentimentos. Empalideceram atrozmente, embora, de afeitas a semelhantes surpresas, não costumasse turvar-se a sua serenidade. E foi preciso à velha condessa grande fôrça de ânimo para dominar o alvôrto de pavor que alastrou pela sala, onde bailadeiras e tangedores se afogavam no fluxo e refluxo do mulherio desorientado e estrídulo.

— Tranquilizai-vos! — exclamava ela, apurada na sua cota negra, erguendo as mãos finas num gesto cheio de nobreza. — Nunca se diga que as mulheres de Arzila perdem a cabeça por uma algara de mouros.

Mas ninguém a ouvia, no meio do alarido discordante, a que fora se juntavam retinidos de armas, brados de comando, clangores de trombetas e de anafins, rebôos de atambo-

res e de atabales. Da janela aberta vieram exclamações apavoradas.

— Senhora condessa — gritava uma camareira — da janela dos meninos pendem umas cordas...

Já a condessa de Redondo, seguida das cunhadas, precedida por escravas e aias, se precipitava angustiada, pelos corredores escuros, esbarrando com arneses polidos, arreando couras e laudéis de escamas, lacerando mongis e cotas em punhos de espadas e coutos de lanças, em direitura da câmara dos filhos. Entraram de roldão. Sôbre os almadragues encortinados de tafetá, soerguiam-se as duas crianças mais novas, chorando de susto, amparadas por aias que se haviam adiantado.

— E Vasco? — perguntaram as senhoras trémulas de ansiedade.

Ninguém vira o pequeno. E Nuno Alvares, veador da condessa, entrando de carreira, dava terríveis informes.

— O vigia do Miradouro — dizia êle — viu claramente duas ou três mulheres lançarem-se pelas cordas. Com elas desceu uma criança...

— O meu filho, santo Deus! — exclamou a condessa D. Isabel.

E convulsas de horror, as fidalgas, numa torrente de palavras confusas, inquiriam por menores. Mas o veador já não as ouvia. Se-

guido de outros criados, galgara o peitoril da janela, e resvalava pelas cordas tensas para a praia. Lá fora, no terreiro e nas ruas, ouvia-se o escarvar dos corcéis, relinchos e latidos, algazarra dos almogavares que se atropelavam, celeuma de lanceiros e espingardeiros, pragas ululantes em português, em castelhano, em arábico, todo o medonho estrépito da soldadesca desperta por improviso assalto. E à claridade fôsca, que irradiava dos fogaréus fumacentos, lobrigavam-se na praia albornozes esbranquiçados, capelhares vermelhos, marlotas ondulantes, vagos lampejos de armaduras.

Entrementes, dentro da câmara, a aia das duas crianças, entre lágrimas, fazia o seu depoimento. D. Maria da Silva, com vago ar de inspirada, saíra do aposento. E no meio do mulherio transtornado de angústia, destacava, cheia de serenidade na sua cota de veludo negro, a figura majestosa da velha condessa, animando a desolada criatura.

— Eu dormitava além na recâmara — contava a aia. — Ouvi, meio estremunhada, Leonor Rodrigues, que trazia o senhor D. Vasco. E percebi que ela o convidava para chegar à janela, donde se viam as luzes do castelo. Parece-me que o menino choramingava, todo o seu empenho era voltar para o baile...

Mas tornei a pegar no sono, e só acordei com o rebate.

Faltava de feito Leonor Rodrigues, com mais duas das aias mouriscas. E uma escrava, sôbre quem recaíram suspeitas de as ter auxiliado na fuga, temeu-se do tormento com que a ameaçavam, e lançou-se aos pés da condessa, confessando que, com efeito, a Leonor a instigara para que a acompanhasse. De há muito que esta premeditava a fuga, de conlúio com o velho alfaqueque, que servia de intermediário para a alhala do rei de Fêz. Mas a escrava recusara-se sempre, e teria denunciado o trama, se percebesse que as fugitivas não se contentavam com o escapar-se sôzinhas. Agora, porém, compreendia a significação das meias palavras de Leonor, a qual premeditava desde o comêço o rapto do senhor D. Vasco.

A angústia maternal da condessa de Redondo, a dilacerante aflição de sua cunhada D. Joana, atingiram o seu paroxismo. Irromperam em soluços, em gritos, em terríveis clamores, emquanto a condessa velha, ajoelhando diante de um pequeno oratório em que a imagem ebúrnea do Crucificado sangrava rubis, orava rapidamente para que o Senhor afastasse de seu inocente neto as torturas do cativo entre mãos de infiéis.

E de repente, por entre o alarido espêso, sôbre o qual, lá fora, relevava a voz dominadora do conde, ressoou um estridente brado de júbilo. Precipitaram-se todas para a porta da câmara, donde partira êsse esperançoso rebate.

E não tardou muito que no limiar surgisse, entre os braços de D. Maria da Silva, o pequeno D. Vasco, esgaseado e choroso, avermelhando com o premir dos deditos o colo branco da juvenil senhora.

E D. Maria da Silva explicou:

— Fui-o encontrar na alcova que fica ao pé da sala. Percebi que a Leonor o quisera levar para a janela da câmara. Mas êle escoou-se de manso, para ir espreitar o baile pelas fendas do guarda-porta. Se não fôsse esta travessura, que seria dêle agora!

— Mas a criança que a atalaia do Miradouro viu descer pelas cordas? — perguntou D. Joana.

— Foi com certeza o Fernando, o filho de Leonor.

Agora, a balbúrdia era tôda de alegria inesperada. Das janelas passava a boa nova para a gente de armas. E, montado no seu nobre murzelo, o conde D. João suspirava risonho.

Ouviu-se na câmara a voz grave da con-

dessa de Borba, que dizia, depois de beijar o neto com intensa ternura :

— Minhas filhas, rendamos graças a Deus Nosso Senhor, que quis ouvir minhas orações!

E todas se prostraram diante do crucifixo.

O endemoninhado

I

Foi grande a consternação, em Arzila, quando correu voz de ter sido cativado por uma fusta de mouros o ferreiro Álvaro Dias, que do reino regressava para a pátria adoptiva de África.

Apesar do seu humilde officio, era Álvaro Dias personagem de retumbante nomeada por todo o reino de Fêz. Envolvia-o um misterioso nimbo de lenda, despertando uma espécie de respeito supersticioso entre os cristãos e um terror invencível entre os musulmanos.

A sua casa, situada perto da matriz de S. Bartolomeu, a velha mesquita sagrada por Afonso V, era um ponto de atracção para os curiosos da vila. Residia ali há muitos anos, desde os primórdios do século XVI, com sua mulher e duas filhas, que haviam medrado e embelezado ao sol ardente do Magreb. Dava-lhe o mister mediana abastança, acrescida

periòdicamente com o resgate dos cativos mouros que sempre tinha ao seu serviço. Tratava-os com sistemática fereza; não tanto porventura para cevar nêles o ódio fanático, como para lhes atijar as ânsias da libertação, cujo preço regateava judaicamente.

Anexa à residência tinha a oficina, cujas paredes se viam cobertas de amostras do seu fabrico, especialmente de ferraduras.

Com efeito, era sobretudo neste ramo que êle alcançara de longa data uma reputação indisputável. As ferraduras saídas de sua mão, não sofriam rivais. Se ginetes e azêmolas falassem, todos abençoariam o mesteiral que tão dôcemente lhes calçava as patas. Contava-se por tôda a parte, para encarecimento do ferreiro, um caso sucedido havia cêrca de nove anos, em 1511, por ocasião do segundo cêrco que o rei de Fêz pusera a Arzila.

Era capitão nessa época o conde de Borba, D. Vasco Coutinho, pai do capitão actual, D. João Coutinho, sucessor do título. Em seguida a uma sortida fecunda, leiloara-se o rico despôjo. Á porta do barbeiro André Leitão encontravam-se armas mouriscas, adargas, capelhares, marlotas, saias de malha, cervilheiras, tudo entremeado, como numa feira sertaneja, por uma manada de cavalos

que entravam também em almoeda. Entre êles avultava um soberbo alazão, que todos namoravam. Pertencera ao alcaide Adiel Pereira, escapo nesse dia, com a perda de um ôlho, às lançadas de D. Bernardo, filho segundo do conde.

Foi o formoso ginete arrematado pelo conde de Borba. Depois de atento exame, pelo novo proprietário, constatou êste um defeito; os cascos das mãos eram um pouco moles para suportar as ferraduras usuais. Mandou chamar Álvaro Dias para remediar o mal.

— Meu amigo — disse o capitão — queria para êste ginete duas ferraduras que não tivessem ferro.

O ferreiro não se perturbou, nem de leve, com o estranho da encomenda. Sêcamente, voltou as espaldas ao conde, regougando com o seu habitual laconismo:

— Já vos entendo.

Dali a pouco, volvia ao mesmo sítio, trazendo na mão duas ferraduras que silenciosamente entregou ao conde. Como eram fabricadas, eis o que se ignorava. Mas é certo serem tão macias que de pergaminho pareciam.

Ficou tão satisfeito o capitão, que, depois de celebrar com altos encômios o fabrico, disse a Álvaro Dias, o qual ouviu impassível

o panegírico, com as mãos negras cruzadas sob o avental de couro:

— Amigo, postai-vos à porta da Ribeira, e, quando o gado voltar da pastagem, escolhei entre as vacas da condessa a que melhor vos parecer.

Recompensa valiosa de-veras, num tempo funesto, em que o gado escasseava dentro da praça.

Não era, porém, principalmente no officio de ferreiro e artes concomitantes que o nome de Álvaro Dias adquirira celebridade. Tornara-se proverbial a sua valentia e a sua destreza como bêteiro, e ainda mais como espingardeiro. Quando o conde de Borba realizava uma das suas freqüentes incursões guerreiras pelo território da mourama, talando campos, incendiando aduares, roubando manadas e rebanhos, aprisionando infiéis, era certo vêr-se a figura corpulenta e taciturna de Álvaro Dias, sopesando a pé a bruta espingarda ou a formidável besta, adiantando-se à cavalgada em guisa de atalhador. Não havia serras ínvias, torrentes impetuosas, receios de cilada, que o detivessem na carreira, à frente da almogavaria, à qual os seus tiros devastadores abriam caminho por entre as mangas apavoradas do inimigo.

Entusiasmado com as próprias façanhas e

ansioso por lhes dar maior âmbito, o fragueiro soldado resolveu passar de peão a cavaleiro. E uma bela tarde, ao preparar-se uma correria, appareceu à porta da vila escarranchado num rocim, sôbre uma sela mourisca. Foi geral o espanto e a indignação. Por aquela época, além dos fidalgos, só cavalgavam lanceiros. Não havia ainda exemplo de um espingardeiro a cavallo. Não admira pois que o conde de Borba, assombrado com a novidade, desse immediatamente ordem ao ferreiro para se apeare e ceder a montada a um cavaleiro que não a tinha.

Álvaro Dias insurgiu-se contra semelhante determinação, que representava um agravo para a sua pessoa. Comprara o ginete à sua custa, para servir o capitão de Arzila nas suas cavalgadas, e era injustiça revoltante expoliarem-no.

— Ide a pé, conforme o vosso costume — redarguiu severamente D. Vasco. — O cavallo deve ser pertença de quem maneja a lança.

O ânimo bravo do ferreiro explodiu então num acesso de exasperada cólera. Os dentes cerrados, congestionado o rosto que a forja crestara, em movimentos hirtos aproximou-se do disputado corcel, fêz lampear um cutelo que arrancou da cinta, e sem dizer palavra,

nas barbas do conde, decepou os jarretas do mísero animal.

Caíram sobre êle os assistentes, numa fúria vingadora. Arrepelaram-no, esbofetearam-no, calcaram-no a pés, e, para lhe segurar porventura a vida, foi preciso que o conde interviesse, ordenando que o encerrassem numa masmorra, em companhia dos seus mouros cativos.

Não durou porém mais a prisão do que a cavalgada guerreira. Ao voltar para a vila, o conde mandou chamar Álvaro Dias. Quando todos esperavam a rispida punição do culpado, viram com pasmo os braços do fidalgo, cingidos de setim avelutado, com espiguilhas de ouro, envolverem o rude arcabouço ensanguentado do ferreiro, e ouviram as palavras, unguidas de affectuosa dignidade, que seus lábios finos pronunciavam.

— Perdoai-me, Álvaro Dias. O vosso arrebatamento prova que sois homem, e homem para muito. Foi justa a vossa cólera, por grande que fôsse o excesso. Quero compensar-vos com um corcel de preço e uma espingarda de doze cruzados, a primeira que nesta praça se vê. Ide em paz, amigo, e continuai a servir-me como até aqui.

E de então por diante, à frente das cavalgadas, a soberba espingarda de Álvaro Dias

aumentava o seu poder mortífero, de sobre o felpudo xairol marroquino que se arredondava nos flancos musculosos do ginete.

Mas o que sobretudo contribua para cercar de terror, a que não se furtavam de todo os próprios cristãos, a fama do bravo ferreiro, era a barbaridade e a estranha sordidez dos seus hábitos. Gabava-se de comer qualquer espécie de viandas e chegava a vangloriar-se de refeições canibalescas. Era com pérfida insistência que atraía a sua casa todos os mouros que por acaso entrassem em Arzila, e era com atozes risadas que lhes chamava a atenção para um pormenor singular.

No aposento de entrada, pendia do teto um arco de pipa, guarnecido de púcaros de barro, à maneira dos que ao tempo usavam os cereeiros. E pondo sucessivamente a manápula encarvoada sobre cada um dos bojos vermelhos, o ferreiro ia-os catalogando, com pasmo crescente do visitante:

— Vês êste púcaro? Tenho aqui o unto do xeque Cid Hamet. Êste outro contém o unto do mouro Fuão, da cabilda Tal. Por minhas mãos lh'os arranquei dos corpos ruins. Olha agora mais êste! . . .

E assim por diante prosseguia a enumeração selvática, até que por fim, brandindo o

braço cabeludo, derreava com uma valente punhada o busto do mouro, espavorido. Sacudindo-o pela goleira do alquicé, desengonçando-lhe o arcabouço com palmadas hercúleas, pontuando frases e meneios com gargalhadas tonitroantes, incutia no espírito do ouvinte a segurança da sua perversa gula, para cuja ceva davam contingente gastronómico todas as alimárias da terra e do mar, sem exclusão da espécie humana.

Conjugada com a crueza dos tratos infligidos aos cativos, por todas as cabildas se espalhara o boato de tão asquerosa selvajaria. Não o acolhiam embora os mais scépticos; mas a sua descrença não diminuía o ódio geral e encarniçado que inspirava o nome do ferreiro por aquelas terras islâmicas do Magreb.

De que região portuguesa proviria êsse que poderia ser alcunhado um artifice de pavor, com mais razão do que o herói de Homero? Ninguém o sabia. Mas desde o seu aparecimento em Arzila, por volta de 1506, se suspeitava que fôsse êle cristão novo, fugido do reino após a espantosa mortandade que em Lisboa haviam promovido o fanatismo estúpido e a ferocíssima cobiça. Tais suspeitas havia-as corroborado um episódio ocorrido cêrea de dois anos depois, por oca-

sião do primeiro e apertado cêrco com que o rei de Fêz angustiara a praça portuguesa.

No baluarte da Porta da Vila, flanqueando a porta, assestavam os colos tremendos contra o arraial mourisco duas bombardas, sobre os respectivos reparos: um urso, que lançava pelouros de ferro coado, e um camelo, que jogava enormes pelouros de pedra. Êste último, cuja garganta se escancarava em palmo e meio de vão, achava-se atestado com a possante carga, como o demonstrava o resbordo saliente de uma telha, que em seu côncavo sustinha o bruto pedregulho esférico.

Em frente do negro engenho, de costas arrimadas à bôca férrea, alvejava um frade dominicano, o qual conversava despreocupadamente com dois ou três fidalgos. Junto da culatra perpassavam bombardeiros e espingardeiros, e entre estes últimos Álvaro Dias, cujos olhos, de um castanho agudo, pareciam perfurar de passagem a ampla tonsura do monge.

Súbito, retumbou um estampido medonho. Uma fumarada parda ennevoou o grupo. Estreptou informe alarido. Sobre êle fuzilaram gritos de dôr. E, adelgada a névoa, junto à bôca ainda fumegante do camelo não se viu mais o frade.

Encontraram-lhe os restos, dispersos pelo terrapleno da barbacã. Juntaram-se piedosamente êsses fragmentos humanos, queimados e sangrentos, para os sepultar em sagrado. Mas, com surprêsa de todos, o prior de S. Bartolomeu recusou-se a admiti-los no templo. E então se revelou o segrêdo, ainda ignorado, da excomunhão que pesava sôbre o clérigo. Era êle um dos três dominicanos que, de cruz alçada, haviam instigado o povo aos desvários ferozes da matança, em Lisboa.

Foragido da fogueira, que havia devorado os companheiros no Rossio, reservara-lhe em Arzila sorte idêntica a Providência, ou quem sabe se a vingança anónima.

Quem sabe? Nunca se aclarou a origem da catástrofe, nunca se descobriu donde proviera a faúlha que incendiou a escorva do camelo.

Mas, na tarde dêsse dia, o ferreiro de Arzila cantava alegremente à sua forja. E alguém lhe ouviu regougar por entre as toadilhas boçais um versículo sinistro de Isaías:

«Porque o violento saque feito com tumulto, e as vestes manchadas de sangue, serão entregues à queima, e ficarão sendo o pasto do fogo.»

Filho de uma raça perseguida, acendrara-se nesse coração rude a ânsia fanática de per-

seguir também. Sôbre os mouros recaíu o seu lucrativo rancor, impotente para abranger os perseguidores. E uma sementeira reverberante de ódios alastrava contra êle pelas terras adultas do Islam.

Agora, nas mãos de inimigos exasperados, como poderia êle negar-lhes a devida razão de sangue? E ao ter novas do seu cativeiro, a gente de Arzila não podia furtar-se a antever-lhe o martírio.

II

Para Larache tinham os corsários mouros conduzido a sua presa: a caravela portuguesa em que o ferreiro de Arzila regressava de uma curta viagem ao reino. Apenas desembarcado o cativo, logo pelas comarcas próximas alastrou a notícia, num rasto de júbilo. Desde o litoral do Atlântico até às serranias do Rife, a mourama tripudiou. Mafoma triunfava. Não largaria das garras o seu mais ferrenho inimigo, antes de o submergir nos horrores da Geenna.

Em Xexuão, o alcaide Mulei Abraém recebeu a nova com a serenidade imponente

que nunca lhe desmanchava o aspecto. Nenhum mussulmano alcançou entre portugueses mais persistente tradição de magnanimidade e cortesia, embora durante os dilatados anos da sua alcaidaria raros hiatos permitisse à guerra com as praças africanas. Era tão proverbial a valentia do seu braço como a inteireza do seu ânimo. Cristãos e mouros tinham igual confiança na sua justiça. Reviviam nêlo as almas generosas e heróicas de Harun-al-Rachid e de Saladino, espelho imortal dos próprios nazarenos. Era uma glória do crescente sem ser uma abominação para a cruz.

Foi êste mouro intemerato quem avocou a si a posse de Álvaro Dias. Foi perante êle que o selvático ferreiro compareceu, após a rude travessia das dezoito léguas, erriçadas de penhas que apartam Xexuão da beira-mar atlântica. Quando aí chegou a cáfila guerreira que o conduzia, já se encontrava junto de Mulei Abraém um emissário do conde de Borba, adrede enviado para lhe negociar o resgate. Com tal propósito escolhera o capitão de Arzila a Francisco Gonçalves, môço português que, por ser vizinho do ferreiro e a êste e a sua mulher dever cuidados desde tamanino, maior diligência e empenho poria no êxito da missão.

Mas logo, perante a extraordinária aparência do cativo, uma surprêsa varou os circunstantes. Rolavam-lhe as órbitas, alvejando fortemente no crestado da tez; coava-se-lhe por entre os beiços grossos uma baba que rociava na pelagem hirsuta da barba; contraíam-se-lhe os velosos braços manietados como galhos torcidos de sobreiros; turgiam-lhe as cordoveias no colo taurino; a grenha espêssa havia-se empapado na lama dos caminhos; escavava-se-lhe o abdómen, sôbre o qual esvoaçavam frangalhos da camisa imunda; e a violenta compressão do torso espirrava-lhe da bôca urros intermitentes.

Então, os mouros da escolta explicaram como, desde o seu aprisionamento, o horrendo mal invadira o ferreiro de Arzila. Era certamente o demónio que, por seus pecados, se havia instalado no corpanzil do cristão novo. E Francisco Gonçalves, pasmado e condoído, asseverava ao alcaide que nunca vira no cativo sintomas de tal enfermidade, e assim corroborava as suspeitas de intervenção diabólica.

O generoso coração de Mulei Abraém apiedou-se do desgraçado. Afogados em bondade os olhos negros, estendendo num gesto de clemência o braço envolto nas amplas pregas do haïque de sêda, curvando ao de leve

a cabeça, sôbre a qual a musselina espumava em tórno do rubro capelhar, o nobre alcaide pôs têrmo ao alvorôço, e assim se exprimiu em corrente castelhana:

— Herrero de Arzila, yo estava contente en teneros por cautivo, y tener al mayor enemigo que los moros tienen. Pero ahora que os veo tan malo y enfermo, tengo piedad de vos, y sé muy bien que sois rico y teneis casa y mujer é hijas hermosas. Quiero que me enseñeis dos mozos a hacer herraduras de vuestra mano, que bien sé que sois dello buen oficial, é yo os prometo de daros libertad, para que os vayades para vuestra casa, mujer é hijas.

Tanta generosidade espantou os assistentes. E era mister que grande fôsse a veneração pelo alcaide para que não explodisse em brados de revolta a indignação que lavrava nos corações islamitas. Francisco Gonçalves, impulsivo e ardente, não deu ouvidos senão ao seu affecto por Álvaro Dias, ao seu reconhecimento para com o magnânimo libertador. Com lágrimas nos olhos, aproximou-se do alcaide e levou aos lábios a mão fina e nervosa do mouro. Depois ergueu a voz varonil e comovida.

— Senhor — disse a Mulei Abraém — graças vos dou pela mercê. Crêde: não é indigno

dela quem a recebe. Tudo quanto dêle dizem os mouros é burla sómente. Apenas para agradecer é que êle faz gala das mentidas monstruosidades. Recebei por minha bôca as graças do capitão de Arzila e da família enlutada do ferreiro.

Em seguida voltou-se para Álvaro Dias, o qual, atenuada por momentos a crise epiléptica, ouvira num espasmo idiota a sentença do seu destino.

— Álvaro Dias, lançai-vos aos pés do alcaide, e agradecei-lhe a grandeza da mercê.

Mas a intimação foi baldada. O ferreiro mantinha-se na sua impassibilidade imbecil e no seu mutismo apenas cortado pelos ímpetos do ofêgo. Assim o levaram, já sôltas de peias as mãos cabeludas, à oficina de um judeu ferreiro, a mais importante de Xexuão.

Apresentaram-lhe os dois aprendizes, aos quais lhe cumpria ensinar o amanho do ferro para o fabrico das ferraduras. Á porta da esfumada quadra, aglomerava-se uma turba sussurrante, revestida de sórdidas aljubetas pardas. Na ténue claridade interior, em que dansava uma poalha lucilante e arquejavam os foles, esbraseava a bôca vermelha da fornalha.

Para exemplo e lição, o judeu ordenou ao cativo que encetasse o trabalho. Diante dos olhos

espertos dos mourinhos, tomou Álvaro Dias, com gesto maquinal, as encarvoadas tenazes. Arpoou da forja a barra flamejante, pousou-a na safra, estendeu a mão para o pesado martelo. Mas antes de o empolgar, uma convulsão tremenda lhe sacudiu os membros. Vergou-lhe de súbito o tronco possante, e, rouquejando, esperneando, escabujando, torcendo-se, tombou de bruços em cima do candente bloco.

Precipitaram-se para êle, numa algazarra, os artífices da oficina e a mó de povolêu. Ergueram-no a custo. Espalhou-se no ar um cheiro acre de carne queimada. Sob a pelugem crestada, vermelhava no peito robusto do ferreiro uma enorme chaga rachinante; por entre a negra barba chamuscada, sangrava, roída da chama, a queixada angulosa e forte.

Emquanto o deitavam, quasi sem alento, sobre uma esteira de junco, os pequenos aprendizes correram, ofegantes e espavoridos, ao palácio do alcaide.

Admitidos à presença de Mulei Abraém, explicaram-se em frases entrecortadas de espanto:

— Senhor, senhor — bradavam êles — o ferreiro de Arzila, o diabo o tomou, deu com êle no fogo, queimou-o todo.

Movido de piedade, o nobre xeque mussul-

mano ordenou logo que os nazarenos, cativos em Xexuão, acudissem ao seu companheiro e o curassem conforme a sua usança.

Achava-se ainda presente Francisco Gonçalves, que se valeu do momento para impetrar novo favor do alcaide.

— Senhor — disse êle — vêde como êsse mesquinho se debate com a morte. Não permita a vossa clemência que tão longe dos seus o mísero solte a alma do corpo. Faça-me a mercê de o deixar morrer em sua casa, para que entre na vida eterna com os olhos cheios de imagens amadas.

E, como o alcaide lhe houvesse já antes pedido o resgate de um mouro notável, então o môço português acrescentou:

— Em troca do ferreiro eu me comprometo a dar-vos êsse mouro, que tanto desejais soltar.

Fez-se nestes termos o contrato. Chamou-se o irmão do mouro cativo, para acompanhar a Arzila o ferreiro e receber o preço vivo do seu resgate.

O contentamento deu asas ao emissário. Instalado o enfêrmo, o mais cômodamente possível, sobre o dorso de uma azêmola, em breve a pequena comitiva se pôs a caminho, deixando a casaria branca de Xexuão atufada na alcatifa circundante de vinhedos, trans-

pondo as escarpas do Djebel Afenu, atravessando searas, córregos e pradarias, agasalhadas por cabildas várias e em mesquinhos aduares, até enfurnar pelo desfiladeiro angusto de Capanês, através do qual dialogam das cumiadas os serranos de Ben Arros e de Ben Agrofate. E durante esta caminhada extenuante, o enviado mouro tremia sempre de que os gemidos do chagado Álvaro Dias lhe consumissem os derradeiros alentos de vida.

Apenas em Arzila avistaram a caravana e se reconheceu o ferreiro, o alvorôço foi colossal por tôda a vila. A população em pêso correu à praia para o receber. Ali se via o conde de Borba em pessoa, não se pejando de enxovalhar o luzido gibão de setim no amplexo de acolhida ao seu valente servidor.

Levaram-no em continente à Misericórdia. Ao pé do catre, sôbre o qual estrebuxava, em arrancos de dôr, ajoelharam sua mulher e seus filhos, chorando. Um pequeno de dez anos, último rebento do cristão novo, arregalava para o pai os olhitos pávidos. Em derredor, a gente grada da vila lastimava a triste sorte do ferreiro. Fêz-lhe o primeiro curativo às horrendas queimaduras o bacharel Francisco Gutiérrez, afamado físico e cirurgião. Respondia pela rápida cicatrizaçõ

das chagas, mas abanava a cabeça quando o mouro de Xexuão lhe dava conta dos terríveis acessos que haviam ocasionado o desastre. E já se apelava, como supremo recurso, para as armas espirituais, e os padres de S. Bartolomeu ensaiavam, manuseando velhos cartapázios iluminados, as fórmulas salutares do exorcismo.

Mas nisto Álvaro Dias recobrou ânimo. Circunvagou os olhos em que refulgia a congénita astúcia, e, dando trégua aos gemidos, vencendo a tortura excruciante, rompeu de súbito numa gargalhada estridente, estentórica, formidável.

E no meio de um espanto que arreperlava as carnes, vociferou:

— Enganei-os, enganei êsses perros! Eu não estou possesso, eu não padeço do mal sagrado. Fingi, para alcançar a liberdade, para não ensinar aos infiéis a traça das minhas ferraduras. Curai-me destas feridas, e vereis como ainda volto a cevar-me na carniça dêsses cães!

Entremeada de gargalhadas e de uivos de dôr, fêz o ferreiro a pormenorizada narrativa da sua marcha heróica, que tivera por têrmo um sublime martírio. O nome de Múcio Scévola acudiu à bôca dos mais letrados, enleado ao nome do valente português, no mo-

mento em que êste recaía, extenuado e espumante, sôbre o duro enxergão do catre.

Quando, mais tarde, chegaram os ecos da história aos ouvidos de Mulei Abraém, o alcaide exclamou com a sua habitual nobreza:

— Si es verdad que el herrero de Arzila se quemó por su voluntad, yó me huelgo de ser engañado del, y si yó le pudiese aver, le haria mucha honra y merced, para traer en mi casa hombre que tanto engaño sabe.

Mas o ódio de Islam não cansou. Uma dúzia de anos mais tarde, o filho do ferreiro recebia das mãos vingativas dos mouros o atroz legado do suplício.

Agoiros

— Senhor capitão, trouxe o alfaqueque aviso de que na várzea de Taurete deve juntar-se esta noite a harca de mouros do Baraxe para virem talar antemanhã os campos de Arzila. Se logo à bôca da noite sairdes daqui com cincoenta ou sessenta lanças, não mais, sei de um caminho por onde os colheires desprevenidos. Fareis nêles rude chacina e havereis rico despôjo. Anda por aquela várzea soma de gado, e não faltam aduares de gente abastada. Com a ajuda de Deus, vos certifico que será vossa, e grande, a vitória, e desafogareis Arzila por uns meses talvez.

Assim falava o adail, crestado e barbudo, agitando as manámulas terrosas em pródigos acenos de mímica.

Negligentemente sentado diante de uma mesa marchetada, D. João de Menezes escutava-o, rapando de quando em quando numa almofia de esmalte uma colherada de arrobe,

que alternava com goladas copiosas, tomadas a eito de um gomil de prata, e com grossos motrecos louros, partidos à mão de uma alentada borôa de milho.

Mastigando em silêncio, D. João de Menezes sacudiu com os dedos nervosos e ágeis as migalhas esparsas no roupão de setim roxo. Depois ergueu a bela cabeça, enérgica e glabra como um camafeu romano, fitou no adail impaciente os olhos pardos, afeitos a embeberem-se no sonho, e disse lentamente:

— E faz-se mister que partamos hoje?

— Após o correr do sino, o mais tardar. São quatro léguas de mau caminho, e só Deus sabe os estorvos que se levantarão diante dos nossos passos. Se nos delongarmos, encontraremos os perros já de abalada, e pode bem ser que a matilha de Alcácer venha já engrossada com a cachorrada de Xexuão, de Tetuão e de outras partes.

D. João de Menezes quedou-se instantes a reflexionar. Uma nuvem de tristeza se espalhou sobre a sua serêna fisionomia. E disse, como falando consigo:

— Pudesse eu seguir o meu desejo! Mas

en tanto dolor me veo

que se sigo mi deseo

gran miedo tengo de mi.

Depois de declamar com dolorosa ênfase estes versos, que em tempos lhe ditara a melancólica Musa, voltou-se para o adail e acrescentou resolutamente:

— Não se fará hoje entrada alguma.

O mourisco encarou-o, pasmado. Tão fora estava semelhante renúncia dos hábitos conhecidos de D. João, que era bem natural a surpresa. Os moradores de Arzila, cansados de ouvir com frequência, a qualquer hora do dia ou da noite, o tanger do sino que convocava os fronteiros e os almogavares para uma incursão por campos da mourama, tinham conferido ao capitão a alcunha irónica de *Repica-sino*.

O infatigável ardor heróico do irmão do conde de Cantanhede, sempre prestes a arriscar a vida, sob o mínimo pretexto, para exterminar infiéis, para talar searas e aduares, para fazer flutuar a bandeira de Cristo sobre destroços de mouros, desmentia-se desta feita.

O adail estava de-veras estupefacto. Não podendo atribuí-lo a fraqueza de ânimo, difficil era discernir o motivo da inesperada evasiva. E sob o matagal grisalhante dos supercíllos, seus olhos negros e agudos esgaravatavam o plácido semblante de D. João.

Êste sorriu por fim, com uns longes de

amargura, perante a surprêsa do adail. E em voz pausada, perguntou:

— Sabeis que dia da semana é hoje?

Vincou-se na momentânea concentração de espirito a fronte tostada do mourisco.

— É têtça-feira, senhor — respondeu êle.

Mais se acentuou a amargura nos lábios de D. João de Menezes. Encostou o cotovelo à mesa, sôbre cuja beira espadanou a manga ampla do roupão, reclinou a face sôbre a mão espalmada, e, com um profundo suspiro, começou a evocar com voz alta as suas recordações dolorosas, sem talvez pensar que alguém o estava escutando:

— Foi a uma têtça-feira, sete de Dezembro do ano de noventa — lembro-me como se fôra hoje! — que começaram em Évora as justas reais pelo casamento do príncipe D. Afonso. Nelas tomei parte. Mal pensaria el-rei D. João II, na sua armadura branca de cavaleiro do Cisne, que tão cêrca dêle andava a desdita. Mal sonhara o pobre môço de dezasseis anos, e mais aquela princesinha linda como os amores, que o seu noivar seria tão curto!

Deu novo suspiro, e prosseguiu:

— Voltei para as minhas terras de Algezur. Daí a poucos meses, chegou um mensageiro com cartas de el-rei e do príncipe, em que para camareiro do mesmo príncipe me

convidavam. O dia, em que essas cartas me chegaram às mãos, era uma têtça-feira do mês de Abril. E, feitos os meus preparativos de jornada, foi na têtça-feira seguinte que parti para Lisboa. E a Lisboa cheguei dali a uma semana, na têtça-feira.

Interrompeu-se ainda. Recostou-se ao alto espaldar de carvalho entalhado, e seu olhar scismador perdeu-se no trecho de azul pálido, enquadrado pela amarelenta moldura da lumieira em frente.

— E nem quero lembrar-me — murmurou êle — do bem que numa têtça-feira aziaga me fugiu também...

E, alheado de novo enleio, declamou:

Se té'qui por vós sentia
tristeza, pena, paixão,
pelo bem que vos queria
esperava e merecia,
dardes-me outro galardão.

Mas, após breve silêncio em que as amorosas saúdades se diluíram numa recordação trágica, continuou:

— Doze de Julho de noventa e um. Uma têtça-feira. Andava o príncipe pela praia do Alfanje, todo vestido de negro, cavalgando um ginete de carapução negro e tapeteiras

negras. Ruim agoiro! «Quereis correr comigo o páreo?» perguntou-me êle a sorrir. «É já quási noite, senhor!» respondi-lhe eu. Mas êle teimou tanto, que eu não tive remédio senão obedecer-lhe. Êle desceu do cavalo, que era algo rebolão, para cavalgar na mula que mandara trazer e que era muito mansa. Mas ao montar, quebrou-se-lhe o loro do estribo. «Embora! cavalgarei no ginete!» E não houve admoestações minhas que o fizessem desistir. Dei-lhe a mão, e começámos a carreira. A poucos passos, porém, o cavalo do príncipe tropeçou nuns seixos da praia, e caíu, e levantou-se logo numa upa furiosa, levando o príncipe debaixo de si por largo espaço. Quando consegui detê-lo, estava o malfadado môço todo ensanguentado, sem fala e sem sentidos, como morto. Assim o deixei nas mãos dos cavaleiros e dos oficiais que acorreram, e eu fugi, fugi, no escuro da noite que desabava, alanceado de angústia, crivado de remorso, embora sem culpa, e só longe me despedaçou a alma a nova da sua morte...

Nos olhos do guerreiro trovador bailavam lágrimas. E o semblante rude do adail entenebrecia-se ao contágio daquela mágoa. No silêncio adusto da tarde, ouvia-se o marulho cavernoso, como um desfiar monótono de nébias.

D. João de Menezes passou pelos olhos a manga de setim, ergueu-se lentamente, encaminhou-se para a janela, encostou-se à ombreira de granito, alongou pelo areal ardente a vista ainda turva, e mergulhou de novo o espírito no passado sinistro.

— Estava uma tarde soalhenta como a de hoje — recordou êle. — Quando comecei a correr com o príncipe, saía de nadar no Tejo um mocito de gente baixa. Acabava de envergar o pelote, e batia os sapatos um no outro, para sacudir a areia. Não sei porque, aquele ruído trouxe-me ao coração um preságio de desventura. E certo é que de então por diante, sempre tive por agoiro o bater dos sapatos. E olhai — acrescentou êle, estendendo o indicador para um vulto que alvejava ao longe no fulvo da praia. — Aquele mourinho além, cêrca da babugem do mar, afigura-se-me pelo mover compassado dos braços que está sacudindo as servilhas. Não! não! — concluiu com intimativa, voltando-se para o adail, o qual debalde catava com a vista o areal ofuscante. — Hoje é dia de agoiros! Fôra tentar o destino o cometer qualquer emprêsa. Ide, amigo! Tende em reserva os vossos bons intentos. Deus Nosso Senhor não nos faltará com outro e melhor ensejo!

O mourisco inclinou-se e saíu.

Não foi por malévola indiscrição sua que transpirou em breve na vila a substância do diálogo. Mas não houve morador que ficasse ignorando os engiços do *Repica-sino*. E aqueles, a quem mais importunava o seu desassossêgo heróico, folgavam por ver neste novo Aquiles o calcanhar vulnerável.

Ora passados dias, um desusado movimento de almogavares, uma azáfama de aprestos guerreiros, a coscovilhice de um alfaqueque imprudente, denunciaram a iminência de uma entrada por campos agarenos. O tempo invernososo era de molde para uma surpresa sôbre cabildas recolhidas nos aduares esparsos. Era para aquele dia, sem dúvida! que bem conhecidas eram as predilecções do *Repica-sino* por semelhantes afrontas aos temporais. E alguns dos moradores menos belicócos, na impossibilidade de parar em têrça-feira a roda girante da semana, imaginaram uma astúcia que os livrasse de incómodos e de perigos.

Era costume de D. João de Menezes, antes de qualquer empresa, percorrer o castelo e a vila inteira, a fim de verificar se tudo estava atalaiado. Assim fêz nesta tarde.

Garbosamente montado no seu murzelo, envolto num capeirão pardo que o resguardava da chuva copiosa e persistente, fazendo

na mão da rédea reluzir apenas o aço do mangote, seguido de três ou quatro fronteiros, sôbre cujas lanças enormes as gotas de água resvalavam, o capitão acercou-se da porta da vila. Umas pancadas surdas e incessantes lhe feriram a outiva. Estremeceu. Aproximou-se mais. Abrigado sob o largo saimel de cantaria, um rapazote, embrulhado num bedém de burel, batia ferozmente um alcorque encharcado contra a parede interior do arco.

D. João de Menezes susteve o ginete, e, franzindo o sobrôlho, observou o môço. Este continuava imperturbável na sua faina, e não era difícil distinguir-lhe um raio de malícia nos olhos espertos.

— Pára com isso! — bradou com rudeza o capitão.

O rapaz obedeceu, com um sobressalto de terror. O *Repica-sino* encarou-o com mais fi-xidez. Conhecia, um por um, todos os moradores de Arzila. E interrogou-o, com mais brandura:

— Não és criado de João Dias?

— Senhor, sim — respondeu o môço, baixando os olhos.

D. João de Menezes sorriu. A fama de pol-trão, que o amo gozava na cidade, dera-lhe a entender a mauha de que se fizera instru-

mento o criado. Espalhou o sorriso pela fisionomia dos fronteiros, que se haviam acercado, e disse afávelmente ao rapazote:

— Dirás a teu senhor que, em penitência do que merece pelo que tu fazes, não lhe darei maior pena do que a de ir nesta jornada. Sei muito bem que nela se há de aproveitar mais dos pés do que dos sapatos.

E, alargando a rédea do cavalo, prosseguiu na sua inspecção.

Mercê tardia

Na olanda nívea da almofada em que atufava a cabeça de D. João de Menezes, mais de marfim lhe pareciam as faces. Olhos cerrados, entreabertos os lábios em que um longe de rosa desmaiava, descaía-lhe o braço direito sôbre a corrediça de brocado, ao passo que a mão esquerda pousava no peito arquejante.

Não dormia. Pairava-lhe o pensamento pelas lembranças dolorosas da sua existência, desde a desastrosa morte do príncipe D. Afonso; mas sobretudo se aferrava à mais recente mágoa, aquela que há poucas semanas lhe ia corroendo a vida.

Afigurava-se-lhe à imaginação a rude batalha de Sexta-feira Santa do corrente ano de 1514, junto à fonte de Bolião, a quinze léguas daquela praça de Azamor. Tudo lhe ia perpassando pela memória: a luzida alhala e o imenso arraial marroquino, alongando-se por duas léguas de campo; a onda multicolor

dos mil e tresentos cavaleiros cristãos, entre os albornozes brancos dos oito mil auxiliares, das cabildas de Abda e Gárbia e outras circunvezinhas de Azamor e Safim; a arremetida impetuosa dos nossos sôbre a muralha compacta das mazaganias de Fêz, por cujos interstícios esguichava a morte da bôca das espingardas e do arco tenso das bestas; o desbarato da hoste formidável, arrebanhada por tôda a extensão de território que vai de Mequinez a Tedla, de Tedla ao litoral; o sôfrego desabar dos mouros de pazes sôbre o rico despojo do arraial inimigo; o temerário impulso do trôço de portugueses, que se engolfou por entre as mangas dos fugitivos; o deplorável morticínio dêsses vinte e sete fidalgos e quarenta soldados, marcando com sangue escusado o remate da triunfante refrega. E era êste o nimbo de tristeza que lhe ennublava o orgulho da vitória. Que contas daria a Deus de tantas vidas, porventura sacrificadas sor imprevidência do chefe? Como responderia a seus irmãos, o conde de Cantanhede e D. Rodrigo de Menezes, quando, neste mundo ou no outro, o responsabilizassem pela sorte dos filhos de ambos, D. Garcia e D. Fernando, duas entre tantas vítimas illustres?

Através da aparente modorra, o tropeiro

reviveu no capitão heróico, e os lábios de D. João ciciaram o sentido mote do vilancete, com que respondera aos que o interrogavam sôbre a sua doença:

Preguntais-me de que morro:
Não no ouso de dizer,
Porque hei mêdo de viver.

Sim! Sentia-se no extremo o terrível *Repica-sino*, cujas façanhas reboavam por todo o Algarve de Além-Mar. E com amargurado orgulho lembrava a empolada homenagem prestada ao seu braço e à sua mente pelo conde de Tarouca:

A vós, que em cavalaria
E valentia
Dais toque a Scipião,
A vós, que em sabedoria
Precedeis rei Salomão,
A vós, sob cujo poder
Jaz tôda a arte de trovar...

Roçou-lhe pelos lábios a asa de um sorriso.
Abriu os olhos.

Defronte do leito, um bufete, coberto com vistosos bordates, parecia ajoujar-se ao pêso de livros e pergaminhos, entre os quais vermelhavam um bojudo cântaro e um púcaro

de barro de Extremoz. Para êste se dirigiu a vista embaciada do enfêrmo.

— Tenho sêde — murmurou êle.

Logo, da sombra em que se apagava, acocorada numa esteira de Bugia, emergiu a figura esbelta da escrava mourisca, que escondia o corpo alambreado sob um brial europeu de fina escarlata. Silenciosamente, encheu o púcaro com um jôrro que a luz tibia da fresta prateou um instante, e endereçou os passos tímidos para o leito.

O sorriso de D. João acentuou-se, descobrindo-lhe a alvura dos dentes por entre a selva dos pêlos grisalhos. E da descôrada comissura dos lábios exalou-se o terceto madrigalesco:

Cativo sou da cativa,
Servo de uma servidora,
Senhora de seu senhor.

As pálpebras pestanudas da escrava velaram com modéstia o esplendor dos olhos negros, enquanto ela sollevava brandamente a cabeça de seu senhor e lhe achegava à bôca o pucarinho que, por novo, ainda rechinava.

Dessedendado, o enfêrmo perguntou:

— Em que dia vamos?

A môça, tornando a iluminar o semblante, redarguiu após um momento de reflexão:

— 15 de Maio, meu senhor.

— Mas o dia da semana?

Depois de nova pausa, veio a resposta.

— Segunda-feira.

— Segunda-feira! — repetiu D. João com acerbo sorriso, deixando descair a cabeça no frouxel da almofada. — Véspera de têrça! Não passarei de amanhã.

— Tal não digais, senhor — protestou a mourisca em voz angustiada. — O nosso destino está nas mãos de...

Ia talvez dizer Alá, mas recordou-se a tempo do baptismo recente que a apartara do Islam, e concluiu emendando:

— Nas mãos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O capitão abanou a cabeça, e murmurou:

— As têrças-feiras tôda a vida me temem sido funestas.

E embrenhou-se de novo em suas tristes relembrações, com o olhar esquecido no rosto suave da escrava. Senão quando, uma pressurosa pancada à porta do aposento o despertou do enleio.

A mão trigueira da mourisca, no pulso da qual fulgia uma manilha de ouro, descerrou o pesado batente. Franziu-se o guarda-porta de sêda, pendente do saimel tôsko, em cujas pregas se arredondava o escudete broslado dos Menezes, com o seu anel de rubi, tocado

de negro, sôbre campo de ouro liso. E precipitou-se para o interior um corpanzil desmesurado, enfiado numa aljubeta rôxa, do qual ejaculou um clamor alvoroçado:

— Alviçaras, senhor D. João! Chegou uma caravela de armada, com cartas de Sua Alteza. Fundeou há meia hora, se tanto, e veio-me o mensageiro no encalço.

O *Repica-sino* teve uma agitação de sobressalto e um clarão nos olhos amortecidos.

— Mercês, João Brandão! — disse êle com um acêno vago. — Chegam ainda a tempo as letras de el-rei meu senhor.

Um rumor de vozes abafadas provinha da sala contígua. Pela porta aberta entreviam-se fronteiros, oficiais e almocadéns, que com impaciência aguardavam as novas recém-vindas do reino. E passados minutos, durante os quais João Brandão dava ao capitão as rápidas informações que pudera colher sôbre a viagem, um refluxo da turba ansiosa denunciou a chegada do emissário.

Era um tostado mareante do Algarve, sêco de carnes, rosto glabro e vivaz, em cuja mão fusca e ossuda branquejava um maço de papéis.

Apenas êle entrou na câmara, aglomerou-se no limiar da porta um grupo de mais ardentes curiosos. O capitão da caravela adian-

tou-se uns passos em direcção do leito, cravou no semblante do enfêrmo os olhos cheios de respeitosa mágoa, curvou numa vénia o magro busto, endireitou-se de novo, e declamou em voz vibrante:

— Deus Nosso Senhor avivente Vossa Mercê por largos anos, senhor conde!

Houve um movimento de espanto, denunciado em gestos e murmúrios. O torso do doente, já soerguido no leito, teve um estremeção violento, fuzilaram-lhe os olhos na macilenta contenença, e seus lábios latejantes formularam uma ansiosa pergunta:

— Com quem falais, amigo?

— Com Vossa Mercê mesmo, senhor D. João de Menezes — replicou com firmeza o mareante. — Pelas cartas patentes que Sua Alteza me entregou, vereis como el-rei há por bem fazer-vos conde de Algezur.

E acrescentou, repetindo a vénia:

— Pela nova vos peço alviçaras, senhor!

O *Repica-sino* ergueu os olhos ao céu. Difícil fôra discriminar se nesse volver de olhos ia uma fervorosa acção de graças ou a lástima amarga de um moribundo. Uma dôr aguda lhe contrafu as esmaecidas feições. Descafu-lhe a cabeça sôbre a almofada, que a triste escrava lhe aconchegou com carinho. E disse em voz débil:

— Ide, amigo, ide! Mercês! A tempo vos darei alvíçaras, se tempo me der Deus! Deixai-me sôzinho com João Brandão, que me leia as missivas de el-rei.

Despejou-se num momento a câmara. Á cabeceira do leito, enxergava-se na meia obscuridade a suave figura da mourisca, entornando sôbre o prostrado guerreiro a chama de seus olhos piedosos. Junto do bufete, como varado por um feixe de luz onde a poeira fina dansava, João Brandão desmanchou o maço deixado pelo mensageiro e começou a abrir as cartas.

— Lêde, lêde depressa, enquanto me restam ainda ouvidos — murmurou D. João de Menezes.

Em voz pausada e clara, João Brandão foi trasladando as letras régias. Eram agradecimentos do monarca pelos relevantes serviços que D. João prestara em Azamor, desde que no ano passado, após a conquista feita pelo duque de Bragança, ali ficara como capitão do campo. Pedia-lhe D. Manuel que por seu amor ainda se demorasse mais dois meses, enquanto não se desafogasse totalmente a praça do ímpeto vingativo da mourama. E por derradeiro enviava-lhe com efeito o diploma da nova e importante mercê com que lhe aprazia elevá-lo em nobreza.

Semi-cerrados os olhos, D. João escutava. Apenas um sorriso pálido lhe trazia de ora em quando sinais de vida ao rosto amortecido. Quando a leitura terminou, quedou-se ainda silencioso por tão largo tempo que João Brandão se acercou do leito, trocando com a serva mourisca um olhar de pávida interrogação.

— Será bom chamar o físico — ciciou êle.

Mas D. João ouviu-o. Abriu os olhos, e disse, abanando melancolicamente a cabeça:

— Não é de cuidados da terra que eu preciso. É do ceu que virá remédio à minha alma. Mas antes que o padre venha limpar-me de pecados, escrevei por mercê a minha despedida aos desenganos dêste mundo.

Fitava os olhos lagrimejantes da escrava, em que voejavam recordações saúdosas dos seus amores de tropeiro. Depois volvia a vista para a sua espada, coruscando no pendural da parede ao embate extremo do feixe luminoso, como um raio de glória a comer-se da treva. E com voz segura ditou a João Brandão o terceto inicial do seu derradeiro vilancete:

Tirai-vos lá, desenganos

Não venhais

A tempo que não prestais.

E foi prossequindo com as três estrofes amarguradas em que, à beira da eternidade, mostrava as chagas abertas pela ingratidão dos homens. Tôda a sua vida de dedicação, de sacrifícios e de decepções, repassava nesses versos doloridos; e a ironia da graça régia, caída em mãos de um moribundo, transparecia num angustiado queixume:

Quem vos manda bem entende
Que me não podeis valer...

Não! não lhe podia valer aquela consolação tardia! Antes, pela violência da comoção, ajudava talvez a precipitá-lo mais rapidamente na sepultura.

O *Repica-sino*, o glorioso capitão de Arzila e de Azamor, entrou logo na agonia. Deram-lhe os sacramentos. E naquela mesma noite exalou o último suspiro.

A corôa de conde nem sequer chegou a encimar-lhe o braço do túmulo.

A Suíça

I

Foi grande o reboliço em Arzila, ao saber-se que, debaixo das bombardas da vila, duas fustas de mouros se atreviam a saltar uma caravela portuguesa. Por mais que em tal ousadia repugnassem acreditar os moradores, fôrça lhes pra não se recusarem ao testemunho de seus olhos. Alcandorados nas muralhas, aglomerados às portas, dispersos pelas praias, pode-se dizer que todos presenciavam o afrontoso espectáculo.

A tarde estava clara e luminosa, pôsto que o noroeste levantasse no oceano escarcéus de invernía. Por isso o vigia do Miradouro avistara a grande distância a pequena caravela, navegando a um largo em direitura de Arzila. E logo alguns mareantes experimentados a haviam identificado, não só pelo seu porte, como por terem certo o aviso da sua chegada próxima.

Era a caravela em que Francisco do Sove-

ral, pessoa abastada e considerada de Arzila, voltava do reino, para onde partira cêrca de um mês antes. E rememoravam-se as circunstâncias que tinham ocasionado a sua digressão.

No alto da tôrre de menagem, o conde de Redondo, capitão da praça, contava a história ao guarda do Estreito, Diogo Lopes de Sequeira, o qual se recolhera temporariamente ao pôrto, com cinco das duas caravelas de armada, surta detrás do Arrecife.

— O bom do homem — dizia o conde — apenas levantado o cêrco, mandou o seu filho, Francisco como êle, a Portugal. O rapaz ia tomar posse de uma renda de uns quinze ou vinte moios de trigo, que pertenciam a sua mulher Catarina Infante. E tinha o velho Soveral ficado com todo o descanso em Arzila, vai senão quando lhe rebenta nas mãos uma notícia mofina. O filho, andando a tratar dos seus negócios, metera-se em Lisboa numa muleta para ir a Salvaterra. O vento era contrário e fresco, a muleta andava a bordejar, e numa das ocasiões, ao virar de bordo, o môço Francisco quis lançar mão da poja; mas nisto o pano ficou sôbre, o barco deu um grande pendor e afundou-se num relance, levando consigo muita gente. Lá ficou entre ela o pobre môço no fundo do Tejo.

— Coitado do pai! Que mágoa para êle!
— comentou Diogo Lopes.

— Se foi! Apareceu-me aí o misero velho, desfeito em lágrimas, e pediu-me por grande mercê lhe desse embarcação para ir quanto antes ao reino. Era seu empenho suplicar a el-rei D. Manuel que lhe desse a mocinha viúva... que é uma criança ainda, aí de treze para quatorze anos... para a casar com o outro seu filho António de Soveral, que pouco mais velho será. Arranjei-lhe uma caravela do Algarve, com a condição de trazer no retôrno o escrivão do almoxarifado, Pero Lopes, que também fôra ao reino tratar da sua vida, e mais a família do pedreiro Fernão Barriga, o qual para ela me pedira passagem. Ah! êsse Barriga também deve estar a estas horas em ânsias! Anda vasio da mulher e do filho há que meses! É Barriga que precisa despejar saudades.

Celebrava-se com risadas o chiste, com que o conde rematara, segundo o seu vezo escarninho, quando a agitação e a algazarra denunciaram a eminência da catástrofe. Enquanto a caravela navegava a todo o pano para o sul, duas fustas de mouros, surdindo da sombra do Cabo Branco, haviam avançado de voga arrancada, pandas as velas, a embargar-lhes o passo. Dir-se iam dois milhafres

à espreita, que se precipitavam sôbre prevenida gaivota.

— As vossas caravelas, sr. Diogo Lopes? —
— tropejou o conde.

— Podem lá sair do Arrecife! — redarguiu com fúria o capitão do Estreito. — Ainda quando não fôra baixamar, a ressaca do no-roeste iria desfazê-las de encontro às pedras.

Uma praga medonha retumbou, saída dos lábios do conde.

— Saiam barcos ao menos! — bradou êle.

E pôs-se a vomitar ordens, para que a artilharia da fortaleza buscasse acudir à caravela.

Diogo Lopes de Sequeira correrá para bordo da sua flotilha. Um alvoroço geral se pronunciou a dentro do castelo e por tôda a vila. Os bombardeiros acudiam às esperas, aos leões, aos selvagens, aos camelos, a todas as variadas bôcas de fogo que defendiam a praça.

Carreavam algumas à fôrça de braços para lugares mais propícios ao tiro. Borneavam outras, que mais ao alcance lhes pareciam para varejar os piratas. Na tumultuosa azáfama, a soldadesca atropelava os moradores, que safam de suas casas, na ânsia de contemplar a peleja. Empuxados, premidos, maltratados, a onda de velhos, de mulheres, de

crianças, de cidadãos pacíficos, jorrava para as eminências da muralha, atulhava os terreiros, esguichava pelas portas da vila, escorria pela praia, galgava aos penedos; e a cada rajada voavam gorros, alçavam-se fraldilhas, flutuavam bedéns, panejavam mantões, no meio de gritos, pragas, apupos, carpimentos, alaridos.

Entretanto, a mais pequena das fustas, mais veloz também, acercava-se da caravela para a abalroar. Mas encontrou séria resistência, pôsto que na caravela não houvesse gente de armas. A poder de lançadas e cutiladas, Francisco do Soveral e Pero Lopes conseguiram arredar os assaltantes. Á medida que a caravela se aproximava, arfando em cachões brancos sôbre as vagas de esmeralda, iam-se distinguindo os vultos dos dois velhos, erectos acima da mareagem alcatroada. E pelo chispar dos ferros se percebiam seus meneios.

Mas a outra fusta, mais possante, ia saltar agora o barco mal defeso. Os seus longos remos moviam-se a compasso rápido, semelhando os membros de uma centopeia gigante. Começava a rugir a artilharia da fortaleza e da flotilha de caravelas, surta a coberto do Arrecife. Mas, como a distância andasse por perto de meia légua, os pelouros apenas le-

vantavam repuxos de água longe do costado inimigo.

— Nosso Senhor me valha! — bradava junto à Porta do Mar, arrepelando os cabelos alourados, um homem de idade madura, atarracado e vermelhão. — Nosso Senhor acuda à minha mulher e a meu filho, para não caírem em unhas de infiéis!

— E não vos esqueçais das outras pessoas que os acompanham, mestre Fernão Barriga! — acudiu um mocetão de avental de couro, que, anteparando os olhos com a grossa mão espalmada, seguia anelante as peripécias do drama.

Mas Fernão Barriga encolheu os ombros espessos, e redarguiu impaciente:

— As escravas mouriscas de minha mulher! Essas, de bom grado perderei nelas da minha fazenda! Elas é que folgarão porventura, volvendo aos seus.

— Como poderão folgar, se já são cristãs? Ruim alma é a vossa, se de tal vos não lembrais! — invectivou o indignado mço.

— Calai-vos com destemperos, António Simões! Metei-vos nas encóspias como convém ao vosso mister de sapateiro... Deus do Céu! pelas vossas bentas chagas!...

A ejaculação piedosa, atalhando os sarcasmos de Fernão Barriga, pontuava uma teme-

rosa fase da refrega. A fusta grande dos mouros, impulsionada pelos seus vinte e tantos remos, pela bastarda e pela burda, pandas como duas enormes asas, alcançara a caravela algarvia, já quási à sombra da terra, ao passo que a outra fusta inimiga lhe seguia na esteira, refeita do dano recebido. Tôda a fortaleza estremecia com o roncar das bombardas. Mas agora os pelouros projectados das alturas, passavam inofensivos por sôbre a fustalha agressiva, e abriam como risos de escárnio nas vagas, muito além do alvo.

Ressoaram na terra gritos de «Misericórdia!». É que os mouros, perdida a esperança de colher vivas todas as almas da caravela, lançavam mão do último recurso. Uma nuvem de fumo e algumas detonações sêcas denunciavam a entrada dos espingardeiros, ao mesmo tempo que uma aluvião de frechas chovia sôbre a caravela. E dissipado o fumo, desapareceram as figuras dos dois velhos e valentes defensores, e um alarido de «Alá!» respondeu à grita lastimosa da gente de Arzila.

As duas fustas abalroavam pelos dois bordos o mofino barco dos cristãos. Ainda, ao passo que a artelharia troava impotente, se discerniu de terra um fuzilar de espadas nuas, como os derradeiros arrancos de defesa con-

tra a abordagem. Mas em breve, entre clamores de triunfo, os mouros amainavam as velas triangulares da caravela, a qual, como gaivota desasada, se afastava à tóa de uma das fustas.

Então o conde de Redondo desabafou em rudes impropérios a sua ira.

— O inferno engula o capitão da armada, que deixa navios portugueses à mercê dos perros! Da sua algibeira devera de sair o resgate de tantas almas!

Não o ouvia Diogo Lopes de Sequeira, que àquela hora buscava ainda debalde remediar o seu desleixo, vomitando pelouros inúteis por sôbre o Arrecife.

— Cevada ao rabo do asno morto! — bradava D. João Coutinho, ouvindo os tiros.

Depois, voltou-se para os oficiais que o escutavam em silêncio, e ordenou rijamente:

— A cavalo, amigos! Vamos ver se ainda aí pela praia podemos haver fala dos ladrões!

E, dentro em pouco, a cavalgada saía da porta da Ribeira, encaminhando-se para o sul. Pelo mar, em rota paralela, corriam as duas fustas com a sua presa, com rumo a Larache. De sôbre os penedos das Furnas, grupos enovelados capeavam aos mouros.

O sol vermelho, afogando-se no ocaso, encandeava os olhos dos moradores, que se

alongavam para a silhueta fugitiva dos navios, negra sôbre o horizonte esbraseado. E um côro de vaias mouriscas, retumbando pelo mar sonoro, respondia aos sinais da terra.

— Voltemos! — disse o conde com desânimo.

Foi um regresso taciturno, o daquela extensa caravana de ginetes e peões, pela costa que se embiocava nas sombras da noite. À porta do castelo, ordenou o conde ao almo-cadém:

— Ide chamar Pero Vaz, o cerieiro. Quero falar-lhe sem detença.

Era um bom homem de Arzila, que, por saber aravia, fazia a miúdo o officio de alfaqueque.

Conferenciou nessa noite com o conde, e logo ao romper do dia seguinte partia para Larache com uma carta para o alcaide Xacorão.

À noite, estava o conde à mesa, ceando com os fidalgos e fronteiros, quando lhe anunciaram a volta do mensageiro, com a resposta do alcaide. De tropel, irrompeu pela sala um grande magote de moradores, ávidos de notícias.

O conde de Redondo ergueu-se logo, agitando a carta que lhe entregou Pero Vaz.

— Ponhamos tréguas na ceia — disse êle benignamente aos convivas, que também se

levantavam. — Antes de darmos satisfação aos estômagos, satisfaçamos a ansiedade de tantos corações.

Então abriu a carta e leu-a em voz alta.

O alcaide mouro protestava em termos corteses o seu pezar pelas más novas que mandava ao conde. Mas, dizia êle, a guerra dá um dia mau e outro bom. Aquele fôra ruim para os cristãos. Das vinte e oito pessoas que vinham de Tavira na caravela, morrera a principal, que era Francisco do Soveral, em defesa valorosa de seus companheiros. Ficara ferido com duas setadas o escrivão do almoraxarifado Pero Lopes. E com êste haviam ficado cativos, além do mestre e da tripulação, os passageiros, em que se contavam a mulher e os filhos de Rodrigo Afonso, de Faro, e a mulher e o filho de Fernão Barriga, pedreiro de Arzila.

Um sussurro de lamúrias acompanhou a enumeração das vítimas. Ao terminar, o conde exclamou em voz comovida:

— Pela morte de Francisco do Soveral, veste-se de dó a minha alma.

E saíu da sala.

Então os lamentos explodiram ruidosos. Os parentes dos cativos deitavam acerbas contas ao dinheiro do resgate. A mulher de Pero Lopes implorava a Nossa Senhora que

afastasse dela a viuvez. Fernão Barriga, como na véspera, arrepelava com queixumes as farripas alouradas. Crianças choravam, agarradas às fraldilhas maternas. Os fidalgos tentavam acalmar com palavras de consôlo o côro aflitivo.

No limiar da porta, o sapateiro António Simões acentuava com punhadas de desespero as suas imprecações angustiosas. E ninguém percebia a exacerbação do seu desgosto. Mas ouviam-lhe a miúdo estas palavras enigmáticas:

— O resgate será remédio ao mal dos outros. Só eu não encontro remédio à minha pena.

II

Desde o dia em que, nas barbas dos portugueses de Arzila, fôra tomada pelos mouros a caravela de Francisco do Soveral, o carácter do môço sapateiro António Simões tinha sofrido uma transformação flagrante. Era antes de índole pacífica, dado a folguedos e musiquias, até com manhas de troveiro, e não raro entremeava o manejo da sovela com tangeres de viola e arrastadas coplas de amor. Depois daquele successo, pareceu que uma onda be-

licosa lhe invadira o ânimo. Os exercícios da milícia começaram a ser o seu enlêvo, e não tardou que, como destro espingardeiro, tomasse parte nas freqüentes almogavarias pelo têrmo de Arzila. Nenhum peão lhe levava a palma em arrôjo, que roçava pela temeridade. Internava-se pelos aduares, investia com denodo as mazagánias disciplinadas, adiantava-se aos próprios cavaleiros no assalto, como se procurasse de boa meate o cativo ou a morte.

Todos estranhavam semelhante transformação, sem lhe conhecerem as causas. Até que uma vez, foi tal o seu ímpeto contra uns mouros da cabilda de Benarroz, que tinham vindo talar os campos, que só a poder de grande esforço conseguiram arrancá-lo das mãos inimigas. Repreendeu-o ásperamente o almocadém pelo excesso. António Simões ouviu-o cabisbaixo, sem procurar desculpas. Quando regressavam tranqüilamente à praça, sem receio de que os perseguisse a desbaratada mourama, interpelou-o a modo de galhofa o filho do pedreiro Fernão Barriga, que tomara lugar ao pé dêle.

— Que decho de comichões são essas, António Simões? Olha que as garras de Mafoma não coçam, arranham. E se acaso fôres cativo. . .

— Cativo me anda o coração há muito — atalhou sentimentalmente o sapateiro. — Quem me dera que o corpo o seguisse!

O outro encarou-o com pasmó.

— Boa vai ela! E quem to cativou, homem?

— És tu que o perguntas, Afonso! A ti não te faltou resgate, nem a tua mãe, nem à mulher e aos filhos de Rodrigo Afonso de Faro, mas a mim. . .

Um gesto amargo de António Simões substituiu as reticências. Afonso Barriga compreendeu que êle se referia aos cativos da caravela de Francisco do Soveral, a êste tempo já, como êle próprio, resgatados e livres em Arzila. E como apenas os escravos mouriscos houvessem ficado em poder dos captóres, começou a iluminar-se-lhe o espírito.

— Querem ver que. . .? Se te ficou o coração no cativo, é sem dúvida nas mãos de alguma escrava mourisca, que tomaram na caravela?

O silêncio de António Simões respondeu de sobra à interrogação. E bastou êsse momento de reflexão para que Afonso chegasse à solução do enigma.

— A Suíça? — exclamou êle com vivacidade.

E António Simões acenou com a cabeça, afirmativamente.

Era, pois, Inês, a Suíça, uma das antigas escravas de sua mãe, quem prendera o coração amorável do sapateiro. E afonso evocava num relance a figura gentil da mourisca, que, cativa em Arzila desde tenros anos, fôra sua companheira de infância.

Que formosa ela era, com efeito! E, sobretudo, que fascinante graça nos seus meneios, quando, brandindo um bastão em guisa de pique, arremedava os exercícios da milícia! Ficara-lhe aquele vezo do espectáculo que no ano de 1508 se desdobrara aos seus olhos de criança; quando os soldados do conde Pedro Navarro, então chamados suíços, com os seus jubões de sêda e as suas calças de grã, se moviam a compasso, brandindo as suas armas, pelos terreiros da fortaleza e pelas ruas de Arzila. E todos os moradores se compraziam, rindo e chalaceando despreocupadamente, ao verem, diante da casa de seu amo Fernão Barriga, o alvo rostinho da mourisca afoguesar-se nos estos agitados, suas mãos franzinas enristarem o bastão, todo o seu corpinho esbelto ondular em movimentos rápidos, marchando, correndo, caracolando ora vergando o busto donairoso, ora erguendo, a cabeça em que pregos dourados se entressachavam nas madeixas negras.

A estes arremedilhos guerreiros devera ela

a alcunha de Suíça, jungida ao nome com que havia entrado no grémio da Igreja Católica. E, de envolta com esta visão encantadora, Afonso Barriga recordava agora o embevecimento com que o môço sapateiro seguia as evoluções da rapariga, sorvendo porventura dos seus olhos azevichados a substância das suas namoradas endeixas.

— Mofino António! — murmurou Afonso, detendo-se e alargando os braços num gesto de piedade.

— Mofino, sim! —olveu o sapateiro, batendo com a coronha da espingarda no chão adusto. — Á míngua de dinheiro para lhe alcançar o resgate...

— O resgate? Pobre rapaz! Ela voltou à sua terra, vive agora com os seus parentes, casada talvez... Remida está ela agora, homem! Agarrou-a outra vez o Alcorão; como queres que ela se deixe ainda empolgar pelo Evangelho?

Mas António Simões resvalou então para o terreno das confidências. Tivera colóquios com Inês, a qual correspondia à sua paixão. Todo o seu intento era torná-la fôrra, para casar com ela. E se não fôra o maldito successo da caravela apresada, a sua felicidade seria certa àquela hora.

— Mas — concluiu êle, desolado — apanha-

ram-na para sempre os da sua cabilda dos Benarroz. E já que ela não pode voltar para mim, quero-me eu ir para ela.

Afonso Barriga teve um sobressalto.

— Que intentas dizer com isso? — exclamou. — Dar-se há caso que te pruum ganas de renegar a fé de Cristo?

— Nunca — respondeu com fôrça o galan. — Mas folgaria que, sem labéu do meu nome, me levassem cativo para onde me anda o coração.

— Entendo agora! Por isso te exposeste há pouco a que te filassem os de Benarroz. Ensandeceste, homem de Deus! Pois eu velarei por ti.

Estavam às portas de Arzila, quando por esta forma terminou o diálogo. E de então por diante, anos seguidos, Afonso Barriga cumpriu a sua palavra. Em todas as almogavarias, inseparável de António Simões, êle evitou que o môço namorado sucumbisse à tentação do cativoiro. Mas não era capaz de delir-lhe da alma apaixonada a imagem da linda mourisca.

Chegou o ano de 1521, e com êle a fome às terras de Marrocos. Os campos de Arzila, crestados e sedentos, mosqueavam-se aqui e além de engoiados tufos de herva. Macilentos fantasmas humanos, irradiando dos aduares

mouriscos, dispersos e desconfiados, disputavam ao gado esquelético essas raras verduras. Assim desmandados, sem resistência os prendiam os almocadéns cristãos, acaso muitas vezes movidos mais pela misericórdia do que por ódio ou avidez. E não havia dia em que muitos infelizes, engolfando-se pelas portas de Arzila, não saúdassem a escravidão como alívio às torturas da fome.

Ora numa tarde farrusca de Janeiro, António Simões ergueu a cabeça de sôbre um borzeguim de carneiro, onde fixava as empenhas, distraído por uma algazarra que se levantava à vizinha porta da Ribeira. Largando o trabalho, correu para a entrada da sua loja. E logo lhe surdiu diante dos olhos, correndo esbaforido pelas pedras escorregadias da viela, o seu amigo Afonso Barriga, que lhe gritou com alvoroço:

— Alvíçaras, António Simões! Alvíçaras!

— Alvíçaras de quê? — perguntou atônito o sapateiro.

— Vem comigo.

E, como nada mais acrescentasse, o rapaz seguiu-o pelo meandro de ruas que os encaminhavam a Nossa Senhora da Misericórdia. Á medida que se aproximavam da igreja, mais distinto se tornava o alarido. E uma palavra, cada vez mais nítida, ressoou nos

ouvidos de António Simões e repercutiu-lhe no coração, como um raio de sol que desfilasse trevas:

— A Suíça! A Suíça!

Deteve-se, e quasi baqueou, de comovido e exultante. Mas Afonso Barriga susteve-o e arrastou-o consigo sem dar sequer resposta às precipitadas interrogações.

No adro da pequena igreja, agitava-se uma multidão irrequieta, buscando ingresso, trocando impressões, transmitindo novas. E dos farrapos de isolados diálogos se ia recompondo o successo que alvoroçava os moradores de Arzila.

A uma das atalaias, espalhadas pelo campo, tinha-se chegado uma moura, pedindo pelo amor de Deus que a recolhessem na vila. Protestava ter a fé cristã, e logo se fizera reconhecer por Inês, a Suíça. Trouxeram-na imediatamente: e, difundida de improviso a notícia, fôra acolhida festivamente pelos populares, entre os quais persistia a sua fama de encanto, após uns cinco anos de ausência. Queriam levá-la sem demora ao conde de Redondo, capitão da praça. Ela, porém, para mostrar a sua acrisolada fé, correrá ao altar da Virgem da Misericórdia a dar-lhe graças pelo seu regresso ao sagrado aprisco.

António Simões, exaltado e ansioso, acoto-

velava com desespêro a mó de gente, abrindo caminho para o interior do templo. Á custa de brutais esforços, logrou alcançar a dianteira dos curiosos, no momento em que, acabando de orar, se alçava de pé, nos degraus do altar mor, uma figura de mulher, envolta num haíque de zarzaganía, que a chama trémula dos tocheiros acatassolava.

No semblante negro e emaciado mal se reconstituíam as lindas feições da sedutora moçoila de outros tempos. Brilho intenso tinham seus olhos, como carbúnculos fulgurando no meio das órbitas cavas, azuladas de col. E o tecido encharcado do haíque parecia empastar-se sôbre uma ossatura despida de estofos carnaís.

António Simões não pôde sustener um grito de enternecida piedade, acaso de egoista decepção. Mas outro grito respondeu ao seu. Uns braços delgados, em que reluziam axorcas de prata, lhe cingiram num relance os ombros. E uma voz quente lhe segredou aos ouvidos, numa algaravia confusa:

— Casaram-me lá na terra os meus parentes. Entregaram-me a Maomet. Mas eu não me esqueci de ti, e para ti volto.

E os ecos da igreja recusaram-se a recolher a última frase sacrílega da mourisca:

— Tu é que és o meu Deus!

Semanas depois, quando em frente do mesmo altar da Virgem se ajoelhavam os dois noivos, já com os regalos do corpo começavam a derramar benefícios os júbilos da alma. Matara-se a um tempo a fome e a saúde. E o rosto da tornadiça, prestes a volver à antiga formosura, era um rico pas-cigo para os olhos amorosos de António Simões.

Sangue de Menezes

I

D. Duarte de Menezes, capitão de Tânger, praticava em seus aposentos com seus dois filhos mais velhos, uma tarde do ano de 1531, quando o almocadém João Rodrigues lhe solicitou audiência.

— Que entre — disse o capitão.

E logo o almocadém, tismado e rude, lhe fêz a sua exposição.

— Saberá Vossa Mercê que eu espiei uma aldeia, na encosta da serra de Ângera, onde há muita boiada e assás de gado miúdo. Se nós lhe caíssemos em riba, de surprêsa, estou que seria de proveito à almogavaria.

Os dois rapazes, arregalados os olhos, emperdigavam-se nas cadeiras rasas, como leões rompentes, prestes ao assalto. Mas D. Duarte, cogitabundo, meneava a cabeça grisalha.

— Como se chama essa aldeia? — preguntou êle após uns instantes de silêncio.

— Beneolím. Fica a umas quatro léguas da cidade.

O capitão preencheu nova pausa com gestos evidentes de contrariedade.

— O demónio é que estou achacoso, há uns dias — exclamou êle por fim. — São malinas, diz o físico. Mas, seja o que fôr, não posso meter-me em andanças.

Emquanto D. Duarte passava a mão pela testa esbraseada, seus filhos agitavam as suas, em acenos misteriosos para o almocadém. Até que êste, cobrando ânimo, obtemperou às dissimuladas solicitações:

— Senhor, se vós mandásseis vossos filhos, creio que êles iriam de muito bom grado.

E, como percebesse no rosto paterno os costumados assomos de severidade, D. Fernando, o primogénito, atalhou resolutivo:

— Iríamos, sim! E vós, senhor pai, não duvidareis em nos dar ensejo de merecermos a cavalaria e honrarmos o brasão dos Menezes.

E o outro irmão, D. Diogo, com tôda a bélica impetuosidade dos dezassete anos, enca-recia as instâncias.

— Concedei-nos esta entrada, senhor pai. Vereis que não desmereceremos do vosso nome.

Foi preciso trabalhar muito o ânimo ríspido

de D. Duarte, ou apreensivo de verduras juvenis, ou quiçá cioso de uma glória que êle não partilharia, antes de lhe arrancar a implorada permissão.

Mas com que exultante alvorôço os dois rapazes lhe beijaram a mão ardente de febre, e romperam pelas escadas, acompanhados pelo almocadém, para darem ordem aos preparativos da expedição!

Mobilizou-se Tânger inteira, na ânsia de tornar luzida e proveitosa a emprêsa dos moços. Acorreram fronteiros, ofereceram-se almogavares, arrearam-se ginetes, bruniram-se lanças. E a meio da noite, saía da porta da cidade o trôço expedicionário, cento e quarenta de cavalo, levando à sua frente, além dos dois filhos do capitão, o adail Diogo Mendes de Azevedo e os almocadéns João Rodrigues e Francisco de Menezes.

Ao romper de alva, avistaram o aduar de Beneolím, cujas tendas se estendiam nas faldas da serra como bando de gaviões em repouso. As atalaias desprezadas dormiam de papo para o ar, no restólho flavescente. Os ginetes acercaram-se de manso, abafado o tropear nos tufos de gramíneas amolecidos pelo orvalho. E de súbito, foram os mugidos da boiada, desperta pelo primeiro arranque dos invasores, que deram sinal de alarme ao

acampamento da mourama. O grito de «Santiago!» vibrou no ar límpido como um clarim matinal. E logo a multidão irrompeu, estremunhada, desatinada, atónita, das tendas ondulantes, dos colmos, dos currais.

Homens, mulheres e crianças, mal cobertos de marlotas, de bedéns, de alquicés, de mantas, procuraram escapula por entre a golilha relinchante que os apertava. Alguns mais arrojados tentaram fazer frente à investida cristã, em defesa de lares e bens. Mas, desarmados em breve, caíram desastradamente nos ferros do cativoiro.

Os primeiros raios do sol vieram aureolar o triunfo incontestado dos portugueses. No meio da cavalgada, aglomeravam-se manadas e rebanhos, de envolta com os lastimosos cativos. Risos e cantos celebravam a vitória incruenta, a grandeza do saque. No seu garano quatralvo, o môço D. Diogo empinava o busto esbelto, cingido num cossolete aurilavrado, e o seu rosto, imberbe e rosado, resplandecia sôbre a malha argêntea do gorjal.

— Ganhei as esporas de ouro! — bradava êle numa explosão de júbilo infantil.

Mas D. Fernando, mais circunspecto nos seus vinte anos, repreendia o leviano irmão:

— Tal não creias, Diogo. Não é de presa que vem glória, mas do sangue de inimigos.

— Inimigos! Onde estão êles? — volveu D. Diogo, abrangendo num olhar de desdém o punhado dos cativos.

— Espera! — atalhou D. Fernando, impondo ao mesmo tempo silêncio ao jovial alarido dos seus.

Ouvia-se já próximo uma tropeada, de mistura com vago retinido de armas. E súbito, por detrás de uma moita de lentiscos, à distância pouco maior de dois tiros de besta, surdiu uma arrogante mazagania, galopando sôbre a gleba mosqueada de pardo e negro, como pelugem de pantera. Lampejavam nas upas os peitorais dos corcéis, chispavam por sôbre as toucas brancas os fains das lanças e os alfanjes erguidos. E os bramidos de «Alá! Alá!» repercutiam pelos alcantis da serra, sinistros como regougos de alcatea faminta.

— De onde surdiram estes cães? — perguntou o almocadém João Rodrigues, confrangido.

E um dos cativos explicou com fero arranhão:

— É a gente do alcaide de Xexuão, Cide Omar Bençalema. E não tarda aí com êle seu irmão Mulei Abraém, que dormiu esta noite em Ângera. Não escapareis, nem um só de vós, nazarenos!

— A êles! Santiago! — bradou a voz cristalina de D. Diogo.

— Por Deus, tende mão! — exclamou o adail, dirigindo-se a D. Fernando, que hesitava. — São cinqüenta, pelo menos; e outros tantos, e muitos mais virão depois, que em ruim cilada caímos. Voltemos para Tânger, senhor.

A dar-lhe razão, a campina parecia desentranhar-se em peões armados. E já as primeiras bestas sibilavam em derredor da calçada, e um clangor de anafis vinha rolando pelas encostas da serra, como se esquadrões sôbre esquadrões se despenhassem em cata-dupa contínua, para esmagar os invasores.

Os menos temerários não esperaram a resolução de D. Fernando, e envolveram a todos na retirada precipitada. Transpondo barrancos, galgando sebes, saltando córregos, os ginetes corriam à desfilada louca, arrastando manadas e rebanhos. Debalde os dois Menezes, sobretudo o mais novo, rouquejavam no meio do tumulto, intentando sustê-los. Até que em frente dêles lampejou um ribeiro, serpenteando no vale, avolumado pelas cheias do inverno, caudaloso e refervente.

— Largai o gado, e passai para a outra banda — clamou o adail Diogo Mendes.

E os almocadéns incitavam:

— Depressa, que êles estão conosco!

Mas D. Diogo, com fúria juvenil, revoltou-se:

— Não! não!

E a sua voz clara de adolescente estrugia através do alarido ululante, engrossada pela presápia de quatro gerações intrépidas.

— Não largaremos uma só rês! Se é fôrça que voltemos, seja com despôjo, já que não pode ser com glória! Mando eu!

— Pois que assim mandais, assim seja! — condescendeu o velho adail.

E João Rodrigues acrescentou em voz sôturna:

— Nosso Senhor se amerceie das nossas almas.

D. Diogo não o ouviu. Em doida azáfama, sarilhando a espada, girando em volteios rápidos, buscava reunir os ginetes desmandados, arrebanhar as rezes dispersas, enxotá-las para a beira da torrente, num estrondear de algazaras, de relinchos, de mugidos, de balatos, ao tempo que o solo abalava com a galopada da mazagania, já forte de oitenta cavalos, e que uma nuvem de peões, bêteiros, espingardeiros, fundibulários, em número superior a duzentos, avançava vertiginosamente sôbre o desmanchado trôço dos portugueses.

Então estes, apertados pelos inimigos, começaram a vadear a ribeira. Choviam sobre eles as frechas, as lanças de arremêso, as pedras, os pelouros. Na arriba escorregadia baqueavam os cavalos. As águas marulhantes abriam-se para engulir corpos derribados. O relvão da margem já se embebia de sangue. Um clamor de desespero ecoou, como sinal de irreparável desbarato. O velho adail, ferido de morte, enleado nos loros, era arrastado veiga fora pelo desenfreado ginete.

Na reça da hoste, os dois irmãos Menezes, numa doidice heróica, tentavam ainda agüentar a debandada, fazer frente ao inimigo para salvar os restos miserandos da almogavaria. Espreitava-os a morte ou aprestavam-se para eles os grilhões do cativoiro. Súbito, a gente da vanguarda, já na metade do ribeiro, viu o rosto alvo de D. Diogo avermelhar-se de uma onda de sangue, o seu busto vergar sobre o arção da sela, o seu corpo esbelto tombar exânime, ao passo que uma manga de mouros se arrojava para o ginete em rugidos de triunfo. Volvidos os olhos ansiosos para D. Fernando, viram-lhe apenas a pluma do capacete ondulando no meio da turba fervilhante.

— Ambos são mortos! ambos são mortos!
— exclamaram vozes angustiadas.

Então, um môço português, Pero Álvares de Souto Maior, a quem D. Diogo pusera na dianteira, e que durante o trágico desastre trabalhara por dar ordens aos fugitivos, teve um arranco de soberba raiva.

— Não queira Deus que eu me salve, deixando os meus capitães mortos no campo.

Assim disse Pero Álvares de Souto Maior; e através da torrente ensanguentada, arrepiando a correria insana dos fugitivos, arreando os cadáveres que já balouçavam à tona de água, voltou para trás. Apenas o seu ginete punha as patas em terra enxuta, quando se aprestava a vender caro a vida, envolveu-o um trôço de cavaleiros mouros. Voou-lhe da dextra, em estilhas, a lança que brandia. Mãos robustas sustiveram o animal que se empinava. E uma voz grave dominou o tumulto, com estas palavras corteses:

— La fortuna vos pone en mis manos, señor. Cautivo sois de Cide Omar Bençalema.

E o alcaide de Xexuão curvava ao de leve a cabeça enérgica, numa vénia ceremoniosa, enquanto a horda maometana, chafurdando nas ondas, vociferante e bravia, varejava e acoitava os cristãos fugitivos...

II

Vibrou no ambiente límpido o repique longínquo das atalaias.

— Ei-los que voltam! Até que emfim!

E a multidão ansiosa dos moradores de Tânger refluiu às muralhas, às açoteias, às portas da cidade, para esgaravatar com a vista aguda o encinzeirado horizonte.

Horas e horas haviam decorrido desde que a almogavaria se internara pelas terras do Magreb, e nem aviso de alfaqueque, nem atoarda de alganames erradios, havia trazido até à cidade novas do seu destino. E os corações confrangiam-se no terror de um desastre.

Pelas emmaranhadas e ladeirantas ruas ecoava uma tropeada afanosa.

— É o senhor capitão, que vai ao encontro dos filhos.

E de feito, não tardou que a cavalgada galgasse da porta do Cêrco, derramando-se pelos campos, na direcção do Facho. Á frente, no seu rucilho caparaçonado de um gilete precioso, D. Duarte de Menezes galopava; e sob a gorra purpúrea de Milão mais avultava a palidez doentia do rosto.

E, enquanto galopava pelo campo fulvo de gramíneas sêcas, iam-se-lhe desenhando na mente febricitante as recordações trágicas da família. Era seu avô, o primeiro conde de Viana e primeiro capitão de Alcácer Seguer, dando a vida em sacrifício, nos campos de Ceuta, para salvar o rei Afonso V. Era seu tio, o conde de Loulé, D. Henrique de Menezes, mal ferido em Toro, morto pelos mouros na serra do Farrobo. Era seu pai, D. Fernando de Menezes, que aos gilvazes do alfanje mourisco devera a alcunha pitoresca do *Narizes*, e que, apesar dessas cicatrizes gloriosas, a sua dedicação ao duque de Vizeu tinha levado ao patíbulo. Era seu tio, o bispo de Évora, D. Garcia, batalhador em Castela e na Itália, empeçonhado no castelo de Palmela, como cúmplice na mesma conspiração.

Uma onda de sangue projectava nas páginas da história o apelido heróico dos Menezes. Era sôbre a gleba africana que escorria as mais das vezes êsse sangue generoso. Ainda mais sêde teria dêle o solo adusto da Mauritânia?

E as mesmas imagens presagas, que na carreira esvoaçavam em volta do capitão de Tânger, surgiam ante os olhos de sua mulher D. Filipa de Castro, enquanto, num dos eira-

dos da alcáçova, ela media a pulsações precipitadas o tempo que faltava para o abraço dos filhos... Ah! permitisse Deus que êsse tempo não fôsse todo o da sua vida, e que o abraço antecedesse o da eternidade!

Junto dela, debruçados no parapeito, arregalando a vista pelos campos, onde nuvens de poeira marcavam o itinerário da cavalgada, agitavam-se seus outros filhos adolescentes, D. Garcia e D. Isabel, ao passo que o resto da prole, crianças trêfegas, brincavam despreocupadamente no eirado, à guarda das aias mouriscas.

— Vão já muito perto do Facho — exclamou D. Garcia.

E daí a instantes, batendo as mãos de alvoroçada, D. Isabel bradou:

— Chegaram, senhora mãe!

D. Filipa encostou vivamente ao parapeito o busto cingido num sainho de raxa aleonado, e seus lábios titilavam num cicio de orações.

Quedaram-se assim algum tempo, suspensos e mudos, ao passo que por detrás dêles ressoavam os risos argentinos da criançada. Apenas uns murmúrios de impaciência afluíam aos lábios dos dois moços, até que a voz de D. Garcia se ergueu, numa exclamação exultante:

— Lá voltam! lá voltam!

E as observações começaram a formular-se em frases rápidas. A cavalgada ia-se aproximando. Engrossara naturalmente com os almogavares que regressavam da expedição. Reverberava o sol sobre os elmos, os arneses, as lanças. Mas ainda parecia bem minguado o trôço a quem os vira partir na noite antecedente.

— Meu Deus! não veem todos! — murmurou D. Filipa, empalidecendo.

E daí a pouco perguntava, trémula de ansiedade.

— Não vêdes vossos irmãos?

— Ainda não posso afemençá-los — redarguiu D. Garcia.

— Não vejo a pluma verde de meu irmão D. Fernando — acrescentou D. Isabel, com impaciência infantil.

As crianças haviam-se calado, submissas à ordem da angustiada mãe, que lhes impusera silêncio. E sobre o sussurro ondulante, que subia da cidade, ouviam-se três ofegos descompassados e rápidos.

— Não posso, não posso. Desçamos ao seu encontro — disse afinal D. Filipa, amarfanhando entre os dedos nervosos a manga avelutada de D. Garcia.

E, com êle e com a filha, desceu açodada-

mente a escada da torre, e encaminhou-se a passos precipitados para a entrada da alcáçova.

— Dá-me o braço, meu filho. Quero ir até à porta do Cêrco — disse ela numa decisão súbita.

Foram seguindo pelas vielas íngremes, atravessando o Soco deserto, encontrando raros viandantes que acorriam tardiamente ao mesmo destino. Quando se lhes deparou em frente a arquivolta mourisca que bocejava na amarelenta muralha, já de há muito que um borborinho confuso lhes apontava o caminho. E seus olhos viram em derredor da porta um redemoinhar de cabeleiras revôltas, sôbre mantos e vasquinhas de côres variiegadas. Daquela barafunda mulheril surdia uma zunida cortada de gritos esganiçados, de plangentes clamores, de raivosas lástimas. No instante em que D. Filipa, com seus filhos, se detinha no tópo da caleja, retumbava soturno, sob o arco tríplice da porta, o tropear dos cavalos. Houve uma trégua momentânea no alarido, enquanto o negrume da arcada contornou a figura imponente de D. Duarte de Menezes, pálido e sereno no seu corcel ajaezado de prata. Mas logo a turba, que se arredara um instante, refluiu sôbre êle, ululante e desgrenhada,

mergulhando os olhos ávidos na sombra, em que vagamente se lobrigava a cavalgada.

— Meu marido!

— Meu filho!

— Meu irmão!

— Meu pai!

Eram as evocações angustiosas, que se distinguíam no tumulto, e muitas das quais não logravam réplica. Porque, à medida que os cavaleiros iam emergindo da sombra da arcada, se reconhecia que muitos dos que haviam partido faltavam no regresso.

Então o capitão de Tânger deteve o ginete, a alguns passos da porta, e respondeu, com triste serenidade, às mulheres que lhe pediam contas dos seus:

— Ficaram fazendo companhia a meus dois filhos, como bons cavaleiros que não quizeram desemparrar seus capitães.

D. Filipa, à distância a que se achava, não podia ainda ouvi-lo. Mas adivinhou-o. Seu coração ensombrou-se de horror. E baquearia, se não a amparasse o braço de D. Garcia, pálido e angustiado como ela.

Um côro de lástimas acompanhava agora a cavalgada, ladeira acima. De cento e quarenta, voltavam menos de cinqüenta. À medida que essas lamentáveis relíquias se iam internando pela cidade, umas como lufadas

do luto se engolfavam pelos lares dos ausentes. E sob o esplendor dourado do sol, a tropéada lúgubre parecia arrancar das pedras das ruas uns retinidos lentos de dobre.

D. Filipa sentiu-se afogada por uma onda de lágrimas. Mas tão severo foi o relance de olhos que seu marido lhe vibrou de passagem, que recalcou de súbito a sua dôr materna. Sem dizer mais palavra, entre seus dois filhos, foi subindo, por vielas e atalhos, até à alcáçova.

Quando chegou ao vestibulo de entrada, já D. Duarte de Menezes surgia do interior. Sôbre a sua armadura brunida, lançara um balandrau de escarlata.

D. Filipa encarou-o com pasmo.

— Que olhais, senhora? — disse êle duramente. — Vesti-vos, como eu, de côres garridas. Assim é mister para darmos consolação às anojadas.

— Mas quem mais anojado do que nós, senhor? — redarguiu ela com timidez. — Que é feito de nossos filhos?

— Caíram na terra de África, a defender o seu rei e a sua fé. Que outra sorte pudera ser a sua, pois que são Menezes?

— Valha-me a Virgem Santa! — gemeu a pobre senhora, dando emfim curso às lágrimas.

Mas D. Duarte agarrou-lhe com firmeza o braço, e murmurou com intimativa:

— Não! não choreis! Não choreis, por Deus! que iríeis fazer brotar o pranto em olhos desafeitos a fraquezas! Não choreis, pois é mister que o capitão de Tânger e sua mulher dêem o exemplo da fortaleza, por muito que a mágoa os rôa por dentro. Vinde, vinde comigo, a visitar essas pobres mulheres anojadas.

E arrastou-a consigo através dos arruamentos sombrios.

Saíam carpimentos das casas de fronteiras, das casas de moradores. D. Duarte entrava e dizia:

— Olhai a minha perda, amigos! Dois filhos, em quem eu tinha todas as minhas esperanças, e mais vinte e dois cavaleiros de minha casa, todos saíram para não tornar. Louvores sejam dados a Deus Nosso Senhor, que assim o houve por bem!

Nesta agonia passaram aquelas duas almas o dia inteiro.

Quando, extenuados, aquebrados, aspidos, volviam à alcáçova, na ânsia de uma trégua ao seu suplicio, o almocadém João Rodrigues acercou-se de D. Duarte de Menezes, muito alvoroçado.

— Senhor — disse êle — tenho suspeitas de

que vosso filho o senhor D. Fernando não é morto...

— Caluda! — atalhou vivamente o capitão, apertando-lhe rudemente o braço, apontando para D. Filipa.

Desatenta ao colóquio, a nobre senhora punha os pés nos degraus da escada, a caminho da sua câmara, onde finalmente lhe fôsse dada liberdade de desabafar em lágrimas.

— Caluda! — repetiu D. Duarte. — Não creiis temerárias esperanças naquele coração despedaçado. Ide, homem, emquanto não tendes mais que suspeitas. Deus Nosso Senhor nos trará a certeza.

E precipitou-se a seu turno para o interior da alcáçova, sentindo o pranto a sufocá-lo.

III

— Alvícaras, senhor capitão! — clamava na manhã seguinte o almocadém João Rodrigues introduzindo no gabinete um velho fronteiro que agitava na mão trémula um papel coberto de caligrafia tabeliôa.

D. Duarte de Menezes levantou para o

adventício os olhos, cavados pela febre, cansados de insónia.

— Sois vós, Fernando Anes de Souto Maior! Com que nova me confortais?

— Esta carta que trouxe ante-manhã um alfaqueque, vindo da serra de Ângera. Escreveu-a meu filho Pero Álvares...

— Cativo?

— Sim. Foi essa a sua vontade. Não quis salvar-se, crendo seus capitães mortos no campo.

— Valente môço! Contai-me êsse feito.

Desvanecido, embora angustiado, o velho contou a forma por que se havia realizado a captura do filho. Depois continuou a narrativa, consultando a missiva que tinha entre as mãos.

Emquanto os seus companheiros, dizimados pelas lanças e alfanjes mouriscos, avermelhavam as águas do ribeiro, ou, em debandada na outra margem, procuravam a galope o caminho de Tânger, perseguidos pela mazaganía arrogante, Pero Álvares era conduzido para a rectaguarda da mourama, na primeira ondulação da serra, a caminho da aldeia de Beneolim, horas antes devastada pelos cristãos.

Entre um grupo de mouros, vestidos na maior parte de alquicés desbotados, viu êle

alguns cativos portugueses, abatidos e exaustos, cobertos de sangue e poeira. E no meio dêles, com indescritível alvoroço, reconheceu D. Fernando de Menezes, lívido, descarapuçado, em desalinho, mas aparentemente incólume.

Nesse passo da narrativa, uma exclamação de D. Duarte irrompeu:

— Vivo! Deus Nosso Senhor seja louvado!

E o almocadém acrescentou compungido:

— Prouvera a Deus que outro tanto se pudesse dizer do senhor D. Diogo!

— Prossegui, Fernando Anes — ordenou o capitão, na mira de desviar carpimentos inúteis.

O velho retomou a palavra. Narrou como o filho não soubera reprimir o seu contentamento ao ver um dos seus capitães a salvo da morte. Bastou o seu olhar para corroborar suspeitas, que por certo já existiam no ânimo dos mouros. Um dêesses adiantou-se, jubiloso, para um cavaleiro que no momento se aproximava, envolto nas pregas leves e esvoaçantes do salham branco. Não trazia armadura. A longa barba grisalhante recaía-lhe sôbre a sêda azulada do caftan. E a musselina alva do turbante ondulava em tórno do capelhar vermelho, coroando a fisionomia

grave e serena, onde os olhos negros espalhavam clarões de bondade.

— Mulei Abraém — disse com reverência o mouro, que se adiantara apontando para D. Fernando de Menezes — tendes nas vossas mãos...

— Basta! — atalhou Mulei Abraém, falando em arábico, como o seu interlocutor. — É o filho do capitão de Tânger. Dai-lhe quanto antes um cavalo; e dai outro a êste mancebo, que me parece também de boa estirpe.

Obedeceram-lhe prontamente. Surpreendidos, tanto D. Fernando como Pero Álvares, encavalgados sôbre ricos telizes mouriscos, viram acercar-se dêles o antigo alcaide de Xexuão, agora favorito do rei de Fêz.

Curvando ao de leve a cabeça, disse em puro castelhano a D. Fernando de Menezes:

— Seja Vossa Mercê servido de me acompanhar.

D. Fernando, obedecendo à cortês indicação, tomou lugar à direita de Mulei Abraém, ao passo que Pero Álvares os seguia um pouco atrás, flanqueado por dois cavaleiros de lança e adarga.

Os ginetes trotavam, voltando a garupa ao ribeiro. Para além dêste, ouvia-se ainda, mal

distinto entre esfumaçados olivedos, o tumulto da galopada, entrecortada de tiros de espingarda e de clamores confusos.

O môço português relanceava olhares de curiosidade, não isentos de respeitosa deferência, para o nobre maometano que se arvorava agora em seu senhor. Era seu inimigo sem dúvida, inimigo na raça, inimigo na fé. Desde criança, porém, que se habituara a ouvir-lhe o nome entrelaçado em louvores, como de um prototipo de lialdade cavalheiresca na guerra, de justiça e de tolerância na paz. Era um dêsses vultos que representavam na África islamítica as tradições venerandas de Harun-al-Raschid, de Saladino, de Abd-el-Raman, perduráveis na memória da cristandade. Havia cêrca de trinta anos que a sua fama transpusera o estreito, e se espalhava pela côrte de Portugal, enublada de lenda, a tal ponto que até os próprios humanistas quási não hesitavam em enfileirá-lo, ainda em vida, na galeria consagrada dos heróis de Plutarco.

Mulei Abraém atribuiu a abatimento de ânimo o silêncio que deveria antes ser levado à conta de natural altivez ou de timidez juvenil. E disse pausadamente, abrandando a andadura do ginete:

— Senhor D. Fernando, são estes os efeitos

da guerra, que não pode favorecer uma das partes sem dano da outra.

Abanou a cabeça, fazendo tilintar as grossas orelheiras de ouro, e acrescentou:

— Mas esta vossa fortuna é mais pela áspera condição de vosso pai do que por vós a merecerdes.

Em sua consciência, D. Fernando sentiu, sem embargo do absurdo da conclusão, o justificado da premissa. Com efeito, a rispidez nativa de D. Duarte nunca lhe permitira ter com Mulei Abraém as relações de cordialidade com que os capitães de Ceuta e de Alcácer, de Tânger e de Arzila, costumavam preencher as intermitências da guerra. Mas não cumpria a seu filho reconhecer tal culpa, por venial que fôsse, em presença do adversário. E o orgulho da sua prosápia ditou-lhe imediatamente a resposta:

— Senhor, não vai isto da boa nem da ruim condição de meu pai, mas sim do velho costume, que têm os Menezes, de derramar seu sangue pelos campos de Alcácer, de Tânger e de Arzila.

— Ganhastes, senhor D. Fernando! — exclamou Mulei Abraém com entusiasmo, estendendo o ginete e estendendo para o môço cristão a dextra alfenada e nervosa.

Pela memória do velho batalhador agareno

passavam de relance as figuras luminosas de todos os Menezes, que, no decurso de quasi meio século, êle e os seus haviam defrontado como generosos adversários nos campos do Magreb; e sobretudo lembrava com saúdades os dois D. Joões: o *Repica-sino*, da casa de Cantanhede, heróico defensor de Arzila e de Azamor; o prior do Crato e conde de Tarouca, egrégio capitão de Tânger! E todos os ramos diversos da nobilíssima dinastia parecia terem derramado o melhor da sua seiva, para levantarem aos olhos do guerreiro do Islam essa altiva vergôntea, êsse môço nazareno que acabava de proclamar numa bela sentença o orgulho indómito da sua raça.

Olhando para êle, o velho Mulei Abraém sentia o coração alvoroçado com vagos, indefiníveis assomos de ternura paternal. E uma lágrima lhe tremia nos cílios, quando acrescentou:

— Dignai-vos apertar esta mão, e perdoai-me, senhor D. Fernando. Oxalá meus olhos vissem junto de vós vosso desventurado irmão!

A mágoa entenebreceu mais ainda o rosto do mancebo. Em silêncio, numa galopada, por adarços que fraldeavam a serra, breve chegaram à alhala de Ângera, onde Mulei Abraém pousara aquella noite. Beduínos de

aljaravias remendadas, de alquicés imundos, accorados às portas das tendas, olhavam com desprezo ou rancor para os cativos cristãos; mas não ousavam exteriorizar em apupos os sentimentos que lhes roíam o íntimo. Antes faziam suas salemas à passagem do nobre alcaide.

Êste, com a sua comitiva, estacou em frente de uma casa de adobes, branquejando ao sol, onde uma porta estreita abria um bocejo negro. E desmontando, disse com sua usual gravidade:

— Bemvindo a minha casa, senhor D. Fernando. Não vos lembreis que sois meu cativo. Por Issa, o santo precursor, que antes como a filho meu vos desejo acolher.

Lá dentro, a hospitalidade oferecida aos dois cativos foi com efeito franca e affectuosa. Á mesa de Mulei Abraém se sentaram, junto das mulheres do harém, revestidas de castans de sêda recamados de ouro, deixando entrever sob os véus diáfanos os rostos arrebricados de col, numa intimidade de que eram excluídos os fiéis mussulmanos. Porque, entre travessas de alfitete, cestos de frutas, confeiteiras de arrobes e marmeladas, viam-se albarradas cheias de vinho espumante, defeso aos crentes, e com êle o nobre anfitrião não duvidava de brindar a seus hóspedes,

Tôda esta narrativa, extraída da minuciosa carta de Pero Álvares, trazia à contenença ríspida de D. Duarte de Menezes sinais de irreprimível comoção. Quem sabe se no íntimo o alanceariam remorsos, por não ter até então manifestado a tradicional deferência por um inimigo magnânimo!

Não tardou que sua mulher D. Filipa de Castro recebesse entre lágrimas a feliz nova. O salvamento de seu filho primogénito minorava a dôr causada pela morte do môço D. Diogo. Para logo começaram a planear-se as cláusulas do resgate.

Mas a providência não consentiu que D. Fernando fôsse restituído ao amor dos seus. Levado para Fêz, paternalmente tratado por Mulei Abraém, venceram-no os germes da doença que levava de Tânger. E talvez que na hora extrema se considerasse ainda afortunado, ao comparar o seu destino ao do seu homónimo, o Infante Santo, que um século antes sucumbira ali mesmo, entre horrores tremendos da sejana, sem um luar de carinho que lhe iluminasse a alma...

Devoção de amor

Apenas sentiram em cheio a frescura da sombra, os dois burrinhos estacaram, sem aguardar mandado. Estremeceram-lhes de gôzo as orelhas lanzudas, franziu-lhes o dorso, do pescoço à garupa, um arrepio de voluptuosidade. E como vinham à testa da pequena cáfila, logo lhes seguiram o exemplo as duas vacas e os dois bois, desafogados da soalheira que esbraseava o areal percorrido.

O mouro que os conduzia, mocetão alentado e vigoroso, vinha à distância de alguns passos, abrigando a cabeça com a adarga de couro levantada no braço esquerdo. Correu para os jericos, com vozes de ameaça na sua aravia, e tangeu-os âsperamente com o conto da lança, à qual se amparava em guisa de bordão. Depois, encaminhou-os para a Porta da Ribeira, que a meio tiro de besta rasgava na muralha de Arzila um hiato negro, recortado em cima pelo sarapanel, entre as quadrelas salientes das atalaias.

Da parte de dentro, a curiosidade excitou-se com o estranho da comitiva. Um lavrador alarve, vindo ao seu negócio armado de lança e adarga! Um grupo de soldados portuguezes acolheu com chascos e ditérios a caravana que se engasgava na garganta do soportal, desembestou em galhofeiras pragas quando os bojudos alforges dos jumentos e as ancas possantes da boiada espremeram os arcabouços dos curiosos de encontro às paredes do arco, e a sua algazarra, ecoando na abóboda sombria, extravasou no ambiente cáldo, onde através da luz vibrátil parecia ondular a casaria da vila.

Mas, indiferente aos apupos que o assestavam, o môço alganame impeliu asnos e reses para o terreiro confinante, e só depois disso se dirigiu plácida e a um dos soldados que, pelo grisalhante da barba e pelo arrogante do aspecto, lhe pareceu porventura o mais graduado.

Na sua mascavada algaravia, perguntou:

— O senhor conde D. João?

— Que lhe queres, homem? Se é presente que trazes, eu to recebo.

O mouro encolheu os ombros. Então um dos circunstantes, que a tisonada tez inculcava por elche mourisco, repetiu a pergunta em aravia.

— Que me ouça — redarguiu lacónicamente o recém-vindo.

Insistiram com êle para que declarasse o que pretendia do conde de Borba, capitão da praça. O rapagão, contumaz, persistia, porém, na terminante resposta, enquanto os animais, resfolegando pachorrentos, enxotavam com as caudas o mosqueado zumbente.

— Vem comigo ao parlatório — decidiu finalmente o elche mourisco, tomando a dianteira da cáfila.

Flanqueando o reverso da muralha, breve chegaram à tórre de menagem, sem que o mouro respondesse pelo caminho às curiosas inquirições do elche.

— Deixa o gado em paz, e segue-me — ordenou êste.

Subiram ambos ao parlatório.

— Que trazeis de novo, Diogo da Silveira? — perguntou o conde, sentado a um bufete, revolvendo papéis e tomando notas.

O elche apontou para o mouro, o qual, no limiar da porta, tendo deposto a lança e a adarga, procedia com gravidade aos cerimoniaes da salema.

— Outra cabeça que vem molhar-se nas águas do baptismo? — prosseguiu o conde alegrementemente. — Bemvindo...

Mas o rapaz comprehendera-o. Abanou com

energia a cabeça coberta de um capelhar de grã, e atalhou em voz clara, mas em português avariado:

— Não, senhor D. João.

Diogo da Silveira explicou:

— Este muchacho teimou em falar a vossa mercê. Suponho que seja para vos trazer o presente que além vêdes...

E o mourisco, aproximando-se da lumieira, indicava os plácidos quadrúpedes, que ruminavam à sombra ou catavam no solo duro e adusto uns tufos de herva ressequida.

Mas, enquanto o capitão de Arzila se levantava e por sua vez se acercava da lumieira, a cabeça do mouro continuava a desengonçar-se em gestos de negativa, acompanhados de regougos significativos.

— A que vens então? Fala! — intimou o conde com impaciência.

O mouro, a meio da quadra, tomou então a palavra, na sua língua nativa. Falava com pausada decisão, como se recitasse um discurso cuidadosamente preparado. As sílabas guturais do idioma arábico dulcificavam-se na canora modulação da sua voz juvenil, como seixos boleados na limpidez de uma corrente. O brilho de seus olhos negros parecia emprestar côres vivas à sua tez bronzeada e macia. E seus braços robustos, es-

capando das meias mangas da aljaravia, estremeciam ao de leve, sempre que as mãos nervosas se agitavam em gestos parcos.

Eis o que êle disse, e que Diogo da Silveira, palavra por palavra, traduziu de memória ao conde:

— Senhor D. João, meu nome é Iaia Maruan, e pertenco à cabilda dos Ben-Gorfate. Sou sobrinho de Ali Maruan, que ora tendes em Arzila, cativo de Simão da Fonseca. Venho a resgatá-lo, dando a seu dono essa boiada que vêdes e a carga dèsses jumentos, que são pães de cera. É tudo quanto possuo. Pelo que faltar, quero eu ficar em cativo e em ferros. Do meu resgate depois se tratará. Mais vantagem darei a seu amo, pois sou mancebo e forte para servir, do que meu tio, que é já velho e cansado. A Vossa Mercê venho pedir me ajude neste empenho.

O conde ouviu com pasmo o traslado do discurso. Findo êle, percorreu com o olhar perscrutador a bela figura que se aprumava, triste e serena, como de vítima votada a sacrificio voluntário, e perguntou:

— Homem, quem te manda assim ao cativo?

Iaia calou-se um momento. Evidentemente, hesitava em desnudar o segrêdo da sua alma.

Mas o conde insistiu:

— Dize: quem te obriga a tomar ferros de escravo?

Então Iaia decidiu-se a responder. A sua intonação já não tinha a mesma calma quasi descolorida e hierática. Borbotões de paixão inflavam, mal contidos, a lhanura do seu falar. E no coriscar dos seus olhos denunciava-se a calentura de um sentimento absorvente.

— Senhor — disse êle — Ali Maruan tem uma filha que é tôda a minha vida. Sem a luz dos seu olhos a terra some-se para mim nas trevas da geena. Á passagem dos seus pés ligeiros, até dos areais do deserto eu veria brotar as pompas do paraíso. Mas Zara, que Alá a proteja! protestou que só daria a mão de espôsa a quem livrasse seu pai do cativoiro. Essa bem-aventurança me prometeu, a mim, servo humilde do Profeta, se eu lhe restituísse meu tio, livre de ferros. Por isso vos trago o que possuo, que é isso que vêdes, e vos trago a mais a minha liberdade, que é o maior de meus bens. Trabalharei depois para me remir da noite, na esperança de que a nova manhã resplandeça no olhar amoroso de Zara. Aqui tendes meus pulsos, prontos para os grilhões. Aqui tendes meu corpo juvenil, aprestado para as fadigas. Aqui tendes minha alma, resignada ao sofrimento.

Lentamente, Diogo da Silveira ia trasla-

dando em vulgar, cauteloso em não desbastar as galas orientais da forma, êsse poema de amor que seu coração entendia. Calou-se; mas na soberba estatura do môço serrano persistia uma vibração de arroubamento. No espelho aveludado de suas pupillas parecia reflectir-se a imagem da mulher amada, alongando o olhar, pelas frinchas do véu encharcado de lágrimas, para a vastidão do horizonte, à espreita de alfaqueque de cuja bôca ouvisse mensagem de esperança, julgando sentir nos murmúrios da brisa os gemidos do pai agrilhoado pelos nazarenos, nas arribas do mar longinquo.

Ao mesmo passo, no coração do fidalgo português acordavam os enlevos sentimentais da raça, perante a nobreza daquela devoção de amor. Uma vaga consanguinidade atávica o fraternizava com aquela alma ensopada de saudade, ávida de tormentos que aos olhos adorados a enaltecessem. Confusamente, cantava-lhe aos ouvidos a velha endeixa castelhana, que tantos poetas da sua terra se compraziam em glosar na lira melancólica:

Justa fué mi perdicion,
De mis males soy contento . . .

E, apiedado, confrangia-lhe o ânimo o não

poder dar de improviso ao enamorado Iaia o galardão que a cantiga tristemente desprometia:

No espero galardón...

Foi, pois, com benigno aspecto que respondeu à proposta do serrano:

— Vai, amigo, vai concertar-te com Simão da Fonseca, sôbre o preço do gado e da cera que trazes. Mas em lançar-te os ferros não consentirei eu, enquanto não chegar aí cáfila da serra ou de Alcácer. Quero que a tua gente seja testemunha de que por tua livre vontade te sujeitas ao cativoiro.

Por esta cláusula salvaguardava o capitão de Arzila a honra do seu nome e o brio de Portugal. Não se diria que, à falsa fé, os portugueses lançavam mão de um lavrador serrano, vindo pacificamente a negociar, a coberto dessa consuetudinária trégua que regulava as relações dos adversários, fora dos campos de peleja. Mas é provável que no ânimo comovido do conde prevalecesse também a esperança de que Simão da Fonseca renunciaria generosamente aos últimos termos do contrato, que implicavam a servidão do mouro.

Nesta idea, mandou chamar Simão da Fonseca. Avaliou-se o gado. Pesou-se a cera, que

montava a cêrca de quatro quintais. O valor calculado ainda estava longe de atingir o preço exigido pelo resgate de Ali Maruan.

— Não vos contentareis com isso, Simão da Fonseca? — insinuou o conde, bondosamente.

— Não posso, senhor — redarguiu o velho morador, anediando os flancos rotundos de uma vaca e envesgando o olhar ávido para os braços robustos que lhe prometiam intensa labuta ou avultado acréscimo do resgate.

Impassível, firme na resolução do sacrificio, ansioso porventura de que não o furtassem à prova lancinante do seu amor, Iaia assistia em silêncio ao regateio do seu corpo. E dias depois, em presença da cáfila de Alcácer, diante dos muitos moradores de Arzila que o encaravam com simpática admiração, corroborou com segurança a dádiva da sua liberdade, e estendeu as mãos aos ferros da servidão.

Sólto por sua vez, o velho Ali Maruan não tardou a mostrar o seu reconhecimento, remindingo o sobrinho.

— Folgo em vêr-te de novo em liberdade — disse o conde, ao despedir-se de Iaia.

Mas o môço redarguiu singelamente:

— Graças a Alá, meu cativoiro não finda. Pertença a Zara, e só a ela, de ora avante.

Vasco Fernandes César

I

D. Inês Gonçalves Batávias estava desolada e lacrimosa em sua casa de Lagos. Havia meses que não recebia novas de seu marido, Vasco Fernandes César, e as últimas que tivera davam-no por morto, segundo todas as probabilidades. Não podia encarar seus dois filhos, Luís e Francisco, sem lhes chorar a orfandade. Pobres crianças, a quem pouco mais restaria do que uma herança de glória, que a reconhecida ingratidão dos reis portugueses poderia escusar-se a trocar em boas tenças de metal sonante!

A glória era grande, com efeito. Em terra e mar, nas praças e no litoral de África a tinha alcançado a mão valorosa de Vasco Fernandes. Citavam-se entre os algarvios as proezas que o haviam sublimado. Sendo adail em Azamor, à testa de setenta lanças atacara uns ricos aduares da mourama, trazendo para a cidade oitenta cativos e um número considerável de cabeças de gado, afora outro

precioso despojo. Sobrelevava a outras façanhas aquela ocorrida perto da vila de Tite, vizinha de Mazagão. Aí o valente adail, com um punhado de guerreiros das duas praças combatera contra uma hoste de renhidos almogavares, abrigados entre pardieiros e balseiros, acantoados por fim dentro de um elevado alcorão próximo, onde ofereceram resistência indomável.

Brava refrega, essa! A porta do torreão, arrombada pelos nossos sob um chuva de frechadas e pedradas, enguliu os guerreiros cristãos, à frente dos quais ia Vasco Fernandes. Galgaram a escada íngreme, por onde, no meio da obscuridade, cascadeavam penedos e reboavam tiros. Jornada lóbrega e mortífera! Quando seus olhos encandeados entreviram a claridade do céu, uma nuvem de mouros, no quadrângulo do eirado, se arremessou sobre eles com desespero. Afer-raram-se os bandos contrários, num corpo a corpo formidável. Não havia lançadas, nem bestas nem espingardas já trabalhavam. Agomias e gorguzes enterravam-se nos interstícios das armaduras, os alfanjes faiscavam nos elmos e braços, uma grita medonha se elevava sobre as lajes coriscadas de sangue. Viu-se então o adail, levantando entre os braços, como Hércules ao libio Anteu, um

gigantesco berbere que o envolvia num amplexo tremendo, junto ao parapeito do eirado. Por momentos, à beira do precipício, esteve entre islamita e cristão hesitante a fortuna. Até que por fim, pela parede branca do alcorão resvalou um haïque pardacento, e o corpanzil anegrado do berbere, despenhado das alturas, veio despedaçar-se no solo eriçado de piçarras.

Gil Magro, mestre-escola de Lagos, fôscó como a sua férula, esgalgado como convinha à alcunha, rematava a narrativa desta proeza homérica com o seguinte epílogo:

— Quando soube do caso, el-rei D. Manuel que Deus haja, disse assim: «Façanha é essa digna de César!» E foi depois disto que Vasco Fernandes tomou êste apelido.

E o mestre explicava em tom dogmático aos boçais algarvios:

— Deveis de saber que César era um grande duque, como quem diz capitão entre os romanos.

Assim corria de bôca em bôca esta fabulada interpretação onomástica, que fazia sorrir os familiares do herói.

Mas as proezas marítimas de Vasco Fernandes deixavam a perder de vista os seus feitos terrestres. Desde 1520, em que el-rei D. Manuel o encarregara do pavimento dos

lugares de África, a sua caravela era o terror de piratas berberescos, de corsários da França e de Inglaterra. O capitão de Arzila, D. João Coutinho, homem dado a gracejos, dizia-lhe às vezes:

— Amigo, é mister que vos encontreis a miúdo com três ou quatro fustas de mouros, para que eu tenha notícias vossas por via de Tetuão ou de Larache.

E Vasco Fernandes respondia:

— Essa boa ventura ando eu sempre esperando. Deus ma depare muitas vezes, para que o meu nome vos chegue aos ouvidos.

Eram sem conto as presas feitas pelo destemido capitão.

A uma das suas vitórias devera a dignidade, essa não fabulada, da nobreza. Fôra o caso que, ao vir de Málaga para a costa do Rife, lhe haviam saído ao encontro seis galeotas, repartidas em duas esquadras, repercutindo pelos ares tais alaridos de triunfo, como se a mourama já tivesse por seguro o apresamento do pequeno baixel. Ao alarido haviam-se seguido o reboar das bombardadas, o estampido dos arcabuzes e a revoadada espêssa das frechas.

Retorquira-lhes, porém, Vasco Fernandes com tamanha fúria, que as galeotas não oustavam aproximar-se.

Aproximou-se êle. Pôs a prôa à capitania e às duas que na mesma ala a seguiam. Os mouros, cobrando ânimo, vieram sôbre êle, a voga arrancada, para o abalroar. Mas um tiro de pedreiro varreu por inteiro uma das bandas da capitania, pondo-a em risco de sossobrar. Todas juntas, as seis, arrojaram-se à fôrça de remos sôbre a caravela. No meio da fumaceira das bombardas, do estalido da mastreação esfacelada, do ranger dos flancos varados por pelouros, cercaram-na, como molossos em volta do cevo. Desta feita, foi uma esfera dos portugueses que matou grande parte da chusma de um dos barcos inimigos e por tal forma o destroçou, que os restantes se arredaram apavorados. Não deixou de os perseguir Vasco Fernandes. Mas o vento, acalmando, não lhe permitiu levar a cabo a caça e o destrôço. Viu-se forçado a recolher a Málaga, para se refazer, curar os feridos e enterrar os mortos, enquanto as galeotas, à socapa da noite, enfiavam para qualquer buraco da costa.

Mas essas fustas mouriscas reapareceram sob a forma heráldica. Fixou-as depois el-rei D. João III, em ondas de prata e azul, cada uma delas engalanada de nove remos de ouro e duas bandeiras vermelhas, no brasão dos Césares. E o mestre-escola, ao contemplar

o glorioso escudo lavrado por um canteiro de Lagos sôbre a portada da casa senhorial, dizia com retórica magistral a D. Inês Batávias:

— São armas falantes, as do marido de Vossa Mercê. Nessas fustas vogará êle para a immortalidade da Fama.

— Ai de mim! — respondeu a mulher de César. — Antes quisera que, vivo e escorreito, voggasse nelas para meus braços.

Mas nunca mais o vira, desde que, havia bastantes meses, seu marido surgira com o galeão, que então comandava, em Lagos. Bem se recordava ela como Vasco se arrancara furioso àquelas rápidas férias. Perdera um brilhante ensejo de assinalar novamente o seu renome, durante o passageiro parêntesis de ócio.

Com efeito, nesse intervalo, as duas caravelas do Estreito, que usualmente andavam em sua conserva, comandadas por Bastião Nunes e Pero da Costa, depois de o deixarem em Lagos, haviam topado defronte do cabo de Santa Maria as duas naus do corsário francês Jean Florin. O arrogante francês, cuja capitaina era alterosa e pujante, atacou com ímpeto os exíguos barcos portugueses.

Travára-se então uma cruenta peleja. Sôbre as caravelas, quasi rentes do mar, despeja-

vam as naus uma saraivada de artificios de fogo. Mas a nau mais pequena não resistiu muito tempo às bombardas dos portugueses. Arrombada, afastou-se. A capitaina, cujo costado gigantesco a livrava de abordagem, defendia-se vigorosamente, varejada pelos tiros certos dos nossos. Entre os destroços do aparelho, retorciam-se cadáveres e rojavam-se agonizantes. Até que um pelouro pôs termo à vida do capitão mor francês e determinou a rendição da nau desmantelada. Agora, apodrecia na ria de Faro, como um padrão de vitória.

Fôra ao cabo de dois dias escassos de repouso em sua casa que Vasco Fernandes soubera da façanha em que não fôra parte. Fizera-se logo de vela, sem atender às súplicas da mulher e aos carinhos dos filhos, cioso de glória, sôfrego de desforra. Da costa o viram soltar o rumo para leste, em busca das duas caravelas da sua conserva. Antes de as encontrar, porém, pelas alturas de Albufeira, surdiram-lhe pela prôa, emersas da neblina matinal, duas grandes naus francesas, ajoujadas de artilharia.

O pouco mais que se sabia do encontro, denunciou-o o troar formidável que abalou o areal e o fraguado. Apenas um barco de pesca, fugido aos franceses, pôde acrescentar

breves informações do início da peleja. Contou-as o patrão a Estêvão Rebelo, o provedor das almadras, e este as transmitiu a sua filha D. Inês, a esposa de Vasco Fernandes.

— As duas naus, empavesadas e arrogantes — relatou o velho Estêvão Rebelo — vieram logo demandar o galeão, que parecia a modo deles petinga defronte de dois baleotes. O capitão mor dos franceses prolongou-se com êle, e então, de cima do chapitêu, empinado como uma tôrre de menagem, falou aos nossos na sua geringonça, que os pescadores entenderam. Que o galeão amainasse, pois não podia resistir às naus de el-rei de França, mandou êle com arreganho. E ouviu-se logo a seguir a voz de Vasco Fernandes, numa resposta que retumbou até ao céu:

«Os navios portugueses não recebem ordens de estranhos. Amainai vós, da parte de el-rei de Portugal!»

— Jesus! Assim respondeu meu marido? — inquiriu D. Inês, num alvoroço que era mais de orgulho que de terror.

— Sim, minha filha, como honrado cavaleiro que é.

— E depois?

— Depois, teve como réplica uma valente surriada de artelharia. Pelo espaço de mais de uma hora, cerrou-se tudo com a fumara-

da, mais grossa ainda que o nevoeiro. Os tiros que dali saíam, eram de atroar o mundo. Depois de vararem em terra, é que os pescadores conseguiram enxergar ao longe, no mar já limpo de fumos, as duas naus que se faziam na volta de oeste, levando à tôa o galeão desarvorado.

— Nossa Senhora me valha! — clamou Inês, aconchegando ao chamalote do saínho as cabecitas louras dos dois filhos. — Se Vasco será vivo!

— Vivo ou morto — disse gravemente o provedor das almadras — cumpriu o seu dever de honra. Não lhe falecerá a justiça da terra. O que temos a fazer é implorar para êle a piedade do céu.

— Razão tendes, senhor! — redarguiu a aflita mulher.

E premindo brandamente os ombros das crianças, onde espadanava uma chuva de ouro, acrescentou com a voz ondulante de pranto:

— Ajoelhai, meus filhos, e orai por vosso pai! Para que volte a beijar-vos, se é vivo; para que a sua alma repouse no seio de Deus... se acaso é morto!

II

Entre suas aias e lavrandeiras, D. Inês Batávias presidia à confecção de um saio de solia. Aquele estófo negro, em que seus olhos pousavam com angústia, era uma insígnia de dó. Lam-lhe fugindo as derradeiras esperanças de que o marido ainda pertencesse ao mundo dos vivos.

E aprestava-se resignada para a viuvez fatal, passando a vista nublada de lágrimas por cartas que ia tirando de uma barjoleta mourisca.

Do terraço contíguo chegava o alarido jubiloso dos dois pequenos, brincando com uma zarabatana de prata. E foram êles que correram em alvoroço para o interior da sala, gritando:

— Minha mãe, vinde ver a cavalgada que vem aí!

Ouvia-se com efeito, agora que a balbúrdia infantil se interrompera, a tropeada, que retumbava pelas calejas solitárias de Lagos e se acercava rapidamente.

— Deixai, filhos — disse Inês. — Ide vós ver, e deixai-me.

Mas as crianças agarravam-se ao roupão

de sêda lavrada e às mãos brancas e afusadas da mãe, insistindo:

— Vinde ver, senhora mãe! Parece gente de nobreza.

Depois de porfiada relutância, a dona ergueu-se para seguir os filhos. Quando assomou ao peitoril do terraço, a cavalgada estava diante do portal. Ela entreviu de relance uns dois ou três pagens de gibões empoeirados, duas mulas ajoujadas de almofreixes tapados de lambéis, e um chapeirão pardo que rapidamente saltava de um cavalo argel, enfiando pela portada aberta.

Seguiu-se dentro de casa um reboliço estranho, que a fêz retroceder cheia de espanto. Era um borborinho de exclamações repercutindo pela escada, um rumor de rudes passadas pelos degraus de granito, um alvoroço suscitado pela inesperada visita.

Inês encaminhou-se para a entrada da sala, com os dois filhos sempre atrelados à fímbria do roupão. Defronte dela, de súbito, franziu-se o guarda-porta onde vogavam, em vagas de azul e prata, as seis galeotas heráldicas. Sob o sarapanel azulejado, destacava-se quasi desenvolvido do chapeirão pardo, cingido o busto musculoso num gibão de fustão, emerso o pescoço taurino de um colar de veludo negro, um homem de meã estatura, cuja barba cas-

tanha e rala mal disfarçava as cicatrizes que lhe arrepanhavam as faces.

Seus olhos ciuzentos abarcaram num relance de amoroso júbilo o grupo familiar que estacara a poucos passos. Mas foi preciso que a sua voz potente retumbasse num grito ungido de ternura: — Inês! — para que a estarrecida criatura avançasse e lhe caísse nos braços possantes, soltando por seu turno um clamor de exultante reconhecimento:

— Vasco!

Era um morto que ressurgia. Era o luto a transformar-se em gala. Eram lágrimas que perdiam o travor amargo.

Momentos depois, repotreado numa cadeira de espaldas, Vasco Fernandes César aconchegava à petrina afivelada de prata os dois garrulantes filhos, ao passo que Inês, sentada a seus pés numa almofada de brocado, alteando a fronte alourada para nêle embeber os olhos garços, dizia doce nente:

— Que mudado estás, meu Vasco! Custou-me a reconhecer-te!

— Ferimentos, cativo, trabalhos de tôda a sorte... Ah! foram meses cruéis os que eu passei, Inês!

— Foste cativo dos franceses?

— Sim. Não o sabíeis ainda aqui?

— Sabíamos só, por um barco de pesca,

que com duas naus toparas pelas alturas de Albufeira, e que como valente responderas à ordem do francês para amainares. Quando se varreu a cerração da peleja, viu-se apenas que as duas naus se faziam ao mar levando à tôa o galeão. Nada mais.

— Foi renhida a porfia, Inês. Logo de comêço as naus despejaram sôbre nós tantos pelouros e tantas bombas de fogo, que o galeão parecia arder. Cada uma por sua parte, quizeram abalroá-lo. Mas não ousaram de o fazer, por vir todo cerrado de rêde, e pela artelharia e artificios de fogo com que os convidámos. Afastaram-se escorraçados, com os costados crivados de rombos por onde cabiam dois homens, mas logo se envergonharam. Pois se cada uma das naus era bicho capaz de engulir dois galeões como o meu! Voltaram para nos aferrar, dispostos a fundirem-nos às lançadas e às espingardadas. Aco-meteram-nos com tanta lavareda, que parecia que o inferno em pêso desabava sôbre nós. Eu estava em cima da alcáçova, empuxando os nossos para a refrega, não dando trégua aos berros das bombardas, inda que corressem risco de estourar. Vai senão quando, pega fogo num barril de pólvora que estava no bailéu de vante, e zás! um urro que abalou o mar inteiro, e aí vou eu por ares e ventos,

com mais quatro ou cinco que se desfizeram em tassalhos.

— Santo nome de Jesus! — ejaculou Inês, pálida como se o perigo persistisse ainda.

— Eu fui dar com o arcabouço em cima da xareta. Quis-me levantar, e não pude. Ardia-me a cara como se me estivessem a esfolar vivo. Olha! olha os sinais das queimaduras.

E, afastando os pêlos hirsutos da rareada barba, Vasco Fernandes mostrava as gelhas granulosas que branquejavam no tostado da tez.

— Pobre marido! — disse Inês compungida, erguendo-se para depor um beijo nos laivos horrendos.

— Mas o pior — continuou êle levando alternadamente a mão velosa à espádua e à coxa esquerda — eram as amolgadelas que eu sentia aqui e aqui. Delas me ficaram também lembranças, no manquejar que me assemelha às vezes a um pato marreco...

— Eu te curarei de todo, com a ajuda de Deus — atalhou ela com brando sorriso, entre gargalhadas estrepitosas dos pequenos Césares.

Vasco beijou as cabecitas louras e proseguiu:

— Acharam-lhe graça, os tunantinhos! Pois eu não achei nenhuma, quando ali me encon-

trei estatelado, um pedaço depois, ao dar acôrdo de mim. Rodeavam-me os demos dos piratas. Gente de Normândia, quasi todos, atarracados, fortes, com trunfas e barbichas tirante a cenoura, bochechas de lagosta cozida. Pairavam uns com os outros, lá na gíria dêles. Mas eu percebia-os. Estavam a maquinar se haviam de dar cabo dos poucos que já restavam dos nossos. Por fortuna, ainda nada sabiam da sorte do outro capitão mor dêles, o tal João Florin, que Bastião Nunes tinha mandado dias antes para o inferno, pelas alturas do cabo de Santa Maria. Aliás, nenhum de nós teria ficado com vida. E vai então o capitão disse assim, pouco mais ou menos: «O melhor é levarmos para a nossa terra estes diabos. São bons mareantes, enfronhados nas navegações dos pertingais» — era assim que êles nos chamavam — «e podem servir-nos de muito.» Dito e feito. Botaram um calabrete ao galeãozinho, desatilharam-no dos mortos, deixaram lá os vivos para trabalhar nos aldroles da bomba, e foram-no remolcando por êsses mares fora. A mim, levaram-me para a capitaina, chamuscado e escangalhado, e assim me ferraram com os ossos numa enxêrga suja, em riba de um ninho de bicharia que êles chamavam grabato. De caminho, ainda meus olhos mortiferos

puderam enxergar aquele pedaço de mar, todo coalhado de destroços e laivado de sangue, como se ali se houvesse feito um cêrco de atuns. Ao longe, aparecia a modo que uma faixa encinzeirada com franja de ouro. Era a terra de Portugal, onde ficava tôda a minha alma.

Aguavam-se levemente os olhos do guerreiro, como se no íntimo revocasse aquele arranque de saúde. Inês premiu entre as palmas macias a dura mão cordoveada, e disse com unção:

— Deus Nosso Senhor não quis apartar-te dela. Louvado seja o seu santo nome!

— Para sempre seja louvado! — concluiu êle, entrecerrando os olhos para orar mentalmente.

— E depois? — perguntou ela ansiosa, após uns minutos de devota concentração, impondo silêncio à chilreada infantil que irrompia à sôlta.

— Depois fomos navegando para as bandas do Norte — redarguiu Vasco Fernandes encolhendo os ombros. — Assim devo cuidar pelo menos, visto que a essas terras fui parar. Não que eu desse tento da viagem. Qual história! Estava ali como um corpo sem alma, a arder em febre, no meio da escuridão, sem ver mais senão, de quando em quando, um

machacaz vermelhaço que me molhava as goelas com água salobra... Minto! Um dia por outro aparecia-me também um bargantão já de anos, com manchas de físico, e forrava-me de emplastos, e à fôrça me abarrotava de drogas que me revolviam as entranhas. Tudo isto no meio de pragas, mais blasfemas mas mais dissaboridas que as das marisqueiras do Algarve. Até que uma vez senti parar o balanço que me escavacava os ossos ainda escorreitos, e no meio de grande balbúrdia percebi o rugir da amarra a escorrer pelo escovem. Dali a pouco carregavam comigo para o convés, e encandeavam-me os olhos com a luz do sol, e mais essa luz era baça como se a coassem por um mandil da Guiné. Não era êste luzeiro do céu, que está por um tris a lamber-me os pés, pois sabe que eu tinha dêle saúdades em barda. Protesto que até começa a abrir-me o apetite, tirando-me as ganas de dar mais à tramela. Arranjai-me algo que me ateste o paiol, madama, como lá dizem os outros. Ao depois vos contarei o resto.

Inês ergueu-se sorrindo e saíu do aposento.

— Meu pai — disse Luís, o primogénito dos Césares — êsses homens maus ficam muito longe?

— Ficam, sim, meu filho — respondeu Vasco

Fernandes, anediando-lhe os caracóis dourados. Uns oito ou dez dias de viagem, pelo menos.

O pequeno quedou-se reflexivo.

— Por que queres saber isso? — inquiriu o pai.

Luís saltou para o chão, aprumou-se nas pernitias nervosas, e, levantando em tom de ameaça a zarabatana de prata, redarguiu:

— É que, em sendo homem, quero ir lá matá-los.

III

E nessa mesma noite da sua chegada, no amplo terraço da sua casa de Lagos, em frente da tremulina radiosa do Oceano, Vasco Fernandes César continuou a narrativa das suas aventuras.

Formavam o auditório apenas Inês Batávias e seu pai Estêvão Rebelo, o provedor das almadravas, o qual havia ocorrido logo que lhe constou o regresso inopinado do genro.

O luar do oriente ungiu o grupo, amaciando as feições ásperas do mareante, endurecendo de sombras cortantes o rosto suave da mulher, argenteando a longa barba do velho. E en-

tregues ao cuidado da aia os dois pequenos, adormecidos após um dia fatigante de festa, apenas o marulho lento e tristonho rugia no vasto silêncio, como discreto ritornelo a dar relêvo ao monólogo.

— Era uma cidade da Normândia aquela para onde me levaram — dizia Vasco Fernandes. — Chamava-se Dieppe, ninho de milhafres, que estão sempre aprestando o assalto contra as armadas de Portugal. Devia Sua Alteza dar-lhes caça para sossêgo nosso... Mas vamos ao caso. Eu mais os meus matalotes atravessámos as ruas coalhadas de povolêu, onde havia mulheres a barrisco, com grandes badanas brancas por toucado, e uma cainçalha de ribaldos nuns embrulhos de chiotos franjados de chocas. E o mulherio e a fedelhada é que faziam maior ingresia de apupos... Tal qual como cá na nossa terra!

Riram-se os ouvintes, e o narrador foi descrevendo as suas impressões através da cidade normanda: a fachada gótica de S. Jacques, pompeando no meio dos telhados ponteagudos; a velha ponte cavalgando o turvo leito dos Arques; na margem de além o subúrbio marítimo de Pollet, com os seus estaleiros e os seus estendais de rêdes de pesca; a penosa ascensão para o vetusto castelo, que domina a cidade, flanqueado de tórres que

se debruçam sôbre as escarpas abruptas, como atalaias carrancudas.

Foi para uma dessas tôrres que conduziram Vasco Fernandes, apartando-o dos seus patricios, de quem nunca mais teve novas. Introduziram-no numa masmorra, escassamente iluminada por uma fresta alta, rasgada na espêssa alvenaria, para a banda do nascente. Uma esteira sórdida, um escabelo coxo e um cântaro esbeijado constituíam o mobiliário clássico do cárcere. E pelas paredes anegradadas e pelo desconjuntado lajedo, formigava uma população tenebrosa de insectos.

O carcereiro era um picardo veterano das guerras da Itália, manco de um ôlho, rabugento e ossudo. Duas vezes por dia regulava o preso com um naco de pão empedrenido, raro acompanhado de um arenque de salmoura ou de um pedaço de queijo em que os dentes se lascavam. Assim decorreu mais de um mês, pelas contas de Vasco Fernandes, que ansiava pela liberdade e curtia saúdaes acerbadas da assoalhada pátria.

— Eu já me ia entendendo com o rascão — prosseguiu Vasco Fernandes — sem embargo de que êle pouco mais respondia às minhas falas do que com o seu *Sacré nom!* e *Cornes du diable!* e quejandas pragas. Até que uma tarde de inverno, em que só nas

cordas de água se percebia a claridade do sol, êle me entrou pelo calabouço dentro acompanhado... por quem havia de ser? pelo mesmo bargante do capitão que me tinha cativado e mais dois tunantões de barbas de peltre, ensacados em couras de lâminas. Vinham raivosos como cães de fila. E perguntaram-me assim: «Foste tu que mataste o capitão mor João Florin, perro?» Eu fiquei estarrecido e ao mesmo tempo satisfeito. Nem sabia ao certo que o vilão ruim era morto. E respondi-lhes com modo de desdem, na aravia dêles: «Tão mofino fui, que Deus Nosso Senhor não me deparou êsse virtuoso ensejo.» Se vísseis os dois excomungados! Arremeteram logo ali contra mim, arrepelaram-me as barbas, amolgaram-me o rosto e o corpo com punhadas... e eu sem poder fazer mais que cuspi-los de injúrias, tolhido e desarmado como estava, e por cima ainda achacoso... Malditos!

— Pensasses nos tormentos de Jesus Cristo, meu Vasco! — atalhou Inês piedosamente.

— Pois pensava, sim! — redarguiu êle. — E mais ainda quando êles disseram que no dia seguinte me iam dar morte afrontosa, a mim e aos outros, no meio da praça, aos olhos da arraia-miúda enfurecida. Não haver um pelouro que me varasse, um macaréu que me

engulisse, para me livrar de semelhante vilipêndio! Provavelmente, a bailar na fôrca... Ah! só de em tal pensar se me arrepiavam as carnes! Tanto bati com a cabeça pelas paredes, que me entrou nela uma idea. Ia-se fazendo noite. O demo do picardo veio, na forma do costume, com o seu cabaz de comida.

«Fingi-me a tremer de febre.

«Como êle manquejava do ôlho esquerdo, desviei-lhe a atenção para a direita, e à surrelfa meti a mão no cabaz e saquei lá de dentro a faca com que êle cortava o pão. Das duas uma: ou êle dava logo pelo furto, e nesse caso eu enterrava-lhe o ferro nos gorgomilos, ou êle não percebia, e então... Por fortuna sua, foi isto o que sucedeu. O alma do diabo foi-se embora sem dar tento. E eu meti mãos à obra. Desfiz a esteira em tiras, atei-as umas às outras conforme pude com lascas do couro da minha petrina, juntei-lhe uns pedaços da camisa, todos os farrapos que pude tirar de cima de mim, e arranjei assim uma corda de umas dez ou doze braças de comprido. Alta noite, trepei à fresta. Tinha uns varões de ferro em cruz, tão comidos de ferrugem, que à custa de esforços logrei cortar a haste de baixo e afastá-la bastante para me caber o corpo pelo intervalo. Amarrei ao

espigão o chicote do meu calabrete. Agarrei-me a êle. Quando me debrucei, debaixo de uma chuvada que parecia desfazer-se o céu, vi por baixo de mim tudo negro, negro, um despenhadeiro de que não se enxergava o fundo. Que importava? Encomendei-me a Deus e deixei-me escorregar. Antes despejar os miolos em cima dos penedos, do que estirar a língua pela bôca fora...

— Jesus! — clamou a mulher, tôda trémula.

Ah! com que pitoresca energia Vasco Fernandes César seguiu descrevendo as peripécias terríveis da evasão! Fincando os pés nas asperezas da muralha, esfolando as mãos na rugosidade da improvisada corda, foi descendo devagar. Seus pés encontraram de súbito um vão, e logo abaixo um parapeito de cantaria que ressoou cavamente. Era a lumieira de um dos andares inferiores do torreão. Quedou-se ansioso, arrepiado de terror. Tê-lo iam pressentido? Por fortuna, o interior era tenebroso e calado. Baixou os olhos. Tanto quanto a caligem da noite lhe consentia discernir, a altura era ainda enorme, e o extremo da adriça estava próximo. Debaixo das bâtegas que o fustigavam, agarrado aos varões da fresta, deu um rijo esticão na corda, para a romper pela maior altura. Ficou-lhe nas mãos um trôço de três a quatro braças,

o muito. Amarrrou a ponta à cruzeta da grade, e deixou-se de novo resvalar. Já sentia as fibras da esteira a rangerem ao pêso desproporcionado. E por baixo era o abismo, a abas escarpada da montanha, quasi cortada a pique, a uma altura que a vista não podia profundar...

Quando chegou ao cabo do oscilante amparo, seus olhos, mais afeitos à treva, lobrigaram um vago branquejamento, para a sua direita Parecia a superficie lisa de uma fraga, como uma mísula saliente no espinhaço ouriçado e negro. Conforme pôde, fazendo finca-pé no esboroado rebôco, deu à corda um movimento pendular. O seu corpo balanceou medonhamente sôbre o precipício... as fibras da rota crepitavam no extremo do esfôrço... e ao despedaçar-se, a corda projectou-o violentamente de encontro às arestas da fraga, a que êle se agarrou atordoado.

— Rijos de-veras tendes os ossos, se é que ficaram inteiros — comentou Estêvão Rebelo com ênfase.

— Inteiros, como estais vendo — retorquiu César, estirando pelo poial os membros robustos. — Verdade seja que tinha as mãos em sangue e lanceavam-me pontoadas de nódoas negras. Mas não me sobrava lazer de pensar nisso. Não tardaria a madrugada, e se me fi-

lassem, não era eu que vos estaria contando esta história.

E descreveu vivamente como fôra deslizando pelas anfractuosidades da rocha, aguçando a vista na treva borrascosa, aferrando-se a plantas abrolhosas, desabando em barrocas, rolando por córregos, escorregando por piçarras íngremes, moído, contuso, esfalado, chagado, sórdido, esfrangalhado, semi-nu. Até que, chegado ao sopé da escarpa, seus passos encontraram terreno chão. Caminhando ao acaso, percebeu dentro em pouco que o rodeavam edificios. Tinha entrado no povoado. A chuva abrandara, e na frente dêle um leve rubor tingia o céu. Internou-se cautelosamente pela cidade. Serpenteou por vielas e betesgas, sem encontrar viv'alma, em direitura do clarão, que êle supunha o da madrugada. Mas não era. Compreendeu-o de repente, quando, no extremo de um funil de casaria, entreviu um terreiro iluminado de archotes, cuja chama dansava sôbre rosáceas e nichos de uma frontaria gótica. Vul-tos de homens se moviam pelo terreiro, numa azáfama cortada de batuques reboantes. Delineados no fundo claro, aprumavam-se dois postes, sustentando nos topos uns triângulos de vigas. Outro se ia levantando à beira dêles, a poder de braços. Um suor frio se misturou

nas faces de Vasco à chuva que por elas escorria. Aqueles sinistros aparelhos eram fôrças, que se aprestavam para os portugueses cativos.

Estacou, varado, paralisado, perante aquela visão de pavor. Mas súbito, numa viela próxima, ressoou um tamancar de alcorques, que se aproximava... E êle julgou vêr garras que se adiantavam para o aferrar, para lhe cingir o pescoço taurino no horrendo laço. Alucinado pelo mêdo...

— Mêdo, sim! — clamou Vasco Fernandes com fôrça em réplica ao gesto esboçado pelo velho Rebelo. — Não há coração em que êle não entre: a diferença é que para os baixos e cíveis tôda a morte é morte; para os altos e nobres só é morte a deshonra. Era pois honra o meu fugir. Ferro de inimigos ou vagalhões do mar alongariam em glória a minha vida; bastava o roçar do baraço para raspar o brasão de armas que el-rei me dera. Corri à doida, não sei por onde, tropeçando em pedras, esbarrando em muros, patinhando em lamaçais... e sempre a retinirem-me aos ouvidos aquelas passadas, que pareciam uivos de Satanaz. E eu a fugir... a fugir... Por Deus! que não sei como ainda tinha fôrças!

E o vasto arcabouço de César arquejava convulso, como se revivesse a carreira si-lis-

tra. Ainda recordou o vago dilúculo da madrugada que começava a surdir diante de seus olhos; e sob a morrinha incessante, reverberava debilmente numa larga faixa ondulante e anegrada. Caminhou para ela. Era o rio Arques, inflado e impetuoso com a cheia, ensaiando rugidos como um gôzo que aspira a fera. E então, sem reflectir, parecendo-lhe que a própria fôrça, em passadas soturnas, vinha no seu encalço, Vasco Fernandes precipitou-se na água, que espadanou com fôrça...

— Que fria de vera de estar! — interrompeu Inês Batávias, transida.

— Tão fria que só a lembrança dela me faz apetecer o frouxel quentinho do leito — disse o mareante. — Santa noite nos dê Deus, senhor meu sôgro. Amanhã vos contarei o resto — concluiu êle levantando à altura dos lábios o rosto da mulher, inundado de luar.

IV

— Há rebate de piratas mouros pelas alturas do Espartel — disse Estêvão Rebelo à hora da consoada, atascando os dentes numa das boleimas fofas e mornas que se estadea-

vam na bandeja de Flandres. — Assim mo afirmou Bastião Nunes, que de Lagos partiu há dias para lhes ir dar caça.

— Tenha mão em si —olveu Vasco Fernandes César com arrebatamento, entornando pela barba escura o tarrago de leite. — Má cainça o coma! Vós bem sabeis, senhor sogro, que eu tenho provisão de el-rei para capitão-mor da armada do Estreito...

Mas a fala do mareante, ríspida como ronquido de sacabuxa, sobressaltou Inês Batávias, que se embevecia nos desportos da prole. Seus passos leves logo a aproximaram do marido, seus olhos garços e suas palavras mansas buscaram serená-lo.

— Meu Vasco — disse ela — é tempo asado para levares a cabo a história dos teus trabalhos.

— Certamente — concordou o velho pai. — Ontem à noite vos deixámos mergulhado nas águas do rio...

— Que eram frias como demo, as malditas — acudiu Vasco Fernandes, gostosamente arremessado para as suas recordações. — E com a fôrça da cheia, corria que nem ginete à rédea sôlta pelos campos da Ducala. A ponto que, a nadar com gana, fui dar comigo muito a juzante, creio que perto da foz. Enchurrei na lama da outra riba. E, como

ainda estivesse na mesma zina de que a picota corria atrás de mim, levantei-me logo e galguei por ali fora à tôa. De repente, senti os pés emmaranhados numa rêde de pesca. Caí, de encontro ao costado de uma fusta pescareza, e a minha cabeça deu um baque de atroar os anjos. Ouvi lá dentro um grunhido, que de anjos não era, por certo. Aos tombos segui pelo meio dos barcos varados na areia, de copéis estendidos, de antenas e pranchas, de barris de breu, até que, não podendo comigo, me estatelei de bôrco ao abrigo de um grande vulto, que lobriguei aos primeiros alvares do nascente, e que descobri ser uma pinaça no varadouro.

Vasco Fernandes achava-se no arrabalde marinaresco de Pollet, na margem direita do Arques, defronte de Dieppe. A sotavento do enorme casco, que o resguardava da chuva, ficou prostrado numa espécie de modôrra, cortada de sobressaltos, enquanto o longo crepúsculo matutino ia débilmente alargando a bruma. Retinha fôrças para procurar algures a salvação, apertando na mão transida o punho da faca, disposto a vender caro a vida. Para onde dirigiria os passos? Onde se lhe depararia amparo?

— Deus Nosso Senhor não te faltaria com êle — ciciou Inês.

— E não faltou — redarguiu o mareante. — Espertou-me de repente um tanger de matinas, não muito longe. Sem pensar no que fazia, como se me guiara a mão de Deus, levantei-me e enderecei caminho para a banda donde provinha o repique. Embrenhei-me por um meandro de casebres e choças, ouvindo sempre aquele somido que parecia chamar-me. Passaram por mim uns dois ou três vultos, que me saúdaram com o *Ave* da manhã. Eu respondi-lhes por entre dentes, não percebessem êles o mau amanho que eu lhes dava à gerigonça. Até que, ao tornejear de uma esquina, dei de cara com uma sombra de maior tômo. Era um casarão que tapava o céu já clareado, e num dos topos do telhado enxergava-se uma cruz. Caminhei para êle. Senti um telintar como de chaves, e logo depois um rangido de gonzos. Era um frade, ao que pude lobrigar, que abria a porta da sua igreja. Parei um pedaço, e apenas êle virou costas, escoei-me para dentro. Estava na casa de Deus, não houvesse mêdo que o hospedeiro me pusesse na rua.

— Por certo que o hospedeiro era bom, mas os mordomos podiam ser ruins.

Êste comentário fêz Estêvão Rebelo, anediando com os dedos magros as crenchas lou-ras de um dos netos, os quais haviam feito

trégua aos brinquedos para dar ouvidos à história.

A vista das imagens sagradas, os lumes que pontuavam a meia treva, o ambiente de devoção e de serenidade, contava Vasco Fernandes que desde logo lhe tinham renovado o ânimo. Ajoelhou diante de um altar da Virgem, a dar-lhe graças e a implorar-lhe amparo. A pouco trecho, porém, recaiu sôbre os degraus, extenuado, num quási delíquio. Nessa postura o veio encontrar o monge claviculário. Soergueu piedosamente aquele corpo escalavrado e semi-nu, aconchegou-lhe a frente ao burel do hábito... «Pobre homem! — disse êle — eu vos farei conduzir ao hospital.» Mas o português, ao entender estas palavras, cobrou energia para lhe rogar em nome de Deus que tal não fizesse. «Ouvi-me em confissão, meu padre!» — suplicou êle. Teve tempo de contar em breves e avariadas palavras a sua história, sob sigilo da confissão. Depois, perdeu totalmente a consciência.

Achava-se no convento dos Capuchos de Pollet, e os humildes religiosos não quiseram atraiçoar os deveres de sagrada hospitalidade. Durante duas ou três semanas, permaneceu entre a vida e a morte, numa cela clandestina, entregue à caridosa solicitude

de um irmão converso, albanês ou epirota, que, nos intervalos de lucidez do enfermo, arranhava uma cavaqueira em língua franca. Por êle soube que os chefes militares da terra, instigados pela influência dominante dos armadores diepenses, não se poupavam a esforços para lhe descobrir o paradeiro. Numa boa soma de libras tornezas avaliaram a cabeça do português, pegada ao corpo, e em algo menos despegada. E pelos recantos da cidade, e pelas cercanias, formigavam rufiões sem escrúpulos e *coupe-jarrets* sem mealha, dispostos a jogar a vida numa cartada que lhes daria, pelo menos, temporária abastança.

Mas a lialdade dos pobres monges nem por um momento se deixou abalar. E das paredes pardas do velho convento não resumou a mais leve suspeita de abrigarem o cativo.

— Bons frades êsses, não é verdade, meu pai? — interrompeu, cheio de entusiasmo, o pequeno Luís.

— Sim, meu filho — redarguiu Vasco Fernandes. — Até me chegavam as lágrimas aos olhos, quando... já então eu me ia restabelecendo... quando lhes espreitava a volta ao convento, ajoujados com a sacola onde recebiam as esmolas, e com os pés em sangue pelas caminhadas...

— Então êles andavam descalços? — perguntou Luís, cheio de curiosidade.

— Quási. Só tinham nos pés umas servi-lhas meio rôtas de cordovão, como é de uso...

— Coitados! — exclamou Francisco, o mais pequeno dos Césares — dar-me heis licença que lhes mande os meus chapins valencia-nos.

— Zote que és! — acudiu o primogénito com desprezillo. — Como se nêles coubessem os joanetes dos frades. Ainda se fôssem as minhas espartenhas de sêda! Essas sim! que são já quási de gente crescida! — concluiu, medindo com olhos envaidecidos o tamanho do pé direito, alçado ao nível da cinta.

Entre risos recomeçou Vasco Fernandes a narrativa.

Os capuchos, sem embargo da sua caridade, ansiavam por se verem desembaraçados do perigoso hóspede. Êle próprio, afeito a todos os riscos, andava morto por se lançar à conquista da desafogada liberdade.

Ah! que antemanhã cheia de encantos, aquela em que êle se achou finalmente ao ar livre, envolto numa áspera túnica de romeiro, em que alvejavam vieiras, arrimado a um nodoso bordão de abeto, obscurecido o rosto pelas abas enormes do sombreiro! Fortalecia-lhe o ânimo a bênção que as encarquilhadas

mãos do superior haviam feito descer, à despedida, sôbre a sua cabeça curvada. Sorriam para êle as estrêlas do céu, as mesmas que na terra perfumada das figueiras e das alfarobeiras scintilavam sôbre o telhado que abrigava os seus. E, muito elevada acima do horizonte, a estrêla do Norte palpitava, no alvorôço de encontrar os olhos de um velho amigo.

Ela o foi guiando, por caminhos desconhecidos, através de populações estranhas, sempre sob a ameaça de uma cuchilada que lhe abrisse no peito uma fonte de pecúnia para enchimento de bôlsas ávidas. Fingindo-se peregrino que os vaivens da sorte haviam arremessado para aquelas paragens, vivendo de esmolas, pousando em estâbulos, em palheiros, em pocilgas, uma que outra vez agasalhado em choças miseráveis ou em albergarias de caridade, atravessou parte da Normândia, internou-se pela Picardia e pelo Artois, sempre na mira de alcançar a Flandres, que era para êle o vestibulo da Terra da Promissão.

Uma ocasião esteve a pique de se trair. Foi na cidade picarda de Saint Riquier, assinalada pela recente façanha das suas damas, as quais com ânimo varonil tinham contribuído para rechazar o assédio de uma

hoste flamenga, mais de vinte vezes superior em número à centena de peões defensores. Uma dessas damas avançou para o suposto peregrino a mão franzina, empunhando um motreco de pão trigueiro.

— Perdoai se tão pouco generosa me achais, servo de Deus — desculpou-se ela.

— Ah! senhora! — voltou êle comovido. — Deixai tão sómente que vos beije a mão, pelo muito que me lembra as donas da minha terra; tão pródigas de esmolas para os pobres, como de golpes para os inimigos.

E com fidalga compostura, chegou aos lábios a mão da surpreendida picarda. Mas logo caíu em si e afastou-se, deixando no seu rasto suspeitas de que um coração de guerreiro pulsasse sob a esclavina.

Ao entrar em terras de Flandres, Vasco respirou com mais desafôgo. Ali não poderiam atingi-lo as garras de meirinhos e quadrlheiros de el-rei de França para com seu corpo enfeitar o patíbulo, pôsto que ainda ameaçassem desencantá-lo quaisquer sicários assalariados pelos mandões vingativos de Dieppe.

A salvamento chegou porém à cidade de Bruges, onde o feitor português o acolheu de braços abertos, como a um ressuscitado. Retomou com júbilo o seu traje profano, e a sua

velha alma de guerreiro exultou quando deixou de brunir com a palma calosa a aspreza do bordão, para sentir na côxa revestida de antona o afago da espada, pendente do talabarte avelutado.

Aí mesmo, em Bruges, negociou o seu transporte com o capitão florentim de uma nau, surta em frente de Antuerpia. Embarcou finalmente, com rumo a Portugal, e foram-lhe risonhos os temporais da Mancha e do gôlfo da Biscaia, que lhe marcavam o caminho da pátria. Em Lisboa, el-rei D. João III, ao recebê-lo, temperou de comedida alegria a sua austera majestade. E confirmou-lhe, com palavras de lisonjeira confiança, a capitania da armada do Estreito.

— Mas êsse Bastião Nunes de má morte anda a roubar-me o cargo e as glórias — concluiu Vasco Fernandes abalando com uma punhada a mesa, onde telintaram pratos da Índia e pichéis de Veneza.

— Não vos amofineis, homem! — disse Estêvão Rebelo. — Êle não desobedecerá aos mandados de Sua Alteza.

E Inês acrescentou tímidamente:

— E é mister que entretanto descanses, meu Vasco!

O mareante não pôde furtar-se a novo arrebato.

— Descansar! — bradou êle. — Descansar quando piratas mouros andam à sôlta por aí!

Levantou-se; e num gesto vago, apontava a imensidade glauca. Seus olhos saídosos seguiam a facha fulgurante nela traçada pelo sol, como a estrada triunfal que ligava os dois Algarves, de aquém e de além-mar.

— Não vos faltará ensejo para novas façanhas — acudiu o provedor das almadravas, abrindo as mãos num aceno apaziguador.

— Falta-me o meu soberbo galeão, que os corsários da França me roubaram — redarguiu César com tristeza.

Mas êste lamento, com que êle rematou a narrativa das suas aventuras, teve poucos dias depois um consolador correctivo.

O seu rival Bastião Nunes, com uma só caravela, rendera, entre Tânger e Tarifa, uma nau de franceses que arrogantemente o havia acometido. O capitão da nau quis pôr côbro ao saque, alegando que o rei de França era irmão do rei de Portugal. Cheio de escrúpulos, Bastião Nunes levou a presa, intacta, para Arzila, e enviou um mensageiro a Lisboa, para que el-rei se pronunciasse sôbre o arrêsto. A sentença de D. João III foi que nau e fazenda ficassem de represália pelo navio tomado a Vasco Fernandes César, e se

entregasse a êste a nau com todos os apetrechos.

— Demónio! — disse César ressentido, quando lhe davam os emboras pela restituição. — Pesa-me dever a Bastião Nunes a minha capitania.

Mas, com a nau apresada e mais duas caravelas, não tardou que estreasse o seu cruzeiro com a captura de um rico bergantim de mouros.

Brianda Vaz

Estava Brianda Vaz sentada à soleira da sua porta, que assombreava a propínqua igreja de S. Bartolomeu de Arzila, e catava conscienciosamente a filhita, que lhe esperneava no regaço, quando ressoou no ambiente cálido o estampido de uma bombarda.

— Que é isto! — perguntou ela, levantando a cabeça e interrompendo a série de estalidos que assinalavam morticínio de parasitas.

Respondeu-lhe uma vezinha, que na porta da casa contígua remendava umas calças de guardalate:

— Não te assustes, mulher. É caravela que chegou do reino.

— Seja o que fôr! — volveu Brianda, encolhendo os ombros e voltando à tarefa. — Não sou mulher de sustos.

Bem o denunciava o seu físico. Era uma mulherença alentada e robusta, de carão liso e môço, rude firmeza nos olhos negros e rasgados, redondezas rubras de saúde nas faces

trigueiras, penugem dourada nos vigorosos braços arremangados.

— Quietinha, Leonor! — disse ela à pequena, que estrebuchava aos gemidos. — Levas tamanho pescoção, que ficam as bombardadas a perder de vista.

Mas uma observação da vizinha atalhou a execução iminente da ameaça.

— Não eram por ti os sustos, Brianda, mas pelo teu marido que anda no mar. Já por lá perdeste o primeiro, não é muito que receies a mesma sorte para o segundo...

— T'arrenego, mulher!

E Brianda Vaz, num arremêso de indignação, sacudiu de si a filhita, que, liberta e trêfega, logo abalou para os seus brinquedos.

— Deus Nosso Senhor não permitirá que eu fique outra vez viúva — continuou ela espalmando as mãos nas rotundas côxas. — Desta feita não seria a sua divina vontade tão bemquista como da primeira...

— Credo! que dizes, criatura?

— Minha rica, tu bem sabes que eu não vivia do céu com o meu defunto.

— Lá isso é verdade! Era uma algazarra todos os dias nessa casa que até parecia, Deus me perdõe! que andavam todos os demos à solta!

— E quando ficava só na algazarra, era caso de dar graças à Virgem.

Ao dizer isto, Brianda assestava os fortes punhos em arremetidas de ariete. E acrescentava com orgulho:

— Nem sempre levava êle a melhor. Mas não lhe quero mal, pobre João Português! Afinal, sempre era o pai da minha filha. Não se passa um mês que eu não escorra uns vintens bem puxados, na mão do padre Fr. Gonçalo, para dar descanso à alma dêle no Purgatório. Mofino do homem! Ainda me lembro como se fôra hoje... e já lá vão p'ra cima de três anos. Estava eu também aqui na minha labuta, quando ouvi repique de sinos e rebates por tôda a vila. Desatei a correr para a banda da praia... um baque que me deu cá por dentro... Chego, e vejo uma fumaça do Miradouro... o aviso costumado para os barcos de pesca, que andavam mouros na costa. Tinham-nos mexericado as atalaias no Cabo Branco. Vai, aquela fumaça cobriu-me o coração de luto. E aí começo eu a enxergar ao largo uma fustalha que avançava para o norte. Na frente, uma galeota alterosa, a estender os remos pelo mar banzeiro, que parecia uma centopeia a correr por um lagedo às corcovas. Era a frota dêsse perro renegado, dêsse maldito João Vaz Maio,

que andava a meter a alma no inferno ao serviço de Mafoma. Para os lados de Tagadarte, pairavam os barcos de pesca. Numa das campanhas estava o meu homem. E a fustalha da mourama avançava, avançava para êles. As nossas bombardas começaram a urrar, e foi então que os barcos deram tento do perigo. Levantaram à pressa as rédes, e começaram a fugir para terra. O do meu homem demorou-se mais. A galeota embicou para êle. Apanhou-o além, junto do Boqueirão, tão perto da terra, que os pelouros galgavam por cima dela. Era uma barafunda que a gente não podia afemençar bem o que por lá ia. Mas os outros pescadores que recolheram, ainda puderam ver os da companhia atirarem-se ao mar, que p'los modos os enguliu. E aqui fiquei eu viúva, com êste fedelho para lembrança...

A Brianda, às furtadelas, limpou com a manga do saínho uma lágrima que lhe bailava nas pestanas crespas. E a vezinha carpiu, com umas tinturas de ironia:

-- Coitada! Mas não conservaste o dó por muito tempo!

— Que querias tu? O Pero Enxarroco andava à minha roça. Eu via-me sem um ceitil de meu para criar a pequena. Em menos de um ano casei com êle.

— E não te tens dado mal com o casório!

— Não, não — redarguiu a Brianda com certa indiferença, abanando o seio pujante num desenganado encolher de ombros. — Êste, sequer ao menos, é um paz de alma. Não me agatanha, como o João, que êsse, em estando com a pinga, puxava-me os cordelinhos da raiva...

— Mas tu a modo que ainda estás saúdosa dêle.

— Eu? Qual história! Deus lhe fale nalma, que o seu corpo, só o queria para lhe dar sepultura em sagrado. E quando chegar o Juízo Final, escusa de andar à cata dos meus ossos, que eu... Mas que mafarrico é aquele? — exclamou ela num sobressalto, aprumando a estatura desempenada.

E desatou a correr para o meio do terreiro.

A Leonor, aos guinchos, estrebuchava entre os braços peludos de um homemzarrão, cujas feições se perdiam no hirsuto da grenha e no matagal das barbas.

— Larga a menina, tunante! — bradou Brianda, acercando-se a tôda a pressa.

O homem obedeceu num pronto. Depôs a pequena carinhosamente nos degraus do adro, e voltou-se para a desfrêchada matrona. Depois rouquejou:

— Pois nem sequer me deixas beijar a minha filha, Brianda?

A mulher estacou, num pasmo. Arregalaram-se-lhe desmedidamente os olhos, os braços hirtos repeliram uma visão pavorosa, e pelos beiços, empalidecidos de súbito, coou-se um soluço mal articulado:

— João!

Baquearia certamente, se a mão robusta do homem não se lhe enganchasse pela commissura hiante do sovaco.

E ele foi dizendo:

— Descansa, mulher! Não sou uma alma penada. Aqui onde me vês, tenho tanta vida como tu. Não quis Deus que eu me afogasse no Boqueirão. A minha sorte nem por isso foi muito melhor, pois me cativaram os turcos da galeota, com mais seis companheiros. Roubaram-nos o pescado, e meteram-nos ao remo, numa das fustas. Assim andei uns tempos, a esfalfar-me na voga, rôto e mal comido, até que me luziu a esperança. Estávamos nós entre Tânger e Alcácer, quando vimos apontar umas velas empurradas a tôda a fôrça pelo levante. Era a armada do senhor D. Estêvão da Gama, que vinha de Ceuta. O perro do elche que nos capitaneava, muito manhoso, pôs-se logo a barlavento da armada. Mas quis Deus, movido por nos-

sas orações, que o vento rondasse ao ponente. Não vos digo nada! As caravelas da armada correram sôbre nós... um troar de bombardas que parecia que se acabava o mundo... em poucos minutos a galeota ficava desfeita, e via-se o mar coalhado de mouros e turcos que se afogavam entre os destroços. Grande quinhão apanhou o diabo naquele dia.

Brianda, palpitante, volvendo a si do pasmo que quási lhe arrebatara os sentidos, enlevava-se já tôda nas peripécias do drama. Á beira dela, meio escondida nas dobras da fraldilha a que se agarrara, a filhita contemplava com terror o barbudo mareante que gesticulava com ares de bárbaro triunfo. E a vezinha, atraída desde o comêço da scena, benzia-se estarecida, com vagas exclamações piedosas.

Mas o João Português baixara a voz, numa entonação de desalento:

— Por desgraça, a nossa fusta, mais pequena, logrou escapulir-se ao abrigo da terra. Coseu-se com a costa e saú do Éstreito. Os malditos levaram-nos para Argel, onde padeci vida de cão, enquanto se concertou a fusta. Depois voltei ao triste mister de galeote. A fusta andou um ror de tempo nas suas ladroíces, pelas costas da Andaluzia

e do Algarve. Até que, finalmente, topou conosco uma galé de Castela, e deu o devido castigo aos piratas. Turcos e mouros ficaram cativos. Eu e mais outro companheiro que lá andávamos, um João Rodrigues Toucinho, que era do Pôrto de Santa Maria, fomos logo soltos. Eu cá fui andando como remeiro, curtindo fomes e sêdes, até chegar ao Algarve. Mal sabes a gana do meu suspiro, quando pisei terra de portugueses! Fui até Lagos, onde se aprestava uma caravela para Arzila. Consegui que me embarcassem. Todo o meu anseio era abraçar a mulher e mais a filha que tinha cá deixado. Cheguei há pedaço, e deram-me logo notícia, sem me conhecerem, de que a minha mulher era já de outro... Mas a minha filha, essa é minha! — concluiu êle, devorando com olhos de lume a criança, que cada vez mais se cosia com a mãe. — Ninguém poderá tirar-ma!

— Espera, João! — arquejou a angustiada Brianda aconchegando a si a pequena, desviando com um gesto a mão felpuda e anegrada que se alongava. — Ninguém pensa em tirá-la... nem a ti, nem a mim!

— Nem a ti, nem a ti! — bramiu êle com as faces incendiadas. — Tu enjeitáste-la, quando enjeitaste a minha memória. Pesava-te a viúvez, Brianda! Nem sequer ao menos es-

peraste que os peixes acabassem de comer o meu corpo. Mas ela, a filha que Deus me deu, essa quero-a eu para mim. Tu fica-te embora com êsse mofino que te deu quebranto... O demo que vos leve aos dois, que ambos calcastes aos pés o santo sacramento! Não podeis ser felizes, se fazeis a vossa ventura da minha desgraça!

O rude mareante lagrimejava agora. A vizinha soluçava, numa ladainha de lamentos. E a pequena, num transe de pavor, atroava os ares de alaridos estrídulos.

— Cala-te daí, Leonor! — exclamou Brianda bruscamente.

Exaltada, aproximou-se mais do marido, pôs-lhe a mão no ombro que um velho alquicé mal vestia, e prorrompeu em voz fremente:

— E quem te disse que eu o quero a êle, agora que Nosso Senhor me deparou o meu homem? A nós é que Deus uniu para todo o sempre, a nós é que Êle abençoou dando-nos uma filha! O outro, que vá buscar outra mulher. Tu é que és o meu homem. Vem para casa, João.

A sua alma simples desatava assim os nós intrincados da bigamia. Apertada nos braços possantes do primeiro marido, ela chorava de contentamento, pendurando-lhe beijos na barba hirsuta.

Mas súbito, interrompeu o concêrto de apaixonados transportes e de graças ao divino. Com o rosto duro, espetou o grosso indicador para uma figura de burel pardo que se desenhava à bôca de uma rua, cortada por uma nesga de sol.

— Olhai! É Fr. Gonçalo! Já não me escapa! Há de pôr-me p'r'aqui todo o dinheiro que me chupou em missas pela tua alma, João!

Mascarada

I

Já a noite ia velha de duas horas ou mais, quando o esquife da caravela depôs na praia de Arzila o sapateiro Duarte Lopes e os seus sete companheiros de viagem.

É que o bom sapateiro, impaciente de regressar aos seus lares e de abraçar a espôsa, mocetona e gentil, não quisera esperar pelos alvares da manhã, já que a perícia do piloto conseguira escoar o navio, apesar da escurana, por entre a arrebentação branquejante dos cachopos.

— Dois cruzados para vós!— disse o bizarro artifice ao patrão do esquife, ao desencavalgar dos seus ombros possantes sôbre a areia húmida.

E atalhou logo o aranzel gratulatório, clamando alegremente para os outros passageiros:

— Por aqui, amigos! Segui-me até à porta da Ribeira, que aí nos darão entrada,

— Vaya, hombre! — bradou em castelhano um dos companheiros. — Não se vê um palmo adiante do nariz.

— Não importa! Segui-me na esteira, que as solas dos meus sapatos conhecem cada grão dêste areal, melhor do que os pelos que em tempos as cobriam.

Se não haviam de conhecer! Mais de meia dúzia de anos eram passados desde que o honrado mesteiral se estabelecera em Arzila, vindo de Tavira, sua terra. A praça africana era sua pátria adoptiva. Aí fizera ninho e fortuna. Não havia fronteiro ou fidalgo de nome que não recorresse aos seus bons officios para não andar descalço. Podia orgulhar-se que a obra das suas mãos tinha pisado largos tratos do território africano, revestindo pés ligeiros de almogavares. Êle próprio, valente como os mais arrojados moradores, os tinha muita vez palmilhado, como atalhador ou facheiro, seguindo alguma incursão de pilhagem dos campos mouros. E a sua presença era festejada por tôda a população da vila, como homem despejado e gracioso, avezado a entremear de boa chalaça a sua labuta profissional e as suas façanhas de guerra.

Era, pois, de ver a pressa com que êle furava as trevas, sempre chalrando e grace-

jando, rindo dos tropeções amiudados dos companheiros, que de ora em onde moldavam os focinhos numa mêda improvisa de areia, ou o balanceavam agarrando-se-lhe às abas do capeirão.

Seus olhos, ajudados pela viva memória, entreviam já claramente as muralhas fortes da praça, de onde êle se ausentara havia cêrca de três meses. Tinha ido à sua terra, em parte para matar saúdaes, mas sobretudo para grangear material que lhe permitisse alargar a sua indústria. Agora, casado havia um ano com uma mourisca que fôra escrava da condessa de Redondo, tardavam-lhe o remanso do tálamo e as delícias do viver doméstico.

— Estamos à porta da Ribeira — exclamou Duarte Lopes numa exuberância do contentamento.

E com o rijo bastão percutiu fortemente os batentes, em aldrabadas que repercutiram no ambiente lóbrego.

Mas seguiu-se um longo silêncio de expectativa.

— Diabo! — murmurou o sapateiro. — Parece que na vila choveu cozimento de dormideiras.

E repetiu, ainda com mais fôrça, a manobra.

Sentiu-se o descerrar de uma janela, que junto ao saimel se rasgava. E uma voz rouquenha ressoou de cima.

— Quem vive?

— Mercê de Deus! É gente de paz...

— Donde vindes? — atalhou a voz.

— Vimos de Tavira, numa caravela do reino. Não me reconheceis? Sou eu, Duarte Lopes, a quem deveis por certo o resguardo dos pés.

Mas o interlocutor invisível não estava evidentemente em disposição de retorquir no mesmo tom às facécias do sapateiro, porque redarguiu com rudeza pouco hospitaleira:

— Esperai!

E o ferrolho da janela guinchou, embebendo-se na umbreira.

— Amigos, resignai-vos a uns instantes de Purgatório, assim o quer aquele mofino S. Pedro — chasqueou o mesteiral.

Áquela hora, o conde de Redondo D. João Coutinho, capitão de Arzila, terminava gostosamente a sua ceia, na companhia de alguns fronteiros, mais da sua intimidade. Vibravam gargalhadas em roda do pospasto, como reverberando a luz reflectida na prata dos gomis, na douradura dos barnegais, nos labores das albaradas jagladas, no ouro das sobrecopas, no esmalte das porcelanas, no

topázio e no rubi dos vinhos, na casca polida ou rugosa dos frutos, na massa colorida das conservas, das girgiladas, dos cristalinos. E com festivo alvorôço foi acolhida a notícia, trazida pelo sobrerolda, de que o sapateiro folgazão, com outros adventícios, requeriam entrada na vila.

— Dai prestes as chaves, senhor capitão! — bradou alguém. — Já cá nos faziam mingua as graças de Duarte Lopes.

— Tanto como os borzeguins da sua lavra —olveu outro comensal.

E, sob as instâncias clamorosas do auditório, já o conde mandava pelas chaves da Porta da Ribeira, quando o seu veador António Rodrigues se inclinou para êle, segredando-lhe algumas palavras, as quais abriram um sorriso na sua grave contenença. A um acêno seu, acercaram-se em volta dêle os convivas, e o murmúrio do diálogo alastrou por entre risinhos abafados, como se algum projecto burlesco se andasse entre êles tramando. Por fim, o conde, cuja acquiescência manifestamente se solicitava, concluiu a prática com um gesto de assentimento, que foi saúdado com estrepitosas aclamações.

— Êles que esperem — disse D. João Coutinho ao sobrerolda. — Mas que ninguém lhes diga nada. E vós, ide em boa hora! — acres-

centou êle voltando-se para os seus convivas.

Precipitaram-se todos, um pouco exaltados pelos fumos do repasto, para fora da sala. E pelos angustos corredores e escadarias do castelo ecoaram algazarras galhofeiras.

Entremente, no recanto exterior, que junto à Porta da Ribeira formava a saliência de um bastião, os passageiros da caravela aglomeravam-se, impacientados pela demora. Havia entre êles dois estrangeiros, que com vigorosas pragas espanholas manifestavam o seu despeito.

— Maldito alcaide! — exclamou um dêles em castelhano. — Deixar-nos há passar a noite ao relento.

— Nem parece de cristãos êste castelo — disse o outro.

— É que a missa é de festa — acudiu o sapateiro. — Não espanta que o introito leve mais tempo.

Nestas e semelhantes práticas procurava êle mitigar o agastamento dos outros e a ansiedade dêle próprio, quando, da banda do Miradouro, um clamor estrugiu, alagando as trevas como uma ameaça de trovoadas.

— Mouros na praia!

Rebentou entre os passageiros o pânico. Ali sòzinhos, sem defesa, sem luz que os

guiasse, que seria dêles? Adiantaram-se alguns até ao ângulo do bastião, para descortinar no escuro, emquanto por sôbre as muralhas se pronunciava o alarme. Os olhos de Duarte Lopes, mais afeitos ao dilúculo estelar, lobrigaram manchas alvacentas, que do lado da Porta do Albacar avançavam, rodeando as muralhas.

— Parecem mouros, de feito — murmurou êle. — Por sim por não, vâmo-nos esgueirando para ao pé do Miradouro, onde gente de cavallo não pode chegar.

Mas os companheiros não o ouviam. O terror desorientava-os. Alguns, com a cabeça perdida, batiam desastradamente nos madeiros da porta, berravam para cima, implorando que, lhes abrissem, sem pensarem que o seu alarido atraía os inimigos. Outros fugiam ao acaso, no meio da escuridão, tropeçando, esbarrando uns nos outros, aos trambalhões, procurando a orla do mar.

Só os dois estrangeiros, depois de trocarem algumas palavras entre si, se conservaram plácidamente arrimados à muralha, como se o incidente não os affectasse em demasia. Apenas um dos passageiros seguira Duarte Lopes, enfiando ambos pela reinterância estreita que a tôrre do Miradouro produzia na cêrca.

— Cheira-me isto a cilada dos nossos — disse o esperto mesteiral ao companheiro.

Ao mesmo tempo, a cavalgada das aljaravias precipitava-se, aos gritos de «Alá!», sôbre os que haviam permanecido junto à Porta da Ribeira.

— Rendei-vos! — bradou em aravia uma voz possante.

Colhidos entre a muralha e os corcéis que escarvavam a areia, os mofinos nem tentaram resistir. Mas, ao passo que os mais dêles se lamentavam pelo cativo que os ameaçava, os dois forasteiros avançavam resolutamente para a quadrilha dos almogavares. E foi também em pura aravia que um dêles se dirigiu aos assaltantes:

— Vossos irmãos somos, gente do Islam. Somos mouros de Granada, e vimos a retomar a nossa fé. Só Alá é grande, e Maomet o seu profeta!

A declaração solene do granadino teve um acolhimento inesperado, apenas o almocadém pareceu transmiti-la em voz baixa aos seus sequazes. Foi êle próprio quem, com evidente custo, conseguiu abafar as gargalhadas que a saüdavam.

— Segui-me todos! — intimou êle.

Entre o esquadrão dos almogavares seguiram os cativos, contornando a cêrca, até à

porta do Albacar. E para todos foi uma surpresa, quando viram que os internavam no castelo.

— Arzila é, pois, dos mouros? — murmuravam uns para os outros.

Havia uma triste ansiedade no rosto dos portuguezes cativos e um sobressalto de júbilo na fisionomia dos dois forasteiros. E chegando-se ao almocadém, que já dentro da vila se apeava, estes diziam exultantes:

— Alá seja louvado, que nos deu Arzila!

A chama de alguns fachos avermelhava agora as ruas tortuosas. De todos os lados surdiam vultos alegres, trocando em bom português ditérios e chalaças. Mas os granadinos mantinham a sua fagueira ilusão, e continuavam a dizer ao almocadém, cuja barba espessa negrejava sob o capuz da aljaravia:

— Levai-nos sem demora ao alcaide mouro. Mussulmanos somos também, queremos voltar ao seio do Islam.

Nisto, ouviu-se uma voz galhofeira, que reboava sob a arcada lóbrega do Albacar.

— Salvè, António Rodrigues! Que bem vos mascarastes!

E, tocada de púrpura pelo clarão dansante, surgiu da sombra a figura gorducha de Duarte Lopes.

— Prazenteiro embuste! — acrescentou êle

rindo. — Mas a mim não me engrolastes vós todos, os da quadrilha!

Dirigia-se aos almogavares, que, deitando fora capuzes, aljaravias e camisas mouriscas, desnudavam gibões e pelotes de fidalgos, fronteiros e moradores. E, varados pelos apupos e vaias que rompiam da multidão jubilosa, os dois granadinos arregalavam olhares de pasmo, em que um vago pavor se esboçava.

— Homens! — disse o sapateiro, acercando-se dêles. — Tornai em vós, que estais em terra de cristãos. É a nossa Arzila, de onde é capitão o conde D. João Coutinho. E tudo isto não foi mais que prazer e folgar.

Uma gargalhada homérica retumbou, saída de centenas de bôcas, quando os fachos illuminaram vivamente os semblantes atónitos dos dois mercadores.

— Muito se vai divertir o conde — bradou António Rodrigues, contorcendo o alentado busto nas vascas do riso.

— E talvez que a almogaravia, apesar de fingido, não seja das menos rendosas — disse o astuto escrivão dos contos, que ali apparecera, enviezando os olhitos pardos para a cinta inchada dos granadinos. —

II

Aquele rebate nocturno alvoraçara a população de Arzila. Homens, mulheres e crianças, haviam acorrido à porta do Albacar, onde o tumulto da cavalgada lhes fazia crer que se tratava de um assalto de mouros, a valer. Mas logo a nova circulou entre êles, da galhofeira burla preparada ao sapateiro Duarte Lopes, e o sobressalto num pronto se transmutou em contentamento.

Ninguém mais alegre do que o próprio Duarte Lopes, que fôra afinal, de todos os adventícios da caravela, o menos enganado. E a sua alegria subiu de ponto, quando apertou nos braços a sua gentil mulher, a qual acudira à algazarra, mal imaginando a festiva surprêsa que se lhe deparava.

Mas o semblante prazenteiro de Duarte Lopes enublou-se ao de leve, quando um cavaleiro, galopando pelas vielas tortuosas, trouxe uma mensagem do capitão da praça:

— O senhor conde, como lhe conste que veem mouros entre os passageiros, manda que sem demora os levem à sua presença.

Obedecendo, a caravana encaminhou-se para o castelo, conduzindo os aturdidos forasteiros.

O conde de Redondo conservara-se na ampla quadra onde se havia realizado a ceia. Nela penetraram de roldão os fingidos almogavares, com a sua presa, e uma chusma de fidalgos e moradores, entre os quais se escondeu o sapateiro recém-chegado.

— Bemvindo, Duarte Lopes! — exclamou D. João Coutinho, cujo olhar agudo o distinguira num relance. — A modo que trazíeis convosco perigoso contrabando.

— Senhor — volveu o sapateiro gracejando — virai-me do avesso, se algo devo à fazenda. Os meus cabedais estão nos pés de Vossa Senhoria e de tôda a fidalguia de Arzila.

Riu-se do trocadilho o conde, e voltou-se para os dois granadinos, que António Rodrigues impelia, vencendo a sua relutância, para o círculo de claridade projectada pelas serpentinas de prata lavrada.

Depois de os fitar demoradamente, D. João Coutinho perguntou:

— Quem sois, e que vindes fazer a Arzila?

Um dos cativos, trangularhadanças magrizela e esguio, em cuja face tisonada rareavam pêlos de azeviche, como escalavradas sebes circundando a tórre adunca do nariz, tomou a palavra, tartamudeando em castelhano:

— Senhor, somos mercadores de Espanha.

Vínhamos comprar couros e cera para levarmos às nossas terras.

— Trazíeis, pois, dinheiro para fazer as vossas compras?

Houve uma visível hesitação nos dois homens.

— Respondei — intimou o conde.

— Sim, senhor conde — redarguiu finalmente o que falara. — Em dobrões de Espanha o trazemos.

— Deixai ver.

O homem alargou a cinta de couro que lhe franzia o pelote, e lentamente tirou dela um saquitel de puído damasco.

— Despejai aí na mesa — ordenou o conde.

Foi com sinais de evidente desgosto que os dedos nodosos e anegrados desfizeram o atilho do saquitel. Emborcado, jorraram dêle alegremente as belas peças de ouro, que dansaram chispantes, até se amontoarem à beira da mesa, saúdadas por exclamações festivas da assistência.

O outro forasteiro, porém, apesar das instâncias, marralheiro e sotranção, hesitava em seguir o exemplo.

Sacudiu-lhe o busto atarracado, dando-lhe um tremor às bochechas flácidas, a mão brutal do veador António Rodrigues, o suposto

almocadém da mascarada. E o seu vozeirão áspero retumbou entre pragas enérgicas:

— Perro, se lhe não despejas num pronto a fraldisqueira, despejo-te eu a alma do corpo!

— Eh lá, António Rodrigues! — exclamou o juiz André Leonardes, velhote espertinado e risonho, que pousara à ilharga do conde. — Não lhe corteis a cabeça às talhadas, como fizestes há tempos ao outro na brenha de Alhazana!

Celebraram os circunstantes com risos a lembrança do juiz. O sapateiro é que, perplexo, interrogou curiosamente:

— Que história é essa, não me direis?

— O senhor Luís de Atouguia que vo-la conte, Duarte Lopes. Êle é quem guardou o corpo de delito — redarguiu o juiz.

O fidalgo madeirense, a quem o juiz aludira, lembrou então a proeza de António Rodrigues. Os mouros, na atalaia do Malhão, tinham armado uma cilada. Mas, descobertos pelos nossos, desataram a fugir até se embrenharem na matinha de Alhazana. Ia no seu encalço uma cavalgada, à frente da qual se precipitou António Rodrigues...

— Atirei-me para a frente, pudera! — atalhou o veador do conde. — Estava em ânsias por vingar a morte de meus irmãos, Diogo e Francisco, e os ferros com que os bargan-

tes me haviam alanhado, de quando me perdera com João Coutinho.

— O que é certo — disse o juiz para concluir a narrativa — é que o nosso António Rodrigues, apenas entrou pela brenha, espetou um mouro de lado a lado com a lança, como se quisesse assá-lo ao fumeiro. Depois, arrancou de um grande terçado, meteu-se por entre os que fugiam, acercou-se do outro mouro... e aí é que fôra elas! De um golpe, cortou-lhe um pedaço de casco, como se fôra uma fatia de laranja, desceu-lhe com o terçado pelo pescoço até o embeber junto do ombro...

— Ficou em lascas, o excomungado do mouro? — inquiriu o sapateiro.

— Qual história! — redarguiu Luís de Atouguia. — Ficou vivo, remendado que foi pelo bacharel Francisco Guterres. Comprei-o eu, por mal de meus pecados. Lá o tenho em casa, de pescoço encolhido, a cabeça tôda repuxada para a banda das costas, porque a carne não deu para mais. Assim com o touço agarrado ao ombro, diabos me levem se não dá ares de um enxarrouco!

Durante esta diversão narrativa, o renitente forasteiro havia sacado da cinta os seus luzentes dobrões, que formavam novo montão junto aos do companheiro.

— De onde sois naturais? — perguntou o conde.

Os cativos entreolharam-se com hesitação, até que o conde renovou a pergunta, animando-os:

— Vamos! Não hajais mêdo, homens! Ninguém vos quiere mal! Respondei!

Tomou a palavra o mais esgalgado, titubiando um pouco:

— Nós somos de Aguilar, terra do marquês de Prego...

— Êsse é o meu amo! — bradou uma voz rouquenha, em puro castelhano.

Emergiu do meio da turba um figurão de catadura ríspida, alongando um braço meio nu, cerdoso e forte.

— Deveis, pois, conhecer esta gente, Diogo de Herédia — disse o conde.

— Ou êles me devem conhecer a mim — volveu o outro. — Não há ainda um ano que para aqui me homiziei... Vossa Senhoria bem sabe... por uns dares e tomares com um corregedor de Córdoba, que não ficou de boa saúde; mas a culpa foi dêle, porque...

— Bem! deixai a história, homem! — interrompeu D. João Coutinho. — Vêde se renovais com estes vossos patrícios o conhecimento.

— Vós não me conheceis, amigos? — pre-

guntou Herédia, virando-se para os dois forasteiros, os quais haviam empalidecido com a inesperada intervenção. — Dizei: como vos chamais? e vossos pais, quem são êles?

Depois de reiteradas instâncias, o mais faldador dos dois respondeu, visivelmente transornado:

— É que nós moramos em Aguilar, mas somos naturais da cidade de Granada.

— Mouriscos, não é assim? — interrogou o conde, abanando a cabeça em ar de mofa.

— Não, não, senhor capitão — acudiu o forasteiro com energia.

— Mas por mouriscos vos destes há pouco.

— Eu que o diga! — exclamou António Rodrigues, derreando o ombro do atarantado prisioneiro com uma punhada jocosa. — Em boa aravia me protestaste a fé do Islam!

— É que... — balbuciou o mísero. — É que... na verdade... nossos pais eram mouriscos... e por isso...

O conde segredou para um dos seus criados, e disse depois em voz alta:

— Vão-se tirar as dúvidas; mandei chamar Duarte Fernandes, um cristão novo que sabe da pôda... Êle encontrará no vosso corpo os sinais da circuncisão.

— Senhor alcaide, perdoai-nos em nome de Cristo! — bradou o homem cheio de ter-

ror, precipitando-se para o conde e prostrando-se a seus pés. — É verdade que somos mouriscos, e que vínhamos no intento de passar aos mouros. Mas agora, aqui nos tendes rendidos a vosso serviço...

— Para meu serviço vinha o burlão que é bom oficial de sapateiro! — explodiu Duarte Lopes, no meio da galhofa geral.

— Muito me contaís, amigo! — disse o conde. — Sabeis-lhe, pois, das prendas?

— Sabia só das que condiziam com o meu officio. Mas à fé de quem sou, supunha-o bom cristão.

— E o outro?

— O outro afiançava ser experimentado serralheiro. E para Arzila vinha, dizia êle, trabalhar pelo officio.

— Pois pelo officio trabalharão ambos, mas como cativos meus que ficam sendo — sentenciou o conde de Redondo. — Quanto ao dinheiro... já o contastes, amigo?

Dirigia-se ao escrivão dos contos, o qual se tinha occupado da contagem dos dobrões de ouro.

— Tresentos cruzados de boa moeda — replicou o escrivão.

— E de boa presa — acrescentou o conde sorrindo. — Vão ser arrecadados para a minha fazenda.

— E eu fico sem o meu official — lamentou-se Duarte Lopes. — Vão-se para o bôlso de Vossa Senhoria os cabedais da minha loja.

— Amigo, bem vos dizia eu — segredou-lhe o escrivão dos contos, envesgando o olhar ladino para o conde. — A almogavaria foi rendosa, mas não para vós. Guardado está o bocado...

— Para quem tem maiores uchas — concluiu o bom do sapateiro, encolhendo os ombros em ar de resignação.

Os repentes do conde de Redondo

Uma manhã de domingo, el-rei D. João III dirigiu-se, conforme o seu hábito, ao Hospital de Todos os Santos, para ouvir missa na capela. Era uma reduzida mas brilhante calçada, a que lhe formava o séquito, alvoroçando os moradores dêsse meandro de vielas tortuosas que então constituía a cidade baixa, desde o Terreiro do Paço até ao Rossio. Familiar aos bons burgueses era a maior parte das fisionomias que, sôbre gibões de veludo e sêda e sob gorras flamantes de firmas preciosos, oscilavam ao trote dos corcéis ajaezados de prata. Assomando às janelas rasgadas nas salientes barrigas da casaria, as mães apontavam a dedo os cortezãos à criançada extática: o conde da Castanheira, o esbelto favorito do monarca; o conde de Vimioso, alquebrado pelos anos; o barão de Alvito, hirto e solene na sua lôba negra; o velho D. Fernando de Castro, o Magro, corpo perdido nas ensanchas do tabardo;

outros e outros fidalgos cujos nomes sonoros enchiam de orgulho as bôcas que os pronunciavam.

Mas entre êles, logo na peügada de el-rei, chamava as atenções, pelo exotismo da sela xerqui e das guarnições mouriscas do seu cavalo argel, um cavaleiro troxado de carnes, em cujo rosto tismado dos sóis os olhos azulados chispavam de malícia. E só raros alviçareiros tinham o privilégio de o nomear.

Era o conde de Redondo, D. João Coutinho, recém-chegado de Arzila, onde, com escassos intervalos, durante cêrca de trinta anos exercera brilhantemente a capitania. Com a fama das suas proezas se entremeava o festejo dos seus ditos argutos. Porque o duro mister das armas não lhe embotara a agudeza do espírito.

Desembocou a comitiva da rua dos Escudeiros. Na sua frente agrupavam-se as tendinhas do Rossio, impando de hortaliças e frutas. E por entre elas, desatendendo convites de colarejas e regatões, escorria o povolêu ao encontro do luxuoso espectáculo, ao passo que das ruas vezinhas, na mesma ânsia, confluíam torrentes de gentio em andainas domingueiras.

Parou o cortejo em frente da larga escadaria, sôbre a qual bocejavam, estadeando

primores de escultura, os arcos manuelinos. Pagens e homens de armas abriram uma clareira na multidão curiosa. Os fidalgos começaram a desmontar, atirando as rédeas aos eguariços. E enquanto todos acudiam junto à régia montada e, curvo o joelho, o monteiro mor ajudava Sua Alteza a descer, um inesperado episódio promovia, primeiro um sobressalto ansioso, e depois o riso, aos circunstantes.

O conde de Redondo, ao descavalgar, caíra com o cavalo, rolando por terra o corpo atarracado e obeso.

Não foi dos menos ruídosos o riso com que Sua Alteza saüdou o desastre. Com a queda dos vassallos usam folgar os reis, a não ser quando, esteios do trono, possam prejudicarlhe a segurança.

Levantou-se logo o capitão de Arzila, sacudindo afanosamente a coura de setim carmezim turva da poeira. Já desmontado, voltando-se para êle, o rei perguntou:

— Caístes, conde?

Rápido, alçando o olhar irónico, o conde redarguiu:

— Redondo no chão.

E o efeito do trocadilho foi mais hilariante do que o da queda.

Todo aquele dia, e ainda nos seguintes, se

celebrou na côrte o repente. Outros ditos porém, passando de bôca em bôca, não tardaram a firmar a celebridade que por seus chistes e audácias D. João Coutinho já trazia de África.

E, no entanto, era bem triste para êle a conjuntura.

Encandeado pelas façanhas do Oriente, desanimado pelos desastres na costa marroquina, o último dos quais, a perda do Cabo de Guér, fôra ruídosamente trágico, el-rei de Portugal começava a pensar no despejo das praças de África.

Que amargura seria a do conde de Redondo, representante da dinastia dos Coutinhos, tão célebre nos anais de Arzila como a dinastia dos Menezes em Ceuta, em Alcácer, em Tânger!

Desde os longínquos tempos de D. João II que o sangue de seu pai, o conde de Borba, D. Vasco Coutinho, servira para cimentar as pedras da fortaleza de Arzila e para avigorar o rubro da cruz de Cristo sôbre essas pedras desfraldada. Como sagrada relíquia, já transmitira a seu filho D. Francisco, o actual capitão da praça, a riquíssima saia de malha que D. Vasco tomara ao alcaide de Alcácer Quibir, Cide Talha Laroç, por êle aprisionado num combate homérico. E por tôda

essa extensa comarca, que se estendia da serra de Benagorfate até ao Oceano, coalhada de abastados aduares, campos férteis de lavoura, viçosos pascigos, o nome dos Coutinhos ressoava como um açoite da mourama e uma glória das quinas portuguesas.

Por isso o conde de Redondo sentia Arzila presa ao seu coração heróico. Largá-la, equivalia para êle a rasgar-lhe no peito uma brecha por onde se esvaíria o próprio sangue.

Ali na côrte, porém, contra aqueles que intentavam mutilar a pátria pela ressecção do Algarve de Além Mar, não podia servir-se das mesmas armas com que lutara para o incorporar na terra portuguesa. A sua arma era agora o sarcasmo, lampejando como a espada por meio da turba palaciana, até nas próprias bochechas do rei de Portugal.

D. João III pretendia ressalvar com alheios pareceres a sua responsabilidade no cobarde intento. Innúmeras foram as consultas aos grandes da côrte, aos dignitários, às municipalidades, para se acobertar com uma opinião favorável. Não podia esquivar-se a consultar o conde de Redondo, experto nas coisas de África, muito embora previsse que o seu parecer não lhe lisonjearia os intentos.

Quando el-rei lhe falou no assunto, D. João Coutinho desatou a rir.

— De que rides, conde? — perguntou o monarca com severidade.

Com o maior desassombro, o conde respondeu, sem moderar o riso:

— Senhor, lembrou-me um caso sucedido a Alexandre Magno, que se conta para mostrar a sua grande liberalidade. Foi isso o que me fez rir.

— Contai o caso, se é que vem a pêlo — disse o rei com a mesma catadura carregada.

— Pediu-lhe um homem pobre um dote para casamento de sua filha. Alexandre da Macedónia não esteve com meias medidas: deu-lhe uma cidade. Ora eu vejo que Vossa Alteza é muito mais liberal, pois quer dar cidades sem ninguém lh'as pedir.

Depois desta coartada, não devera de ser em extremo cordeal a despedida. O conde, porém, saiu da sala com o mesmo aspecto despreocupado e risonho com que entrara.

Na antecâmara, vários fidalgos conversavam. Num dos grupos, gesticulava animadamente Fernão d'Álvares de Andrade, escrivão da fazenda de el-rei, a quem se attribuía a maior insistência no projectado abandonô das praças de África. Sôbre o assunto falava por certo, visto que se calou, um pouco enleado, ao perceber a aproximação do conde,

cujá opinião adversa era por demais conhecida.

D. João Coutinho não se perturbou com o silêncio embaraçado que o acolheu. Saíudou cortêsmente os circunstantes, e inquiriu o escrivão de fazenda sôbre a sua abalada saúde.

— Mercês, sr. conde — replicou Fernão d'Álvares. — Achacoso sempre. Dôres pelo corpo, e um fastio de morte...

Com mágoa irónica, o conde atalhou-o:

— Pesa-me, sr. Fernão d'Álvares. Quero crer, porém, que o vosso maior fastio seja o de África.

E sem aguardar resposta, afastou-se com um novo e cerimonioso cumprimento.

Ao chegar à porta, ladeada por dois immóveis e solenes alabardeiros, houve uma ligeira colisão entre êle e um juvenil fidalgo que ia também saindo. Era êste D. João Pereira, filho do conde da Feira, gémeo com o morgado D. Diogo.

Polidamente o mancebo desfez-se em desculpas, arredando-se para dar passagem ao encanecido capitão de Arzila. O conde agradeceu a deferência, e disse-lhe sorridente:

— Vêdes, sr. D. João? Se vós não fôreis assim cortês de nascença, não teríeis perdido o morgado.

O seu vulto roliço foi mergulhando pela escada marmórea do paço. A meio dela, encontrou um fidalgo com quem se deteve um instante a conversar. O fidalgo ambicionava ir como fronteiro para a África, a fim de alcançar uma comenda.

— Tende paciência, e esperai mais algum tempo — disse-lhe o conde anediando a barba grisalha. — Não tardará que as comendas se ganhem no Algarve.

— Ora pois! — exclamou o fidalgo com uma gargalhada. — Ficar-nos hão menos caras.

— Nem por isso — redarguiu D. João Coutinho, abanando a cabeça cheia de malícia. — Receio que por cada caravela de carvão seja preciso mandarmos quatro de armada... A não ser que queiramos também dar o carvão de presente aos piratas mouros.

Com uma ligeira vénia, continuou a descer para o terreiro, onde o esperava um nervoso alazão.

Durante os dias subseqüentes, continuou a freqüentar o paço e a ser recebido nas audiências particulares de el-rei, sem nunca desmanchar a atitude fleugmática. No seu íntimo, porém, referviam-lhe as iras. Como patriota, via que se adiantavam rapidamente os passos para o desamparo das praças marroquinas; e pessoalmente sentia-se agravado

pelas delongas de um justo despacho que desde o seu regresso andava requerendo.

Até que uma vez perdeu as estribeiras.

Foi numa das salas do paço, quasi contígua aos aposentos da rainha. Encontrara-se ali acaso com o seu velho companheiro de armas Vasco Fernandes César, e queixava-se acerbamente da desatenção em que era tido o seu requerimento, culpando por isso o secretário de Estado.

— Não é dêle a culpa, conde — afirmava Vasco Fernandes. — Eu vos asseguro que bastantes vezes êle tem insistido com Sua Alteza para vos dar despacho. Mas el-rei muda logo de assunto e...

O conde de Redondo interrompeu-o violentamente com uma imprecção plebeia:

— Pois el-rei que vá...

Se eu dispusesse da autoridade de Vitor Hugo, diria claramente, ou antes sujamente, qual a matéria que o conde tinha o desprante de enfiar pelas goelas régias. Assim, deixo ao espírito do leitor que supra adequadamente a reticência.

O certo é que a brutal praga, enunciada em voz possante, sobressaltou o próprio Vasco Fernandes, pouco dado a terrores.

— Caluda! — sussurrou êle, apontando para uma cuvilheira da rainha que neste mesmo

instante atravessara a sala com os ouvidos recheados da sórdida praga.

Não sei se foi por cautelosos eufemismos que ela passou para os ouvidos da rainha, e por bôca desta para os de D. João III. Mas quando no dia seguinte o conde de Redondo penetrou na câmara onde Sua Alteza conversava com os seus íntimos, a carranca real denunciou-lhe sem sombra de dúvida que a sua intimação fôra recebida, se não obedecida, pelo próprio.

O conde remeteu-se a um circunspecto silêncio, ouvindo a conversação que animadamente prosseguia.

Tratava-se de saber qual era a bebida mais conveniente na quadra do calor que ia correndo. Opinavam uns pela água serenada, isto é, resfriada ao relento da noite. Outros preferiam, como mais saudável, a água salitrada. Os mais epicuristas proclamavam as excelências da água nevada com um dêsse transparentes pedregulhos, vindos da serra da Estrêla, que os vendedores ambulantes apreçoavam pelas ruas de Lisboa.

No meio da acesa disputa, el-rei mantinha-se perplexo. De repente, vibrou no âmbito da câmara a voz sonora do conde de Redondo:

— Senhor — disse êle — beba Vossa Alteza a água serenada. E quando o aconselharem a beber outra coisa, não aceite o conselho.

O cavalo de Jorge de Albuquerque

I

Quando, da varanda do Paço da Ribeira, el-rei D. Sebastião viu o soberbo corcel ruço queimado, em que Jorge de Albuquerque Coelho andava floreando pelo Terreiro, uma flâmula de entusiasmo se lhe acendeu nos olhos de um azul metálico.

— Onde desencantaria Jorge de Albuquerque aquele formoso ginete? — perguntou êle ao seu valido Cristóvão de Távora.

E como o valido não soubesse dar-lhe informação, el-rei prosseguiu em voz mais baixa, dando um suspiro:

— Por minha fé, que bem desejara apertar-lhe entre os joelhos os ilhais opulentos, numa montaria em Almeirim ou em Sintra.

Todo o seu espírito fragueiro e cavalheiresco se embevecia no harmonioso das curvetas, na majestosa compostura do trote, no garboso engalar do pescoço, no ligeiro e rítmico do campear, na impetuosidade magnânima do

galope, na arrogância fidalga das upas. Era bem um corcel digno de um rei, por mais galhardo e valente que fôsse o cavaleiro, de momento ostentando sôbre a sela cordovesa os primores da sua equitação.

Cristóvão de Távora insinuou brandamente, debruçando-se por seu turno no parapeito de mármore :

— Bom remédio tem Vossa Alteza ! Por feliz se dará Jorge de Albuquerque em ceder ao seu rei um animal de estimação.

— Estás seguro disso ?

— Ou não fôra êle um fiel servidor de Vossa Alteza.

Mas as profecias de Távora não se realizaram. Procurado nessa mesma tarde, instado nos dias seguintes, por agentes e corretores, Jorge de Albuquerque não se resolveu a desfazer-se, mesmo em favor do monarca, do magnífico ginete que fazia a inveja de tôda a côrte. Afagando-lhe as ancas sedosas, apalpando-lhe os jarretes elásticos, anediando-lhe a crina emplumada e a cola abundante, o cioso fidalgo murmurava no silêncio da sua estrebaria :

— Ninguém me apartará de ti, meu nobre amigo !

A ponto chegou contudo a caprichosa coíça do rei, que uma vez esqueceu a sua discrição hierática, e numa das salas do Paço

interpelou directamente Jorge de Albuquerque, que viera beijar-lhe a mão :

— Porque não me vendeis o vosso cavalo, Jorge de Albuquerque ?

O fidalgo encolheu os largos ombros cingidos numa coura de tafetá pardo, e redarguiu, cravando a vista firme nos olhos frios do soberano :

— A Vossa Alteza sobejam corcéis de boa estampa. Deixe-me êste, para eu nêle melhor o poder servir.

D. Sebastião, sem disfarçar o despeito,olveu bruscamente as espaldas, e seguiu por entre as alas recurvadas dos cortesãos.

II

Cousa de seis meses volvidos, no dia 4 de Agosto de 1578, nos campos alongados entre o rio Lucus e o Guad el Mkhazen, consumava-se o desbarate formidável das hostes cristãs.

A meia lua do exército agareno de Mulei Maluco apertara-se como uma tenaz de ferro, esmagando entre as hastes potentes as desvairadas legiões de D. Sebastião. Ao famoso e sinistro «Ter, ter!» ressoando como um

diabólico brado de ignomínia entre os terços que renunciavam vitória, seguira-se a derrota e a fuga. Alfanjes e cimitarras encontravam débil rechasso em carnes de cristãos. O faím das lanças mouriscas aguilhoava o insano tropel dos fugitivos. Destroços innúmeros, cadáveres mutilados, corpos de agonizantes, peças de arneses, farrapos de viaturas, embargavam aos míseros o caminho do salvamento. A morte de que fugiam, iam encontrá-la nas águas do rio, vermelhas de sangue, carreando restos humanos, soberbas por terem engulido o xerife Mulei Moamed, o aliado dos portugueses.

Lamentável batalha, em que todos os chefes se sumiam! No arraial mourisco, era o cadáver de Mulei Maluco que já comandava, de dentro das cortinas de uma liteira. No meio da desordenada turbamulta dos nazarinos, os olhos procuravam debalde a estância do rei português. Fidalgos iludidos pelas aparências, ambiciosos de defender o seu rei, acorriam para o estandarte real, que ondulava sustido pelo alferes mor D. Luís de Meneses, e davam a vida por aquele farrapo simbólico, não podendo trocá-la pela do soberano perdido. Na confusão medonha, entreviam-se pormenores estranhos: os roquetes róseos dos bispos de Coimbra e do Pôrto, em

cujas mãos, afeitas ao báculo, floreteavam lanças; o barão de Alvito, correndo à doida através dos inimigos, com um barrete vermelho entre os dentes; carretas solavacando em desfilada lúgubre, onde, desgrenhadas e lívidas, clamavam iças e mogueiras; roupetas negras de jesuítas, hábitos pardos de estamenha e burel, flutuando por entre a brunidura dos cossoletes; magotes de aventureiros, como alcateias de animais bravios, entumecendo a algazarra de pragas italianas, espanholas, tudescas; heróicos arranques da mais estremada nobreza de Portugal, esvasiando as veias para dar polimento aos braços, abrindo ruas de cadáveres pelo meio dos esquadrões da mourama...

Quási à tóa, cavalgava pelo campo, primeiro de lança em riste, depois de espada erguida, o rei D. Sebastião. Seguiam-no o seu lial valido Cristóvão de Távora e o pagem do guião D. Jorge Telo. Dois cavalos haviam baqueado entre os seus vigorosos joelhos, e aquele que o ia levando manquejava, ferido de uma escopetada. Mas corria sempre, numa titubiante galopada, empapados na poeira o suor e o sangue, atropelando, martelando, esmigalhando, ventas arfantes, crina erriçada, patas rompentes. Sôbre uma almatricha esfrangalhada, aprumava-se o corpo do rei de

Portugal, envolto em armas pretas ligeiras, o murrião amolgado, o cabelo quási ruivo mais acrescentando o algente da tez, um fio de sangue escorrendo pelas juntas do braçal, sempre dominador e soberano, rugindo, bracejando, esfacelando, marcando cada anélito com um golpe certo da espada lampejante.

E assim cortava as mangas densas e apavoradas dos africanos, como fouce em cerrada messe, indiferente aos assaltos, insensível à dôr física, ao calor extenuante, às violências da fadiga, ao espêsso alarido, aos urros de raiva e aos gemidos de agonia, com o desespero de ver frustrada pelo destino a sua missão divina, com a ânsia de uma bela morte que lhe estirasse pelos séculos fora a vida curta. Até que se encontrou fora do âmbito da peleja, junto de uma moita, por onde perpassava um padre da Companhia de Jesus.

— Padre Francisco Álvares, que fazeis aqui? — perguntou-lhe êle em voz rouca do descompassado bradar.

E o religioso, ao reconhecê-lo com um sobressalto, redarguiu:

— Senhor, estou acompanhando Jorge de Albuquerque Coelho, que além vêdes muito mal ferido.

Jorge de Albuquerque, a poucos passos, mal se podia ter a cavallo, arrimado a uma carreta desmantelada, bamboleando e estorcendo-se sôbre a sela bastarda. Ferira-o uma arcabuzada na verilha direita, ondulava-lhe no peito uma seta encravada, jorrava-lhe sangue a esmo da cabeça e dos braços lanhados. Ao aproximar-se o rei, êle soergueu o busto dorido, e perguntou ansioso:

— Senhor, como vem Vossa Alteza?

— Eu estou bem, mercê de Deus! mas o meu cavallo é que não pode dar passada.

Assim disse D. Sebastião, estacando junto dêle, ofegante, e encarando-o com um assômo de piedade no olhar convulso. E Jorge de Albuquerque redarguiu serenamente:

— Tome Vossa Alteza êste meu cavallo, que ainda está bom, e salve-se. Alguém que me ajude a descavalgar, que eu não posso.

Acercaram-se logo o religioso e mais dois soldados que haviam acorrido na peúgada do monarca, Damião de Freitas e o cavaleiro Álvaro Gil, morador em Tânger. E enquanto carinhosamente desmontavam o fidalgo, em cujas faces se desenhavam contracções de dôr, o rei contemplava o ginete ruço queimado, nervoso e nobre, que sacudia a elegante cabeça, fazendo tilintar a prata dos jaezes.

— É o mesmo — murmurou êle para Cristóvão de Távora.

— É o mesmo — repetiu o valido.

E ambos pensavam nas coincidências amargas do destino, confrontando o estrépito furibundo da batalha, os transes alanceadores da derrota, o acenar da morte iminente, o desmoronar trovejante de uma monarquia, com a visão rediviva do garboso fidalgo, no seu gibão ornado de telilha de ouro, recortando em galantes volteios a amplidão lisa do Terreiro.

A clara rigidez dos olhos régios amenizou-se de lágrimas, ao ver o corpo de Jorge de Albuquerque estiraçar-se na sordidez da gleba que lhe bebia o sangue. E a sua voz imperiosa teve um raro quebramento de mágoa:

— Quanto me pesa ver-vos nesse estado, Jorge de Albuquerque!

— Lamente-me Vossa Alteza porque não me é dado acompanhá-lo e defendê-lo. Salve-se quanto antes, e morra eu muito embora. A minha vida é só minha. A vida de Vossa Alteza é a vida de Portugal.

Levando-o com cautela, o religioso e os soldados procuravam agora alçá-lo para a desmantelada carreta, emquanto o rei, ajudado por Cristóvão de Távora e por D. Jorge Telo, lograva finalmente, no extremo da angústia, cavalgar o ambicionado corcel.

Despediu-se do seu dedicado servidor com um acêno rápido, e numa vigorosa arrancada foi mergulhar de novo na refrega tremenda.

— Senhor, senhor — bradou Jorge de Albuquerque, concentrando nesse grito as forças decrepitanes — não é êsse o caminho da salvação.

E mal ouviu a réplica do rei de Portugal, que de longe clamava:

— É o caminho da morte com glória!

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	5
O Aléo.....	9
Uma sortida em Ceuta.....	19
A vida pelo rei.....	27
A bêteira.....	37
Nunca-está-quêdo.....	47
O rebate.....	57
O endemoninhado.....	69
Agoiros.....	89
Mercê tardia.....	99
A Suiça.....	109
Sangue de Menezes.....	129
Devoção de amor.....	155
Vasco Fernandes César.....	165
Brianda Vaz.....	203
Mascarada.....	213
Os repentes do Conde de Redondo.....	233
O cavalo de Jorge de Albuquerque.....	243
